

**POR QUE A ACADEMIA
CONVIDOU MONTEIRO
LOBATO ?**

FALAM OS IMORTAIS



CINCOENTENARIO DA CONFEITARIA C O L O M B O

O meio centenário da Confeitaria Colombo, que se comemorou no dia 17 deste, não foi apenas uma data de grande relevância para o nosso comércio. A posição daquele estabelecimento na tradição da nossa poesia e da nossa literatura, fez com que a efemeride tivesse um cunho de acontecimento artístico, um jubileu significativo para todos os homens de letras.

Comemorando a passagem da festiva data, a firma França & Cia., proprietária da tradicional confeitaria da rua Gonçalves Dias e a diretoria da S. A. Fábrica Colombo, fizeram celebrar, às 9 horas na igreja da Candelária, missa em ação de graças pelo auspicioso acontecimento.

Em seguida foram visitados os túmulos dos sócios, interessados e empregados das duas firmas já falecidos.

Num gesto altamente simbólico, foram cobertos de flores os mausoléus de escritores e jornalistas entre os quais os de Olavo Bilac, Coelho Neto, Pedro Rabelo, Goulart de Andrade, Plácido Junior, Alberto Ramos, Alvares de Azevedo Sobrinho e José do Patrocínio, cujos nomes se encontram ligados à história da Confeitaria Colombo e à inolvidável crônica da boêmia literária do Rio de Janeiro.

Da missa em ação de graças, rezada por ocasião da passagem do quinquagesimo aniversário da Confeitaria Colombo, são as três fotos que ilustram esta página.





O MODELO E A OBRA — RETRATO DO AUTOR DE "URUPÊS" FEITO PELO PINTOR CESARIO BERNALDO DE QUEIROZ E COLOCADO EM LUGAR DE HONRA NA SALA DE TRABALHO DE MONTEIRO LOBATO EM SUA RESIDENCIA. QUANDO ALI ESTIVEMOS, FOI O QUADRO RETIRADO DA PAREDE PARA SER FEITO O FLAGRANTE ACIMA, VENDO-SE AO LADO O MODELO, PROCURANDO REPRODUZIR, TANTO QUANTO POSSIVEL, A POSE FEITA PARA O PINTOR ARGENTINO.

MONTEIRO LOBATO

FALA DA ACADEMIA, DÊLE MESMO E DE OUTROS ASSUNTOS

DUAS DEMORADAS PALESTRAS, EM SÃO PAULO, COM O AUTOR DE "URUPÊS" — NO OLIMPO TUDO SERÁ MELHOR! — HISTÓRIA DE UM CAÇADOR DE BORBOLETAS E DAS LATAS VASIAS — TUDO É LATA, PURA LATA, NESTE MUNDO! — TEM A PALAVRA A EMILIA — IRÁ MESMO OCUPAR A CADEIRA DE ALCIDES MAYA? — PETIT-TRIANON, MARIA ANTONIETA, ETC., ETC. — AS CRIANÇAS NA LITERATURA DE LOBATO — CINEMA? NÃO! — UM GALO NA TESTA — OS BICHOS E AS LENDAS — M. L. "VERSUS" M. L. — QUE É FEITO DE JECA TATÚ? — O "CASO" DE HUMBERTO DE CAMPOS E OUTROS "CASOS"

(Reportagem de **CELESTINO SILVEIRA** — Fotos de N. PRADO)

MONTEIRO LOBATO tem seu escritório instalado bem no coração de São Paulo, em pleno triângulo. É na aquela velha loja da rua Quinze, na Livraria Civilização, editora de grande parte de seus livros, que atende os amigos. Quando pela manhã telefonamos para a casa do escritor, na Aclimação, ele, depois de negacear, afirmando não haver

motivo algum para dar entrevista, acabou concordando: — "Hoje à tarde, na Civilização". E foi na Livraria que se deu nosso primeiro encontro: — "Este é o meu escritório, aqui mesmo, de pé... Um escritório caríssimo, nem imagina! Pago uma fortuna... dando os meus livros a esta gente para vendê-los..."

Em realidade, não há escritório algum,

porque tudo é simbólico como as histórias de ficção do autor, feitas para crianças e devoradas por muitos adultos, com a maior gula. Mas não menos certo é que ali, nos corredores de prateleiras cobertas de livros e mais livros, Monteiro Lobato atende os amigos, dá e recebe as encomendas da mocinha da "caixa", sela as cartas que escreveu em casa e entrega

a um empregado para serem encaminhadas ao correio.

— Pois que desejam de mim, lá do Rio? — vai indagando, com um ar de homem displicente, pouco ou nada ligando às coisas que o cercam, mas verruando com os olhos muito vivos os livros expostos, e sempre desenhando aquela sorriso de grande céptico, mal esconden-



PAI E FILHAS — NA VARANDA DE SUA RESIDENCIA, NA ACLIMAÇÃO, MONTEIRO LOBATO LADEADO PELAS DUAS FILHAS: MARTHA, À ESQUERDA, CASADA COM O PINTOR JURANDYR CAMPOS, E À DIREITA RUTH.

do — quem sabe! — um sempre eterno sonhador.

Dissemos ao que íamos. Era necessário conhecer-lhe a reação quanto ao anunciado convite da Academia Brasileira de Letras para ocupar a cadeira de Alcides Maya. Teria sido realmente convidado? E, em caso afirmativo, estaria disposto a aceitá-lo? De qualquer modo, que juízo formularia Lobato da Casa de Machado de Assis, do momento literário e de tantos outros assuntos em plena efervescência?

4 Talvez a entrevista fôsse resolvida ali mesmo, se terceiros não aparecessem, roubando o personagem central do serviço ao reporter. Não é impunemente que se destrula o renome de escritor consagrado. Deve pagar-se um tributo à fama — e foi esse tributo que vimos Monteiro Lobato pagar, atendendo a ilustres conhecidos ou desconhecidos. Só nos intervalos conseguíamos ouvi-lo:

— Meu amigo, sei tanto do falado con-

vite da Academia quanto você mesmo. Só o que foi publicado. E, ainda assim, talvez tenha perdido alguma coisa.

— Não recebeu convite?

— Nenhum.

— E admitindo-se que venha a ser eleito?

— Não posso impedir que me elejam, seja para o que for.

— Quer dizer que não comparecerá à cerimônia da praxe?

A gargalhada franca e companheira inseparável do escritor faz-se ouvir, espoucando em grande forma. E diz-nos então que jamais se conceberia fardado, com o uniforme clássico da Academia e aquela espadilha pendurada à cintura. Positivamente, nunca!

Depois a conversa foi desviada, outra vez, para outros motivos. Falou-se de tudo muito — e de literatura quase nada. Os ilustres amigos e desconhecidos continuavam desfilando, e de tal modo que preferimos transferir o segundo capítulo

da "grande novela" para melhor ocasião. Foi Lobato quem nos convidou, nessa altura, a visitá-lo em casa. Lá talvez o deixassem em paz, permitindo-nos a ambicionada palestra. Que fôssemos na manhã seguinte, bem cedo. Com o fotógrafo? Para que fotógrafo, senhores?!

— Não sei não, mas talvez minha mulher o expulsa... Ela é quem manda lá dentro...

E foi ainda com os ouvidos tomados pela nova gargalhada, estrondosa, sadia e franca, que nos retiramos da livraria da rua 15. Lá dentro — pobre consagrado Lobato! — ele ficava às voltas com os ilustres conhecidos e desconhecidos. Nós salmos vitoriosos na primeira etapa. Diversas pessoas, desde quando saltáramos na estação do Norte, procuravam demover-nos do propósito de ouvir o homem que menos gosta de conversar com gente de jornal. Exatamente porque sempre foi jornalista. E por ocasião da "espanhola", em 1918, quase redigiu o "Estado de São Paulo" inteirinho...

LOBATO NA INTIMIDADE

A rua Alabastro fica distante, na Aclimação. É uma rua nova, aberta não faz muito tempo. Tão nova que o *chauffeur* ignorava-lhe a existência. Nós acreditávamos piamente na ignorância do bom homem. Já o fotógrafo, ao nosso lado — sujeito incrível! — punha em dúvida o não-saber do *chauffeur*, preferindo admitir que as marchas e contra-marchas do carro visavam, apenas, aumentar os alargamentos no relógio.

Enfim, damos com a casa. Pagamos a corrida. Estamos invadindo o reduto encantado do homem que mais tem divertido as crianças brasileiras nestes últimos dez anos. Não sabemos por que, veio-nos à memória o "Sítio do Picapau Amarelo" — idéia que logo se associou aos personagens divertidos uns, tenebrosos outros, sábios ainda outros, dos livros de "seu" Lobato. Mas tudo aquilo talvez não exista, na realidade, cedendo lugar à "torre-de-marfim" do escritor que já foi industrial e resolveu confessar, de público, ser mais fácil — para ele — enriquecer redigindo histórias que zelando os "conta-corrente" de seus negócios. Apertamos o botão da campainha e não tarda que o próprio Lobato venha abrir-nos a porta, metido no seu casaco de pijama supinamente burruês, as sobranceiras maciças — ah, as sobranceiras de Monteiro Lobato, como franzem, meninos leitores das histórias de tia Bental — e os dedos nervosos, sempre apertando-se, talvez ressentidos da falta do lapis, tamborilando aqui, acolá, beliscando sempre uma folha de papel, uma lombada de livro, seja o que for...

Entramos. Lobato põe-nos à vontade, pedindo desculpas do que ele julga ser o desarranjo da casa. Não sabemos o que se compreenderia, então, por uma vivenda confortável, bem posta, com todos os móveis em seus lugares... Mas aparece dona Purezinha, esposa do romancista, fortalecendo os pedidos de desculpas. Estão ali "acampando", sem estarem as coisas onde deviam estar... E na verdade dona Purezinha não pode disfarçar o aborrecimento. Como foi injusto "seu" Lobato, na véspera, nã-la pintando uma senhora implicante, capaz de expulsar reporter e fotógrafo... O que tínhamos à nossa frente era a mais distinta dama patriciã, fidalga no modo de receber um estranho, pedindo desculpas em vez de expulsar, franqueando as dependências do *home* ao reporter, arredando móveis para o fotógrafo melhor dar conta da missão... E o que ambos, fotógrafo e reporter, fizeram ali dentro foi simplesmente vandálico. Quadros arrancaram-se das paredes, mesas empurraram-se para outros aposentos, tapetes levantaram-se e objetos de arte andaram daqui para acolá. Depois, como se não bastasse essa invasão dos bárbaros na "torre-de-marfim" do escritor mais lido no seu gênero, ainda as duas filhas do casal apareceram, para mais alegrar o ambiente: dona Marta, esposa do pintor Jurandyr Campos, e Ruth, a "caçula". Mas dona Purezinha continuava em tormenta com a impressão que podíamos trazer da casa...

— Não se impressione com isso — atalhou finalmente Lobato. Lembre-se que muito breve nós iremos para o Olimpo... Eu serei imortal e, se eu sou, também você o será. Resultado: você vai alimentar-se do éter... Não terá preocupações com casa, nem empregadas, nem nada... Passará o dia debruçada, calmamente, numa bonita nuvem...

Dona Purezinha finge que se agastou, mas na realidade gostou, e muito, da pilhéria do marido. E lamenta que a neti-

UM REPOUSO NA REDE — SEMPRE ARMADA NO "HALI" DE CASA, É ALI QUE O ESCRITOR DESCANSA E SE DISTRÁI CONVERSANDO COM A FAMÍLIA. AO FUNDO, DONA PUREZINHA, ESPOSA DE MONTEIRO LOBATO.



nha, filha de dona Marta, esteja no colégio. Gostaria que a conhecêssemos. Assim, a chapa de Monteiro Lobato em família, sairia mais completa — com a netinha e o genro, se ali estivessem. Apraz-nos ouvir dona Purezinha, colaboradora na intimidade e, sem dúvida, a grande animadora de Lobato, portas a dentro do lar. Sente-se, ali, um perfume de felicidade e de paz. Todos — pai, mãe e filhas — mais parecem irmãos, uns velhos, outros moços. E, como se não bastasse tão reconfortante espetáculo, o daquele reino de harmonia, vimo-nos ainda levados para a mansão de dona Marta, onde outras chapas fotográficas foram batidas e onde também a nossa palestra com Lobato se desenvolveu. Ele fala de

interesse pelo assunto, antes o estuda, o examina, o diseca. — "Aquêles versos de Augusto dos Anjos são tudo quanto pode existir de mais Augusto dos Anjos..." — "Se o homem realmente produz por conta própria tudo o que saiu no "Parnaso", então ele podia estar em qualquer Academia, ocupando quantas cadeiras fosse..."

AFINAL A ENTREVISTA!

Mas acontece que Monteiro Lobato é dos que preferem redigir, do próprio punho, as respostas. Não acredita muito na fidelidade dos reporters, quando dão conta do que ouviram dele. Já teve seus

reportagem, é também um precioso original de Monteiro Lobato, o que se vai ler.

— Como recebeu Emilia — a voz da consciência — a notícia do convite da Academia para ocupar a cadeira de Alcides Maya?

— Emilia arregalou os olhos e voltando-se para dona Benta perguntou: "Vóvó (ela às vezes chama dona Benta de vóvó), como é aquele latim do tal Julio Cesar de Roma? Tu quoque... como é mesmo?" Dona Benta explicou de novo o Tu quoque. Brutus? e a diabinha: "Pois é. Eu, para mim, a Academia é uma lata..."

Ninguém entendeu. Ela explicou:

Que tremendo lhe parecia o rei com a lata maior de tôdas na cabeça! O visitante ficou intrigadíssimo; indagando, veio a saber de tudo.

Anos antes estivera acampada por lá uma expedição científica, com grande tralha: tendas, microscópios, armadilhas para animais selvagens, belas carabinas e latas, ah, latas que não acabavam mais, de tudo: pêssegos da Califórnia, espargos Del Monte, "Crab Meat", "Lima Beans" e quanta coisa gostosa há. Depois dum ano de estadia retiraram-se, deixando no acampamento um grande monte de latas vasias, lindamente estampadas, de tôdas as côres e tamanhos. Aquilo impressionou profundamente os negros, e como já mais tinham visto lata de espécie nenhu-



MONTEIRO LOBATO NA INTIMIDADE — ESTA CHAPA FOI BATIDA NA RESIDENCIA DE DONA MARTHA, FILHA DO ESCRITOR, A DOIS PASSOS DA CASA EM QUE ELE MORA. LOBATO EXAMINA UMA PISTOLA ANTIGA, DA PRECIOSA COLEÇÃO DE ARMAS DO GENRO, ENQUANTO O RÁDIO, QUE ESTÁ LIGADO, POR DETRAZ DO ESCRITOR, ENCHE O AMBIENTE COM AS MELODIAS DE UM TANGO. NÃO FOI FACIL OBTER ESSE GRUPO, NELE FALTANDO O PINTOR JURANDYR CAMPOS E A NETINHA DE LOBATO, QUE SE ENCONTRAVA NA ESCOLA.

tudo e de todos. Claro, nem tudo quanto nos disse poderia ser divulgado. E muita coisa boa ficou exclusivamente saboreada pelo reporter. Mas o que vai linhas adiante, ainda assim, chega para satisfazer o mais guloso dos leitores. Por fim, até o "caso" palpitante de Chico Xavier, psicografando as obras de Humberto de Campos, veio ao tabuleiro das discussões. Estamos vendo a fisionomia curiosa de quem nos lê, indagando qual a opinião de Monteiro Lobato sobre as obras psicografadas... Ai vai: o escritor não pertence à categoria dos que dão de ombros com indiferença. E não esconde o seu

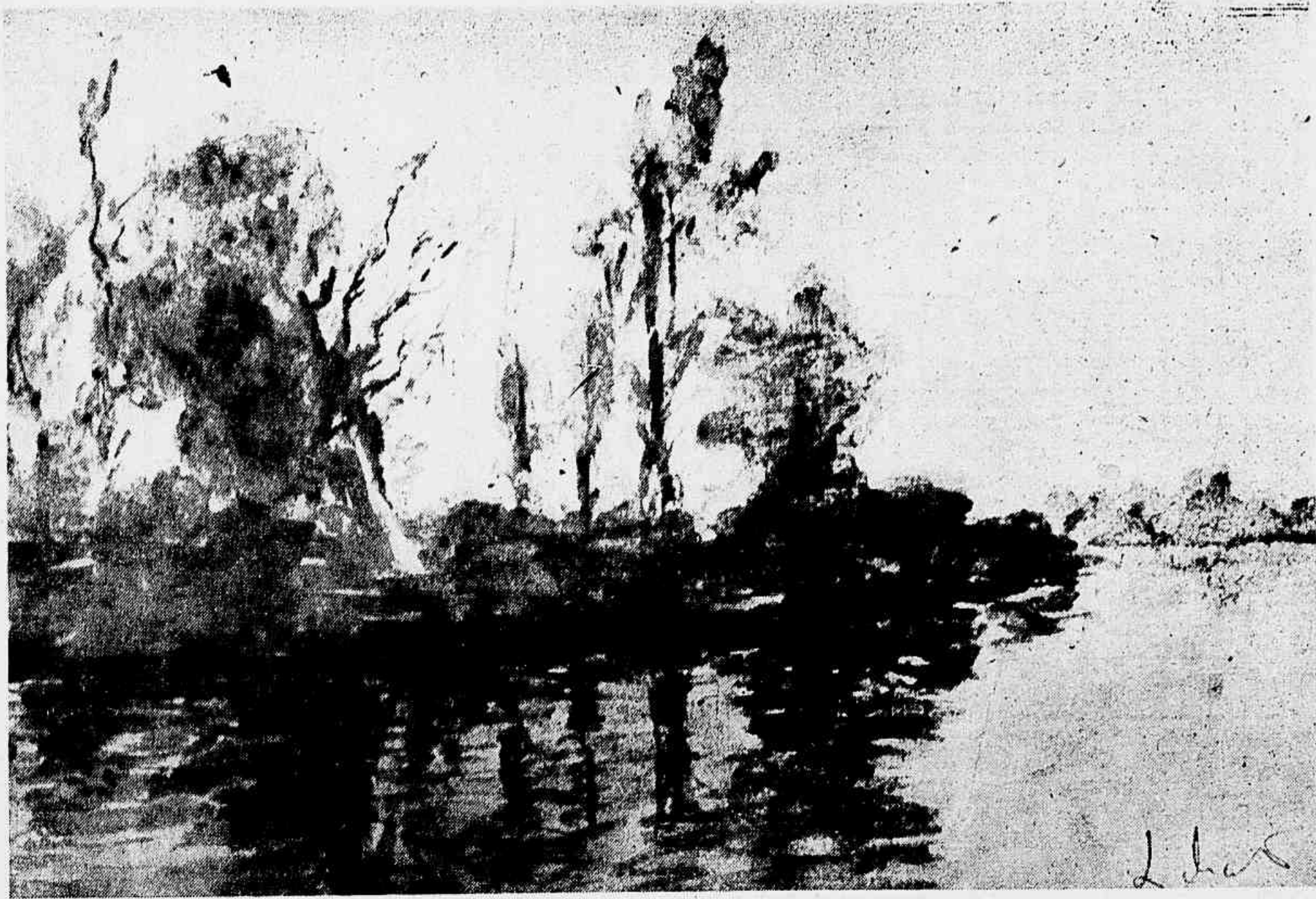
aborrecimentos, pois não! E sabe, por experiência, os percalços de um redator quando tem de reconstituir uma conversa de horas e horas, mais tarde, em poucos minutos. Eis por que, embora tudo quanto escreveu fosse a repetição do que nos dissera de vida voz — ele preferiu mesmo redigir, do próprio punho, essas palavras. Quando saímos da vivenda simpática da Aclimação, deixávamos em mãos do criador de Jeca Tatú uma série de perguntas. E foi no seu "escritório" da livraria da rua 15, na tarde seguinte, que a mocinha da "caixa" nos entregou, datilografadas, as respostas de Lobato. Sobre ser uma

— "Estou me lembrando da história das latas que o Quindim nos contou..."

— "Que história é essa?"

— "Um caçador de borboletas, que havia penetrado no território do Uganda, encontrou uma tribo de negros completamente nus, mas enfeitados de latas vasias. O rei tinha uma grande na cabeça e várias menores em colar ao peito. A rainha usava sete. Os ministros e os cortejos usavam uma, duas, três, quatro e até cinco — conforme o posto e a importância de cada um. Já a negrada comum vivia sem lata nenhuma no corpo — mas como se babava de admiração pelos enlatados!

ma, o rei mandou recolhê-las tôdas em seu tesouro. Enfeitou-se com as mais bonitas, e com as menos bonitas foi condecorando a sua gente importante, ministros, cortejos, etc. O resto guardou para com elas homenagear os visitantes ilustres que passassem pelo seu reino. Foi o que fez ao tal caçador de borboletas, quando ele se despediu; deu uma grande festa e pendurou-lhe ao pescoço, cerimoniosamente, uma linda lata vazia de patê de foie gras de Nantes, das que têm um letreirinho dourado. Era a maior homenagem que o rei do Uganda poderia prestar ao seu insigne visitante. Dêsse modo, aquele



MONTEIRO LOBATO (Pintor) — ELE NÃO É APENAS ROMANCISTA, MAS TAMBÉM SABE MANEJAR OS PINCEIS COM A MESMA DESENVOLVURA QUE A PENA OU AS TÊCLAS DA SUA "TYPEWRITER" AQUI ESTÁ UMA "PONTA DE RIO" PINTADA POR LOBATO, HA MUITO TEMPO, E RETIRADA DO SEU ALBUM DE RELÍQUIAS PARA ILUSTRAR ESTA REPORTAGEM.

montão de latas deixado no acampamento pela expedição científica passou não só a fazer a felicidade dos negros como também a dos viajantes que S. M. desejava distinguir...

— "Mas que tem isso com a Academia?"
— "Minha idéia é que todas as distinções neste mundo são latas vazias. Que é o chapéu de dois bicos dos diplomatas? Lata. Que é a tiara dos papas? Lata. Que é a mitra dos bispos? Lata. Que é o boné com folhas de louro do general MacArthur? Lata. Que é a cartola de cito reflexos das pessoas importantes? Lata. Que são as fitinhas da Legião de Honra e as comendas do Gustavo Barroso? Latas. Pois a lauréla acadêmica é também uma lata com que os homens se enfeitam para ficarem diferentes dos outros — dos tristes mortais, que passam a vida inteira sem nem sequer uma latinha de massa de tomate ao pescoço! Lata, tudo é lata nesta vida. Tudo é lata e lata vasia, umas maiores e outras menores, umas grandes como as de querosene, outras humildes, como as de sardinha. E olhando para mim com aquele terrível olharzinho emiliano:

— "Você viveu até aqui sem lata nenhuma pendurada ao peito. Agora querem que também traga uma. Vão enlatá-lo. E' isso..."
Assim falou Emilia.

— Se for eleito, irá ocupar a cadeira de Alcides Maya?

— A única coisa que na minha qualidade de "corpo" eu ocupo neste mundo é um lugar no espaço — e haverá alguém que ocupe outra coisa que não seja um lugar no espaço?

— Alguma vez pensou em ingressar no Petit-Trianon?

— Petit-Trianon era o nome dum dos três castelos encravados no parque de Versailles. Luiz XV, um dia, apaixonou-se pela botânica e para mais comodamente

estudá-la fez construir o Petit-Trianon, ao lado do Grand Trianon. Mas parece que suas ocupações com as flôres de carne do Parc-aux-Cerfs desinteressaram-no das flôres vegetais do Petit-Trianon. Mais tarde Luiz XVI deu o Petit-Trianon a Maria Antonieta, a qual fez daquilo um ninho encantador — com um Templo do Amor, um teatrinho de comédia e mais as mil amenidades que desfecharam na guilhotina. Lá passava seu tempo em doce faineantise, vestida de percale e chapéu de pastora, na companhia de Mme. Lamballe e outras. Essas duas palavras, "Petit Trianon", provocavam no povo comum da França as mais estranhas sugestões. Ora, havendo um Petit-Trianon no Rio de Janeiro, frequentado misteriosamente por 40 "imortais", que muito é que nós, rapazes cá do "sereno", ponhamos naquilo olhares compridos e queiramos penetrar no Olimpo, quando nada para ver quem são a Maria Antonieta e a Lamballe cariocas, ou os Luizes de hoje?

— Já faz parte de qualquer outra academia?

— Como não! Fui eleito para várias, cujos nomes não me acodem no momento. Só me lembro de uma, a de S. Paulo, onde também temos 40 "imortais" (as academias não de ser de quarenta, como as venezianas não de ser verdes). Mas os imortais de S. Paulo são "imortais mirins", como diz a Emilia, contrapondo-os aos "imortais-guaçus" do Rio. Muitos "mirins" não se contentam com isso e também se fazem "guaçus", como Menotti, Guilherme, Taunay, Cassiano. O visconde de Sabugosa, sempre tão rigoroso, classifica-os cientificamente de "mono-imortais" e "bi-imortais". Eu, um humilde mono paulista, estou ameaçado de tornar-me também "bi"... Duas latas, uma de sardinha, outra de azeitona.

— Suas atividades literárias, neste momento, que orientação seguem?

— Não há uma bússola para o escritor que não se vende nem se aluga. Ho-

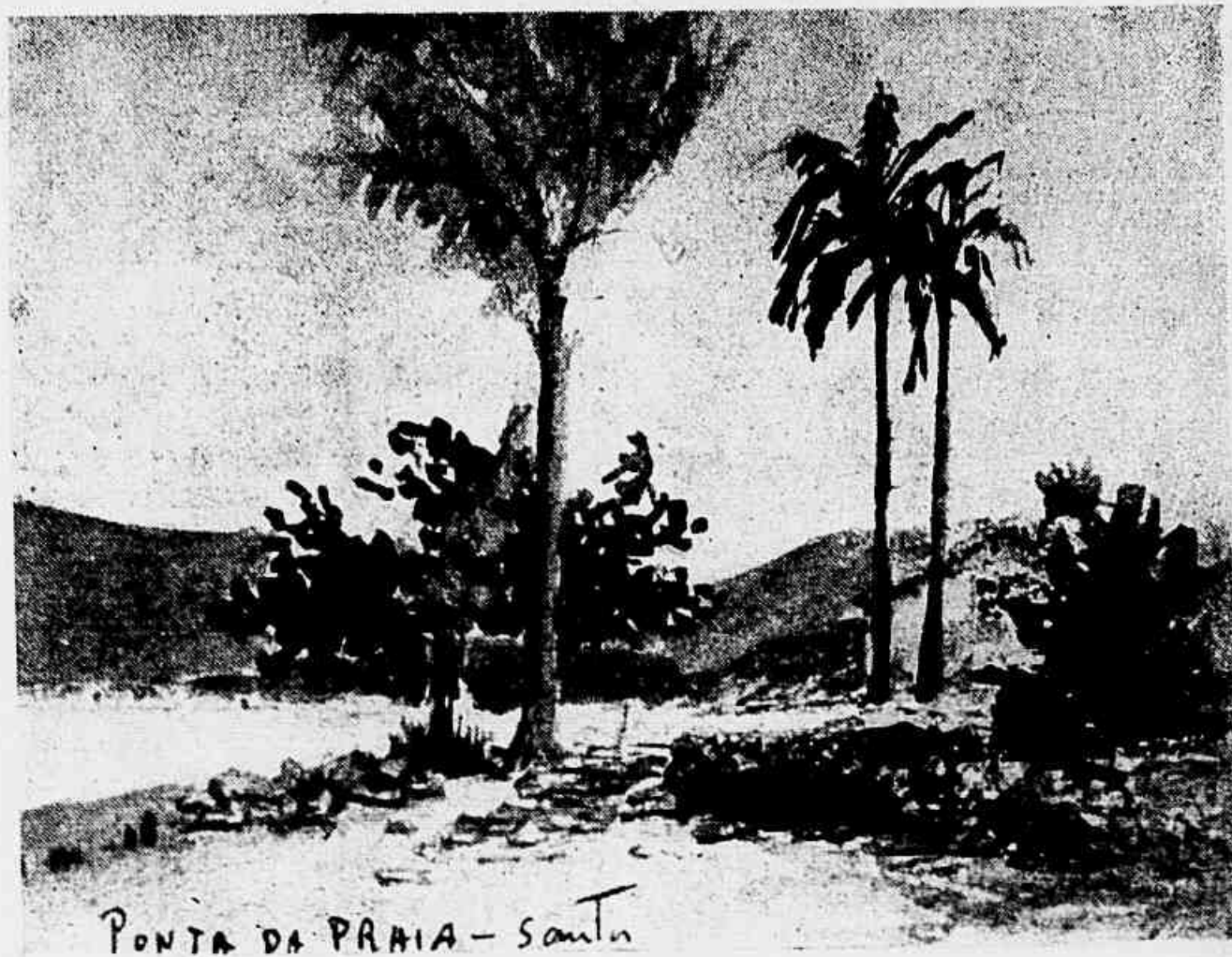
mens dêsse tipo em vez de bússola guiam-se por um ponteiro fixo e rígido que marca uma só direção: a do seu temperamento.

— Já se pode viver do que se escreve no Brasil?

— Conforme o que a gente escreve. Quem escreve para endeusar os poderosos do dia vive regaladamente do que escreve. E também vive do que escreve quem escreve como o povo quer que um escritor escreva. Eu de mim confesso que desde 1918, depois que vendi minha fazenda, tenho vivido do que escrevo, com exceção dos anos que passei nos Estados Unidos como parasita da pátria, numa adidura comercial.

— Pretende ficar sendo, a partir de agora, exclusivamente escritor ou pensa em desenvolver sua atividade em outros setores?

PONTA DA PRAIA (Santos) — OUTRA MANIFESTAÇÃO DA TENDENCIA ARTISTICA E PICTORICA DE MONTEIRO LOBATO. ELE MESMO ARRANCOU O ORIGINAL DAS PAGINAS DO ALBUM, ENQUANTO SUA ESPOSA, DONA PUREZINHA, DIZIA-NOS PREFERIR O ESCRITOR AO PINTOR, EMBORA O SEGUNDO TAMBEM NÃO LHE DESAGRADASSE NÃO, MAS O ESCRITOR...



— Não compreendo o "de agora" da pergunta. Só fui duas coisas: fazendeiro e escritor. Continuei escritor, mesmo depois que me mono-imortalizaram. Não vejo nenhuma incompatibilidade absoluta entre qualquer tipo de imortalidade e a profissão de escritor; a incompatibilidade é apenas relativa — pecado venial...

— "Como encara o após-guerra?"

— Como um longo período de tentativas para o pagamento das contas, uma fase de calote nos tomadores de bonus de guerra, de tremenda crise financeira e econômica, de mais livros de Wells dizendo: "Eu não disse?", e por fim de novo armamentismo para a Terceira Guerra Mundial. A segunda ainda vai deixar muita coisa em pé. Só com uma terceira conseguiremos arrazar a ordem social dominante e dos escombros erguer o que Wells preluza na "História do Futuro".

— Que emoção maior já lhe proporcionou sua vida de escritor?

— Difícil responder. Não ando com trema no bolso. As emoçõeszinhas se sucedem, como cócegas, ftiltações. Isso no começo. Depois vem o enjôo, e o que um escritor quer é que não o aborreçam com: "Eu gostei muito dos seus livros..." e outros. Dá vontade de responder como o Maneco Lopes: "E que tenho eu com isso?"

— "Escreve para as crianças por gosto, por tendência ou porque isso traz maiores compensações materiais?"

— Por todas essas razões e por outras mais. Acho a criatura humana muito mais interessante no período infantil do que depois de idiotamente tornar-se adulta. As crianças acreditam cegamente no que digo; o adulto sorri com incredulidade. Quando afirmei a existência de petróleo no Brasil, as crianças todas acreditaram; os adultos duvidaram. Quando o primeiro poço revelou o petróleo no meu poço, o poço de Lobato, na Bahia, as crianças bateram palmas, alegriíssimas. E os adultos? Limitaram-se a ficar com caras de asno e em seguida sabotaram-me. Quando falo às crianças no pó de pirlimpimpim, não há uma só que duvide dessa grande

(Continua na pág. 10).

REVISTA DA SEMANA

ANO XLV -- 30-9-944 -- N. 40

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 63,00; Seis meses — Cr\$ 32,00
Registrada: ... Um ano — Cr\$ 80,00; Seis meses — Cr\$ 40,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 170,00; Seis meses — Cr\$ 90,00

O número avulso custa Cr\$ 1,50 em qualquer parte do país; o número atrasado Cr\$ 2,00
Visconde de Maranguapé, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro

Tels.: — Direção: 22-2622; Gerência: 22-2550; Redação: 22-4447
Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602
Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Tel. 4-7868
Corresp. na Bahia: J. Machado Cunha — Av. 7 de Setembro, 149

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL
REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Knoppe & Cia.
Times Bldg., New York City. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal
434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyente, 1746, Montevideo.
Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 229 — Tel. 33 Avenida 9109 — Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA. — Diretor: GRATULIANO BRITO

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

ESTE NUMERO CONSTA DE 60 PAGINAS

Sumário

LITERATURA:

Carta para o outro mundo (Berilo Neves).....	9
Juiz ou réu (Viola Brothers Shore).....	19
O último lance (Aluizio Azevedo).....	23
Primeiro amor (Marlene Michel).....	39
Chateaubriand ministro (Escragnolle Doria).....	42
Livros Novos (J. L.).....	44

REPORTAGENS:

Monteiro Lobato fala da Academia (Celestino Silveira) A começar da página	3
Por que a Academia convidou Monteiro Lobato? (Paulo Salles Guerra)....	12/14
Batismo de Fôgo.....	15/17
Jockey Clube.....	18
Figuras e Fatos.....	49

FEMININAS:

Modelos da Semana.....	24/25
Slacks.....	26
Nos Bastidores Femininos.....	35
Alguns Modelos.....	46
Toilettes da Primavera.....	50/51
Copa e Cosinha.....	52
Modas.....	54

CURIOSIDADES:

Você tem vocação para detective?.....	22
A Moreninha.....	27/33
O anonimato das "estrelas".....	36/37

As Crianças!

Dôres no Ventre, Mau Hálito, Língua Suja, Indigestão, Consequências da Prisão de Ventre



As crianças adoecem muito facilmente do estômago e intestinos. Basta, às vezes, que mastiguem mal a comida ou comam depressa e fóra de horas para que tenham indigestão, dôres no ventre, moleza, arrepios, calafrios, tonturas, mau hálito, dôres de cabeça, vontade de vomitar, língua suja e até febre.

Convém dar **Ventre-Livre** sem demora.

Ventre-Livre é um remédio brando e suave, de gosto agradável, que as crianças tomam sempre com prazer.

Ventre-Livre é o remédio indicado para combater a prisão de ventre e suas consequências: mau hálito, língua suja, indigestão, dôres de barriga e outros desarranjos do estômago e intestinos.

Tenha **Ventre-Livre** sempre em casa.

SEÇÕES:

A Semana em Revista.....	8
A guerra em marcha.....	20/21
Artes Plásticas.....	38
Aconteceu no Rio.....	40
De Música (Roberto Lyra F.).....	41
De Teatro (Anselmo Domingos).....	52
De Radio (Djalma Maciel).....	53

CARICATURAS:

De Bom Humor.....	34
"Charge" de Raul.....	56

NOVELA:

"Covardia" (Berliet Junior).....	57 58
----------------------------------	-------

Fotografias de A. Vieira e N. Prado.
Ilustração de Orlando Matos.

O CORPO DE COLABORADORES DA "REVISTA DA SEMANA" ESTÁ ORGANIZADO. SÓ PUBLICAMOS COLABORAÇÕES SOLICITADAS POR ESTA REDAÇÃO E NÃO NOS RESPONSABILIZAMOS PELA DEVOLUÇÃO DE ORIGINAIS, MESMO QUANDO NÃO PUBLICADOS.

SABONETE

SABONETE
Dorly
PARA TOUCADOR
SUAVEMENTE PERFUMADO
C. TARQUINO

Dorly

PRÊÇO POR PRÊÇO É O MELHOR!

MELHOR PELO PRÊÇO E PELA EXCELENCIA DE SUA QUALIDADE!

À VENDA EM TODO O BRASIL

a Semana em Revista



mente para servi-los.

O seu ódio e desprezo atingiam porem maiores proporções quando se tratava de uma raça mestiça, como eles gostavam de se referir aos povos latino-americanos. Parecia-lhes um verdadeiro absurdo, um atentado contra as leis



que a vitória do Eixo ainda poderia considerar-se possível (por parte desses neutros, é claro); são ataques à soberania dessas nações, verificados não recentemente depois do "dia D", mas quando muitos sorriam da demora com que as Nações Unidas davam início à Invasão... Ora, senhores, bem pensado, os insultos devem ser revidados ato contínuo e não quando seja mais oportuno fazê-lo. O Brasil, pelo menos, agiu dessa maneira. E, quando nossos patrícios tiveram suas



E aqui de longe podemos apenas imaginar a fúria de todo um povo exaltado clamando vingança contra os maiores culpados da sua miséria e vergonha. A França está se redimindo e o sangue desses traidores justificados lavará a mancha de vergonha que durante este tempo sujou a história de uma grande e indomável nação.



Uma visita à capital bandeirante, feita por um nosso companheiro em dias da semana transata, deu-lhe uma oportunidade para observar novos e curiosos aspectos da grande metrópole. São Paulo continua ávida de progresso, crescendo na razão direta do tempo, dela não se podendo dizer que venha a produzir durante o dia para recuar durante a noite. As vinte e quatro horas de cada dia, sabem-nas aproveitar os paulistanos com aquela sua tradicional febre de atividade. E ser lesenvolvimento faz-se em ambos os sentidos, horizontal e vertical. Agita-se São Paulo para os lados e para o alto, mostrando ao visitante um exemplo de tenacidade e labôr. Por isso mesmo, na terra da garça tudo reflete o panorama vertiginoso de sua existência, a existência de uma cidade monumental, cujos filhos não têm muito tempo a perder com frivolidades. Mesmo para se alimentarem, eles procuram despende o menor espaço de tempo possível. Terras do café, ali não se depara com os estabelecimentos dessa especialidade onde a freguezia possa dissipar horas preciosas, mas sorve-se a preciosa rubiácea, de pé, em dezenas e dezenas de "café-expresso", a exemplo do que também sucede no Rio. E as refeições outras, de cada dia, fazem-se quasi de improviso, em restaurantes do mesmo gênero, abançados os clientes



Não raro, as mais impressionantes e proveitosas notícias encontram-se obscuramente colocadas, nas colunas dos jornais, em pequenos espaços que o noticiário da guerra deixou livre. Agora mesmo, uma ocorrência desse vulto, desamparada pela falta de relevo na Imprensa, cáe-nos sob os olhos: No interior do país, um homem matou outro. Aparentemente, o caso não tem maior importância, de vêz que tantos milhões de seres humanos estão sendo ainda mortos pela chacina de Hitler. Acontece que o motivo daquele assassinio, porem, faz revesti-lo de particular interesse: Preso, o criminoso confessou ter sido a inveja o móvel do crime. Eram vizinhos, velhos companheiros.

Criando uma absurda ideologia dos "super-homens", bebida naquela fonte contaminada do desvairado Nietzsche, o ex-cabo da guerra passada... Adolf Hitler pretendeu colocar o mundo inteiro sob o domínio dos seus "arianissimos" suditos, criados nos currais de reprodução humana da Grande Alemanha. Aliás da ex-Grande Alemanha, pois todos estes adjetivos, que traduzem a megalomania dos dirigentes do III Reich, começam a ser coisas do passado. Baseado pois nesta superioridade absurda dos seus arianos, têm os alemães um profundo desprezo por todo o resto desta vil humanidade criada exclusiva-

Percorrendo em revista a semana que finda, encontramos, nestes ultimos dias, frequentes alusões, nos despachos telegráficos, a alguns países neutros, agora com o firme proposito de estudar si já está sendo, ou ainda não chegou a ser, o momento oportuno de romper relações e, até mais, de entrar em luta contra os "vandalos do Eixo". Não deixa de ser pitoresca essa atitude, sabendo-se ademais que os motivos bastantes para levar os velhos e abnegados neutros a quebrar a sua neutralidade agora — e só agora quando as luzes estão começando a brilhar novamente! — são acontecimentos verificados há mais de um ou dois anos, são insultos dos dias em

Nas ruas de Paris libertada, onde os sinos repicam festivamente, e todo um povo de heróis sai dos seus esconderijos subterrâneos depois de quatro longos anos de opressão cruel, olhando de novo o sol de dias felizes que deslumbra os seus olhos cansados já da penumbra do sub-solo, repetem-se as cenas de 1789. Realmente, nenhuma época da história francesa se aproxima tanto dos dias atuais como aqueles da grande Revolução. Não se trata apenas da queda simbólica da Bastilha, significando o fim da tirania e da opressão. Foi derrotado o invasor nazista. Como em 1918, as hordas germânicas tiveram de se retirar do território invadido da França, e talvez definitivamente. Mais uma vez nos Champs Elysées, na Place de l'Etoile e em todas as ruas de Paris corre o sangue dos traidores da pátria.

na mesinha com tampo de mármore, coletiva, onde se agrupam trabalhadores de todas as classes. Ou então devoram-se *sandwiches* apetitosos, à porta de tantas casas de salgadinhos e outras guloseimas, que se alinham na extensão da Avenida São João. E casas do estilo do "Juca Pato", para refeições ligeiríssimas, recebem as preferências da gente apressada, que tem os minutos contados, não perdendo tempo em almoços de "camera-lenta". De resto, é o paulista um brasileiro que sabe comer — e que se alimenta bastante. São Paulo resulta, em consequência, a "terra dos cheiros", como foi crismada por um cronista local. Os cheiros das mais variadas e convidativas iguarias, saem do interior das casas onde são feitas espalhando-se pelas ruas, numa sedução constante ao olfato e ao paladar do incauto transeunte. Cheiros deliciosos de salgadinhos, linguças, pasteis e empadinhas, cheiros de perfumado café bandeirante, cheiros de quitutes e pastelarias, aos quais o cidadão paulista já se habituou, mas que surpreendem o visitante da terra. E quando os passos do visitante rumam para os arrabaldes ou subúrbios, são ainda cheiros, mas diferentes, que lhe invadem as narinas — das fabricas, das oficinas, dos multiplos campos de labôr onde vai continuando a forja na sua contínua e incessante tarefa de construir uma cidade cada vez maior, cada dia mais importante. Terra dos cheiros, São Paulo é, contudo, uma terra perfumada.

mesmo humilde servo... E as exibições do primeiro, o seu fausto, a maneira de passar pela rua, todas as manhãs, à frente da casa do velho companheiro, olhando de cima, triunfante, começou a provocar o ódio. Com que direito ele, o vitorioso, exhibia tão ostensivamente o seu sucesso diante dos olhos esbatidos do velho amigo? Ninguém percebia, no logarejo, que o ódio, tanguado pela inveja, ia forjando um criminoso. O outro, certamente, nada fazia por mal. Não tinha culpa de levar a melhor na quota da vida, mas sofreu as consequências. E o fato consumou-se agora quando, subjugado ao peso da inveja, incapaz de reagir, fez o inevitável: Prostrou, sem vida, o amigo de outros tempos. Só mesmo assim, dando pasto aos seus instintos, Jou-se por satisfeito.

mesmo humilde servo... E as exibições do primeiro, o seu fausto, a maneira de passar pela rua, todas as manhãs, à frente da casa do velho companheiro, olhando de cima, triunfante, começou a provocar o ódio. Com que direito ele, o vitorioso, exhibia tão ostensivamente o seu sucesso diante dos olhos esbatidos do velho amigo? Ninguém percebia, no logarejo, que o ódio, tanguado pela inveja, ia forjando um criminoso. O outro, certamente, nada fazia por mal. Não tinha culpa de levar a melhor na quota da vida, mas sofreu as consequências. E o fato consumou-se agora quando, subjugado ao peso da inveja, incapaz de reagir, fez o inevitável: Prostrou, sem vida, o amigo de outros tempos. Só mesmo assim, dando pasto aos seus instintos, Jou-se por satisfeito.

da natureza, que um povo inferior como o nosso, dispuzesse de tanto espaço para viver numa terra tão encantadora e tão cobiçada pela "super-raça".

Por isso o sr. Adolfo dedicava uma atenção toda especial ao Brasil, mandando para cá os seus agentes mais especializados e iomentando movimentos decalcados do seu nazismo de braço levantado e berros de ódio.

Foi também por isso que os submarinos assassinos de Hitler infestaram o nosso litoral, matando covardemente muitos brasileiros.

Entretanto as coisas estão mudadas. Muitos outros navios atravessaram o Atlântico. Eles conduziam as tropas da liberdade que haviam de esmagar os "invencíveis" arianos.

Entre estes homens, estavam brasileiros que desembarcaram nas praias da Itália e começaram a fazer sentir a Hitler quão estúpida e sem base era a sua crença. Nas escarpas dos Apeninos os nossos soldados estão se defrontando com as hostes nazistas que não podem resistir ao seu ímpeto e ao seu entusiasmo.

E agora, senhor Adolfo? Onde está a superioridade dos seus *invencíveis* "super-homens"?

vidas imoladas pela covarde agressão dos submarinos nazi-fascistas, não cruzamos os braços, não persistimos em uma deplorável neutralidade, mas, embora afrontando as adversidades e os perigos maiores dessa deliberação, agimos como verdadeira potencia que não leva desaforos para casa. E, note-se, em agosto de 42, ainda muita gente contava como certa com a vitória da causa nazista. Eis porque a nós, brasileiros, tem fatalmente de ser estranha essa espera de melhor oportunidade em casos análogos. Nossos homens estão empenhados, ombro a ombro com os denodados soldados de outras nações, na luta que empolga o mundo e que se trava pela conquista, exatamente, de um mundo melhor. O exemplo dado pelo Brasil só mais tarde será convenientemente julgado e apreciado pelos que, a coberto de todas as consequências desastrosas, possam analisá-lo friamente. De qualquer modo, registre-se, conosco as coisas passaram-se de maneira plenamente honrosa. Franqueamos nossos pontos estratégicos aos aliados quando os resultados podiam ser duvidosos. Nossas fortalezas vigiaram aqui mesmo a Guanabara, noites e dias seguidos, quando submarinos inimigos se atreviam a vir até à orla marítima e nossas cidades do Norte correram o risco de um bombardeio procedente de Dakar. E nossos rapazes continuam embarcando para os campos de batalha. Mas não se pensou jamais em aguardar melhor oportunidade para revidar os insultos de Hitler e seus comparsas. A História, certamente, ha de registrar esse fato.

Os jornais vêm noticiando a prisão de colaboracionistas que são condenados pelo tribunal popular e pagam com a vida os quatro anos de opulência que compraram com a sua honra ao senhor nazista. Mulheres e homens de todas as categorias sociais estão incluídos nesta relação sinistra. Intelectuais, artistas, cientistas, os mais altos expoentes da cultura e da civilização francesa desonraram o seu nome com a atitude infame.

Nesta semana surgem notícias contraditórias sobre um atentado contra a famosa e linda atriz francesa Daniele Darrieux. Segundo os telegramas vindos de Paris, os membros da F. F. I. teriam atentado contra a vida da estrela de Mayerling que escapou ilesa. Entretanto, seu marido, o diplomata Porfirio Rubiosa, está seriamente ferido em consequência do atentado.

Que acontecerá a Daniele Darrieux, no caso de ficar provada a sua culpa? Será linchada pelo povo em túria? Condenada por um tribunal e fuzilada?

Quando nos lembramos da radiosa beleza da *star*, a indignação se mistura a um sentimento de pena ao pensarmos no sacrifício daquele lindo corpo.

A sede de justiça do povo parisiense não parece entretanto inclinada a se deixar comover pelas qualidades físicas daquela que traiu os seus concidadãos.

Encontrará Daniele um advogado que a defenda das acusações e procure desculpar os seus crimes? No caso de se verificar esta hipótese, é bem possível que se reproduza o episódio de Frinca. Resta saber se o senso estético dos franceses é suficiente para superar o seu ódio aos colaboracionistas traidores.

na mesinha com tampo de mármore, coletiva, onde se agrupam trabalhadores de todas as classes. Ou então devoram-se *sandwiches* apetitosos, à porta de tantas casas de salgadinhos e outras guloseimas, que se alinham na extensão da Avenida São João. E casas do estilo do "Juca Pato", para refeições ligeiríssimas, recebem as preferências da gente apressada, que tem os minutos contados, não perdendo tempo em almoços de "camera-lenta". De resto, é o paulista um brasileiro que sabe comer — e que se alimenta bastante. São Paulo resulta, em consequência, a "terra dos cheiros", como foi crismada por um cronista local. Os cheiros das mais variadas e convidativas iguarias, saem do interior das casas onde são feitas espalhando-se pelas ruas, numa sedução constante ao olfato e ao paladar do incauto transeunte. Cheiros deliciosos de salgadinhos, linguças, pasteis e empadinhas, cheiros de perfumado café bandeirante, cheiros de quitutes e pastelarias, aos quais o cidadão paulista já se habituou, mas que surpreendem o visitante da terra. E quando os passos do visitante rumam para os arrabaldes ou subúrbios, são ainda cheiros, mas diferentes, que lhe invadem as narinas — das fabricas, das oficinas, dos multiplos campos de labôr onde vai continuando a forja na sua contínua e incessante tarefa de construir uma cidade cada vez maior, cada dia mais importante. Terra dos cheiros, São Paulo é, contudo, uma terra perfumada.

E à noite capitosos e fragantes odores de terra bem adubada sobem e envolvem-nos permanentemente.

mesmo humilde servo... E as exibições do primeiro, o seu fausto, a maneira de passar pela rua, todas as manhãs, à frente da casa do velho companheiro, olhando de cima, triunfante, começou a provocar o ódio. Com que direito ele, o vitorioso, exhibia tão ostensivamente o seu sucesso diante dos olhos esbatidos do velho amigo? Ninguém percebia, no logarejo, que o ódio, tanguado pela inveja, ia forjando um criminoso. O outro, certamente, nada fazia por mal. Não tinha culpa de levar a melhor na quota da vida, mas sofreu as consequências. E o fato consumou-se agora quando, subjugado ao peso da inveja, incapaz de reagir, fez o inevitável: Prostrou, sem vida, o amigo de outros tempos. Só mesmo assim, dando pasto aos seus instintos, Jou-se por satisfeito.

E a inveja — sempre ela! — mandou para o cárcere um pobre homem, incapaz de praticar tão feio crime, sem o seu estímulo.

Considerações de um leitor do jornal: Quanta gente não anda por aí, mordendo-se de inveja com o sucesso de terceiros, sem que estes sejam os maiores culpados do seu fracasso!

No caso em apreço, a reação da inveja traduziu-se em um crime de morte. Em outros casos, a vingança lança mão de outros processos ainda mais mesquinhos.

CARTA PARA O OUTRO MUNDO

Humberto, amigo:

Tive notícia, pela algazarra bisbilhoteira dos jornais, de que continuavas, velho amigo, a prosar elegantemente, através das sombras multifárias do Eliseo. Folguei de atestar que alimentavas, para além do Estige, a fama própria e o interesse alheio. Recordo-me de me teres dito, um dia, quando eu te lamentava a existência tumultuosa, dividida entre as colunas dos jornais e a lombada dos livros: *"Não fazemos o que queremos — somos arrastados no turbilhão da Vida"*. Ora, presumo que a Morte, a exemplo dela, também te arrasta na correnteza inelutável dos acontecimentos misteriosos do Além... Escreves como um condenado à galé perpétua da Beleza. És estilista de aquém e de além-túmulo. Não achaste, entre as frialdades da tumba, o silêncio e o repouso a que tinhas direito — tu, lutador formidável, que travaste, até o último instante, a batalha desigual da adversidade. Existem, nas páginas que se te atribuem, lampejos do teu gênio: são como as fosforescências subitâneas que, por vezes, rebrilham no seio misterioso da Treva. Nem sempre és tu, mestre; e os chavões que salteiam, aqui e ali, tua prosa diserta, são defeitos da personalidade humana que se interpõe entre o teu espírito luminoso e a escrita terrena... Quero dizer-te que, de qualquer modo, o fato de viveres assentado à banca de escritor, nesse país imenso que abriga a alma dos mortos e o temor dos vivos — é, já, uma esperança feliz, uma claridade rasgada no muro terrível do Além... Todos os que te conhecíamos e amávamos estamos de ouvido à espreita, sondando o silêncio enorme da Morte, no desejo pueril de surgires, afinal, sorridente e mordaz, com aquela fria máscara que escondia as riquezas do teu espírito e os tesouros da tua sensibilidade... Uma vez, foi tal a atoarda das fôlhas que se diria ter sido transposta, enfim, a velha ponte metafísica que liga a Terra ao Infinito, o Mundo à Eternidade, a Criatura ao Criador... Ia falar contigo, Humberto, tão claramente como se estivesses de novo entre nós, assentado à tua banca de escritor público, com uma tira de papel à espera, na máquina de escrever, das palavras mágicas com que a salteavas e vivificavas... E' tão antiga a controvérsia entre os vivos sobre a natureza e substância da Morte que um debate desse gênero sempre contou com uma platéia enorme e uma ansiedade universal...

Infelizmente, porém, lembraram-se os homens de chamar o teu espírito à barra dos tribunais. Deverias prestar juramento de só dizer a Verdade — essa mesma Verdade sobre cuja essência Jesus não quis esclarecer a Pilatos... Deverias ajustar o estilo faceto às fórmulas anacrônicas da linguagem tabeliôa; e ainda — pobre amigo! — ficavas sujeito a pagar as custas do processo, caso os juizes não proclamassem, em ti, a razão e o triunfo... Bem conheci o horror que tinhas ao que não fôsse verdadeiramente artístico e dotado de superior beleza. Como Fradique Mendes — teu irmão de além-mar — nasceste para cultivar a forma perfeita — fôsse ela uma mulher jovem, um quadro antigo, ou um verso sonoro... Sofreste, sempre, o paradoxo de não ser belo — tu, que tinhas na alma as ressonâncias de uma catedral em festa e os olores de um jardim em flôr. À maneira de Cirano de Bergerac, preferias que te admirassem as estrofes amorosas a que te amassem a ti mesmo. Alma digna de Fídias ou de Apeles, nasceste grego num país em que nem sempre a Arte merece o louvor das turbas e a proteção dos poderosos. Foste vítima do teu destino singular, que te deu a estranha sensibilidade característica dos santos e dos gênios. Por tudo isso, o recobrades o corpo imponderável com que se vai à presença da Eternidade deveria ter saciado tua sede de perfeição e teu sonho de formosura. Para que te detens, pois, ó amigo e mestre, à beira do Estige, a olhar para este lado com a saudade própria de um exilado e a amargura natural de um arrependido? Será que não achaste, nos países nebulosos de além-túmulo, a felicidade que a vida te negou e que a terra não te podia dar?...

Estas são as interrogações que me inquietam, ao encerrar-se o debate jurídico em torno de tuas obras postumamente escritas. Não importa que o teu estilo, por vezes, se ressinta daquela

confusão e névoa que parecem acompanhar os primeiros passos do homem no reino misterioso das Sombras... E' natural que te falte aquê ambiente familiar em que trabalhavas, a máquina a que confiavas o pensamento, as solicitações externas, que, na Vida, espevitam a chama da Paixão e estimulam o culto da Arte... O que importa, Humberto amigo, é a certeza de subsistires, de conservares aquela alma ridente que era o encanto dos teus amigos e o tormento dos teus êmulos... Vives, ainda? Eis o que nos interessa saber. A Morte é um salto por sobre um abismo que tôdas as filosofias da Terra ainda não lograram encher de certezas consoladoras... Só a Fé, chama pálida do ideal, nos alumia no transcurso da viagem imensa.

E é em nome dessa chama de Deus que te convoco a dizeres se ainda ouves o rumor quase imperceptível dêste planeta, por onde um dia andaste, com o coração cheio de amarguras e a alma ressoante de harmonias... Tira-nos a dúvida em que mergulhamos e dize se, na mansão relampejante dos astros, há espaço para uma lembrança da Terra e vagar para um momento de saudade dêste mundo...

E' o que te pede, debruçado sobre o despenhadeiro da Incerteza, o teu amigo de sempre

Fradique Mendes



Por **BERILO NEVES**

maravilha. Já o adulto sorri imbecilmente — e tenho de explicar-lhe ao ouvido que "pó de pirlimpimpim" é um sinónimo pitoresco do que, sem pitoresco nenhum, eles chamam "imaginação".

— Já pensou ter algum dos seus livros ou personagens no cinema? Gostaria de escrever para ele?

— Não. Há muitos anos assisti a uma fita nacional intitulada "Drama num Farol". Vagabunda como tôdas. Ao sair, o fabricante da fita veio ao meu encontro: "Gostou? Está fiel?". Fiz cara de quem não entende — e ele: "Pois é. Tomámos o enredo daquele seu conto "Os Fataleiros". Ao ouvir isso, avermelhei — envergonhei-me de ser o pai indireto da borracheira. A partir daí fiquei com a ideia de que cinemar um livro ou um personagem é sinónimo de desnaturá-lo até ao irreconhecível.

— Como sentiu que era escritor?

— Sentí um dia um galo na testa. "Será berne?", murmurei comigo. Expresmi. Não era berne. Era o primeiro livro...

— O jubileu dos "Urupês" o sensibilizou?

— Implico-me com o preciosismo da palavra "sensibilizar", tantas vezes a tenho visto nos cartões de pêsames e outros em que os adultos me mentem suas mentiras de convenção. Nenhum jubileu sensibiliza (ah, lindo!), porque Deus dá nozes a quem não tem dentes. Chegam tarde, quando já estamos embotados, gastos, fartos e re fartos de tudo. Quem inventou essa história de jubileu foi o Carlos Sussekind de Mendonça, um amigo com o qual só estive uma ou duas vezes na vida. Isso, sim, me "sensibilizou" (ah, lindo!). Ninguém se lembrara de semelhante coisa, nem eu — e ele se lembrou! Sensibilizei-me (ai, ai!), sem caçoada.

— Em que camadas de leitores seus livros encontram maior reacção? As infantis? As humildes? As intelectuais?

— Meus livros saem muito mais nos meios infantis do que nos adultos. No total das minhas tiragens até fim do ano passado o livro para crianças entrava por dois terços — 800.000 em 1.200.000. E este ano a percentagem recresce mais ainda: dos 540.000 exemplares já saídos e a saírem aqui e na Argentina, só haverá uns 20.000 para adultos. Lêem-me os humildes. Os intelectuais sorriem...

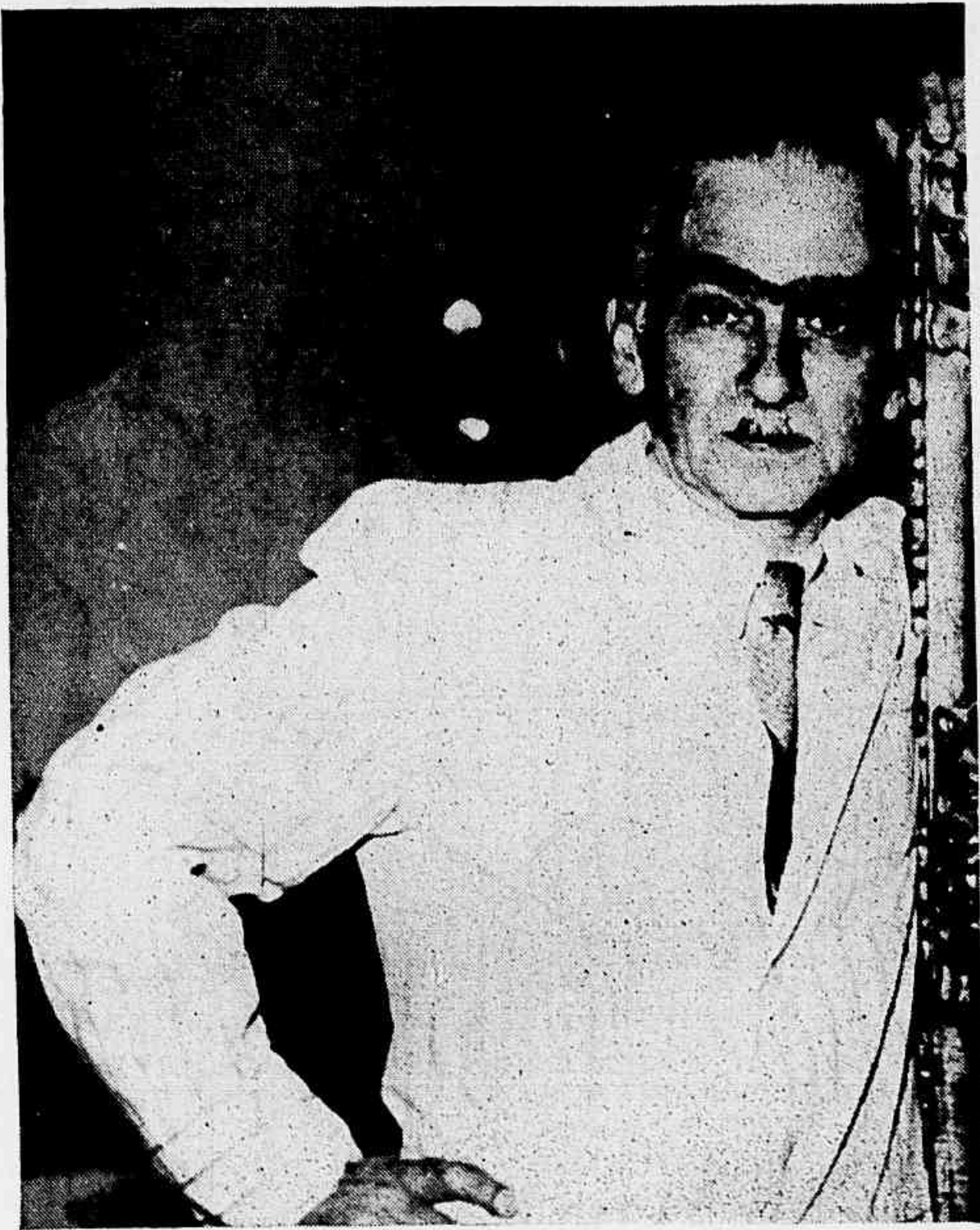
— Seus bichos, dos livros, é claro, são símbolos?

— Não surgiram com essa intenção, mas aos poucos vão os críticos transformando-os em símbolos. Quindin, o rinoceronte, é a bruteza humanizada. Rabicó, o leitão, é o estômago. O Burro Falante é a filosofia de Epiteto. Pelo Natal deste ano vão aparecer mais 12 livros novos: "Os Doze Trabalhos de Hércules". Pedrinho, o visconde e Emilia afundam na Grécia Heroica para acompanhar Hércules em todos os seus famosos trabalhos. O visconde funciona como o escudeiro de Hércules, tal Sancho o foi de D. Quixote; Pedrinho, como o seu oficial de gabinete; e Emilia, como a "dadeira de ideias". Em algumas das aventuras o grande herói salvou-se graças às ideias da Emilia ou à oportuna intervenção do escudeirinho.



MONTEIRO LOBATO (Fotografia) — CERTO DIA ELE TIROU DA PAREDE ESSE QUADRO, DESPREZOU A FIGURA AO QUAL SERVIA DE MOLPURA E FEZ DONA PUPEZINHA POSAR, PESSOALMENTE, DENTRO DO CAIXILHO, COM UM MANTO SOBRE A CABEÇA. E DEU ESSE BONITO RETRATO DE MADONA, DO QUAL O ESCRITOR E A ESPOSA MUITO JUSTAMENTE SE ORGULHAM.

OS IDEAIS DO ESCRITOR — LOBATO É, ANTES DE TUDO, UM SIMPLES GOSTA DE DIZER O QUE PENSA, FAZENDO-O SEM A PREOCUPAÇÃO DE AGRADAR OU NÃO A TERCEIROS. "SÊ FIEL A SI MESMO", É O SEU LEMA, E QUANDO LHE INDAGAMOS SI AINDA CONSERVA IDEAIS, OLHOU-NOS DE FRENTE, E DISSE: "TENHO UMA COLEÇÃO DELES MUITO BEM CONSERVADOS EM ALCOOL..."



Dessa penetração na Grécia antiga Pedrinho traz para o Sítio de Dona Benta um personagem novo: Meioameio, um jovem centaurinho, ou um potro de centauro, como diz a Emilia. Traz também ao Cérbero, o cão de três cabeças e cauda de dragão que guardava a porta do Inferno — mas Cérbero, adormecido por uma dose muito forte do pó de pirlimpimpim, não voltou mais a si — morreu, e lá foi enterrado perto da horta, com um epitáfio da Emilia...

— Sua obra está sendo divulgada em outros idiomas?

— Tenho contrato com a "Editorial Americalee" de Buenos Aires para a publicação de 23 livros, que estão saindo um atrás do outro, em ótima tradução de Ramon Prieto e com desenhos de Baldassari. Em inglês, tradução de Philip Carr, devem sair em Londres por Jonathan Cape. Estamos em negociações.

— O industrial Monteiro Lobato alguma vez colidiu com o escritor Monteiro Lobato ou eles se conjugam?

— No primeiro round o industrial M. L. deixou quase nocaute o escritor M. L., mas este ingeriu um pouco do espinafre do Popeye e acabou pondo nocaute ao industrial. Resta que a Magra venha e acabe com a briga, recolhendo os dois ao pó.

— Pensa em viajar?

— Se me entregarem o passaporte que já paguei e não sai nunca, penso numa viagem de um ano pela costa do Pacífico para ver os Andes. Um dos sonhos da Emilia é ir sentar-se no colo do Aconcagua para ouvir de sua veneranda boca a história da formação do continente. Será o meu último livro.

— Está contente com o escritor Monteiro Lobato? Que juízo faz dele?

— Formo uma excelente ideia desse sujeito. Soube dar a mercadoria como a pede o freguês, e passou de vendedor de rua, em taboleiro, a dono de empório. E, com a filial em Buenos Aires, a breve abertura de outra em Londres e duma terceira nos Estados Unidos, acabará com um chain store de primeira ordem. Meu juízo sobre ele é melhor do que sobre o seu sócia industrial.

— Quer dar-lhe um conselho?

— Sim. Dir-lhe-ei ao ouvido que nunca troque o Sítio do Picapau Amarelo nem pela mais importante das fazendas de café de S. Paulo.

— Alguma vez brigou com ele?

— Houve a luta já referida, em que no primeiro round um quase aniquilou o outro; mas com a vitória definitiva do segundo, a paz voltou a reinar em Varsóvia.

— Se em vez de o elegerem para a Academia o fizessem para um cargo de mando, que faria você?

— Adotaria tôdas as liberdades. Tristão de Ataíde chamou-me "libertário". Fui ao dicionário ver o que era isso. Encontrei: "Amigo da liberdade em todos os

sentidos". Emilia mandou um abraço ao homem que me classificou tão bem.

— **Que é feito do Jeca Tatú?**

— Continua de cócoras, imaginando...

— **Conserva ideais?**

— Tenho uma coleção deles muito bem conservados em alcool...

— **E qual a sua divisa?**

— A que está num verso de Shakespeare — "E ISTO ACIMA DE TUDO: SE FIEL A TI MESMO".

E agora nossas observações pessoais sobre o homem e o escritor. Não há grande diferença entre um e outro, desde que Lobato-escritor produz seus livros com um sentido altamente humano, enquanto Lobato-homem vale por um prolongamento do primeiro. Sem quebra de continuidade, eles se completam, ajustando-se em um amálgama de grande alcance intelectual. Portas a dentro da casa de ambos, que são uma única e respeitável figura das letras do continente, deparámos com um cidadão simples e disposto a não alterar a sua linha de conduta, mesmo nas menores coisas. Quando o fotógrafo, preocupado com o efeito de luz a obter na sua chapa, vai retirar um quadro da parede e a moldura, afetada pelo tempo, começa a esboçar-se, Lobato não aparenta a menor importância. Olha de frente, com os cabelos brancos em desalinho, sempre iluminado pelo sorriso de aparência ética e põe o rapaz à vontade. Não tem a menor importância: a casa das molduras precisa ganhar o seu dinheiro, já é tempo de mandar substituir o caixilho do quadro... E quando lhe fazemos sentir que esta entrevista foi um dos motivos principais da nossa viagem a São Paulo, dá mostras de revolta:

— Veio de tão longe só para me conhecer? Absurdo! Que importância exagerada me está dando, meu amigo!

E conclui:

— Está perdendo seu tempo. Quer um conselho? Vá conhecer alguma coisa da terra e deixe os homens em paz... Os homens mudam, a terra é inalterável... Vá por aí a dentro, embrenhe-se pelo interior e observe alguma coisa de proveitoso... Aqui, só encontrará casas mais altas, ruas mais largas e coisas parecidas ao que de igual existe em todas as cidades modernas... Mas ao contacto com a terra, sentirá o que não pode sentir nas avenidas asfaltadas! Nem precisará olhar tão para cima, se quiser ver coisas que prestem!

— Queremos conhecer detalhes da consagração de Jeca Tatú feita pelo verbo de Ruy Barbosa. Quando ela se deu, era já amigo do senador baiano?

— Eu começava, praticamente, a minha carreira de escritor — responde-nos prontamente. "Urupês" estava apenas em sua terceira edição e minhas atividades desdobravam-se por outros setores. Fui também surpreendido com a atitude de Ruy, com quem nunca havia falado, a quem jamais havia visto.

— Mas desde logo o procurou...

— Não foi bem assim. Só mais tarde, cinco anos depois, em visita ao Rio, tive ocasião de encontrar-me com Ruy Barbosa. Fui procurá-lo no Senado. E tornámo-nos bons amigos, como não podia deixar de suceder.

E' assim Monteiro Lobato, desprendido dos louvores, na realidade um indivíduo voltado para a sua profissão de escritor. Sente-se, porém, que na casa discreta da Aclimação paira um ambiente de paz e conforto espiritual, presidido pela esposa de Monteiro Lobato. Em verdade, dona Purezinha, sem aparentar a mais leve pòse ou requinte de vaidade pelo fato de ser a mãe dos filhos de Lobato, vela por ele com sentimento quase maternal. Dirige-lhe pequenas censuras, em ar de pilhéria, como procurando conter-lhe a impetuosidade da palavra, quando esta parece querer exceder-se. De resto, Lobato deu-nos a impressão exata de um cidadão compenetrado de suas obrigações e dos seus direitos. Nossas conversas abrangeram vários temas. Naturalmente, nem tudo quanto foi conversado é reproduzido nestas colunas, até porque a reportagem estava com suas fronteiras previamente delimitadas. Mas as idéias, as sugestões, até mesmo as censuras do escritor, a fatos e pessoas, jorravam com espontaneidade sem igual. A palavra do homem é fluente, impetuosa e sábia. Caboclo de atitudes, ele não oculta seus verdadeiros sentimentos, antes os expande de coração aberto, como se tivesse a seu lado, não o reporter quase desconhecido, mas um velho amigo. Era, realmente, um amigo quem o ouvia, como tantos que lhe conhecem a obra. E que mais sólida amizade pode forjar-se, senão essa provocada pelo trabalho intelectual de um indivíduo?

Seu álbum de família esteve sobre nossos joelhos. E nossos dedos foram virando aquelas páginas esmaecidas pelo tempo, onde se encontram retratos de tempos que não voltam mais, retratos com Lobato em família, viajando, escrevendo, pintando ou passeando com a esposa e os filhos. Dizemos — "os filhos" — porque além das duas moças que ali estavam à nossa frente o casal Lobato teve também dois rebentos masculinos. Mas ambos não pertencem mais ao número dos vivos. Um deles foi arrancado ao convívio paterno há bem pouco tempo. Seus retratos, juntos, ali estavam também sobre aquele móvel, na sala de refeições. E, quando aludimos a eles, os olhos de dona Purezinha cobrem-se de tristeza. As pálpebras descem. Suas mãos cruzam-se no regaço — ela está sentada em uma poltrona, ouvindo muito e falando quase nada — e toda a distinta senhora toma-se de pesar. Não queremos estender a conversa nesse particular, mas dona Purezinha sente-se à vontade referindo-se às qualidades dos filhos que Deus não quis deixar mais tempo a seu lado. O ambiente está igualmente toldado. Há uma pausa desagradável. E' Monteiro Lobato quem faz quebrar o silêncio, erguendo-se da poltrona onde folheava, ao acaso, um exemplar de matutino, para dizer, em ar de pilhéria:

— Bem, mas não falemos em coisas tristes. Nossos filhos estão em lugar muito melhor que este onde nos encontramos. Francamente, eles devem é ser invejados... não lamentados. Se agora, do outro mundo, pode-se falar à vontade para este... E não tarda muito que mensagens de ida-e-volta possam ser trocadas à vontade...

Desanuvia-se o ambiente. Agora dona Purezinha é quem se apodera do álbum, para retirar outros retratos do marido — e dá com duas pequenas aquarelas.

— Não sabia? Ele também pinta...

Lobato finge um entusiasmo extraordinário pela sua obra de aquarelista. Exagera essa auto-admiração, para dizer-nos:

— Que tal? Nada mau, hein?

— Mas dona Purezinha, quase em sussurro, diz-nos que prefere o escritor ao pintor. E adianta — retomada de bom humor — que se Monteiro Lobato apenas pintasse nunca seria sua esposa...

— Está você muito enganada, Purezinha... Você casaria comigo de qualquer modo... Nem que eu nada pintasse ou escrevesse...

As filhas divertem-se com o rumo que a conversa vai seguindo agora. E continuam lamentando a ausência da pequena filhinha de dona Marta, que está no colégio...

Quando o telefone tilinta, Lobato interrompe:

— Vai ver que é outro entrevistador! Na certa!

E não se engana. Dois minutos passados, agarrado ao fone, no aposento imediato, nós o ouvimos, com o seu sotaque paulista:

— Mas que quer que lhe diga, homem? Não sei nada com relação à Academia... Não recebi convite algum... Não tenho nada a dizer-lhe...



LOBATO, MENOTTI E CASSIANO — DOIS JÁ ESTÃO NA ACADEMIA: MENOTTI DEL PICCHIA (à esquerda) e CASSIANO RICARDO (à direita). ELE ESTÁ NO CENTRO, DE BRAÇOS CRUZADOS. PARECE QUE FALAM SOBRE O ASSUNTO, MAS NÃO. O RETRATO É ANTIGO. E NINGUEM COGITAVA DE ELEGER O PAI ESPIRITUAL DE EMILIA PARA SENTAR-SE NUMA POLTRONA VISTOSA DO PETIT-TRIANON.

O homem que não dispunha de cinco minutos para atender ao reporter vindo do Rio acaba perdendo toda a manhã conversando sobre mil coisas e perguntando sobre outras mil. Sente-se que Lobato tem o faro do reporter. Não se limita a ser entrevistado, mas também entrevista, mesmo aparentando desinteresse pelos homens e as coisas terrestres. Em relação às espirituais, ali está sem dúvida um analista, não um incrédulo. Parece-nos existir, sob a capa do grande céptico, um grande romântico, talvez envergonhado de o ser. Os maiores realistas, não raro, disfarçam outra personalidade — a do sonhador. E o "pó-de-pirlimpimpim" imaginado pelo novelista das crianças, deve ser, realmente, um símbolo da imaginação ultra-fértil de Monteiro Lobato. Para não perder uma **blague**, ele é capaz de perder um admirador, sinão um amigo, mas no momento oportuno será capaz de perder alguma coisa de seu para servir o amigo. Quando o fotografamos, à porta da Livraria Civilização, espanta-se com a aglomeração que se forma na calçada:

— Ande depressa com isso — diz ao fotógrafo. Olhe essa gente espiando... Vão pensar que virei fenômeno!

E põe com visível constrangimento. Por vingança, a chapa cisma de velar. E não se aproveitou...

Mas afinal seja qual for o desfecho desta original questão literária, se assim pode chamar-se, ele não poderá modificar a admiração de todos nós, pelo industrial que preferiu tornar-se escritor e, na qualidade de escritor, confessa publicamente ter conseguido melhores proveitos materiais. Não só materiais, também espirituais. Continuasse sendo apenas o industrial e seu nome deixaria de ter a repercussão que hoje desfruta. Ele próprio assim reconheceu dizendo a um reporter:

— Passei a vida tentando fazer dinheiro com a indústria e não ligando para a literatura que fazia. No fim, que é que me deu dinheiro? A literatura... No resto eu perdi dinheiro, tempo e às vezes até a liberdade.

Mas na condição de escritor, Lobato serve à coletividade. Quando escreve para as crianças, o faz consciente de estar colaborando na formação espiritual de uma geração que se apresta a continuar a tarefa desta geração cheia de provocações, da qual participamos. A criança é a preocupação dominante do escritor e do homem.

Quando nos despedimos, segura-nos o braço e pergunta:

— Você tem crianças em casa?

A resposta afirmativa, pega dois exemplares das "Aventuras de la Naricita", sua primeira obra recém-aparecida em Buenos Aires e apõe-lhes como dedicatória:

"Para Maria Celeste e Sergio aprendem o espanhol com a Emilia..."

Sempre as crianças parte integrante e supremo ideal na vida de Monteiro Lobato, o sonhador vestido do céptico e desiludido.

Por que a Academia convidou Monteiro Lobato?

Não são apenas os quarenta acadêmicos que andam preocupados com a imortalidade. Todos nós, toda esta turba que se movimenta na superfície da terra, em maior ou menor grau, estamos sempre interessados em sobreviver de alguma forma, em deixar algo de nós mesmos que perpetue a nossa memória. Consciente ou subconscientemente, esta idéia nos domina durante toda a vida e para aqueles que sabem não poder deixar nada de si a morte deve ser muito mais terrível.

Caminhando para a Academia Brasileira de Letras, onde pretendíamos entrevistar algumas das suas ilustres figuras, era nisto que pensávamos. O casarão estava àquela hora vazio e solitário.

Aquêle silêncio, contrastava com o movimento e o barulho ali reinantes na véspera, quando se procediam as eleições para a disputadíssima vaga de Fernando Magalhães, que pela segunda vez leva às urnas os votos teimosos e regularmente distribuídos entre os candidatos mais categorizados, isto é: Jorge de Lima, Raul Machado e Bastos Tigre. Da primeira vez não houve maioria absoluta de votos. Jorge Lima obteve dezesseis votos e Bastos Tigre quatorze.

Nas segundas eleições, como da primeira vez, não houve maioria absoluta de votos, como é requerido. Embora tendo alcançado no quarto escrutínio 16 votos, o escritor, poeta e pintor Jorge de Lima não conseguiu a maioria exigida não podendo por isso ser eleito.

Está assim mais uma vez aberta a inscrição para a vaga do poeta de "Beatitudes".

Dentro de trinta dias já se poderá saber quais os candidatos inscritos. Também para as vagas de Alcides Maya e Clovis Bevilacqua estão abertas as inscrições. E' em torno dessas duas vagas que se processa o grande movimento que motivou esta reportagem. A primeira devem concorrer Monteiro Lobato e Valdemar Vasconcelos e para a segunda figura entre outras o nome do coronel Afonso de Carvalho.

Entretanto, a candidatura de Monteiro Lobato noticiada pelos jornais, noticiando-se aliás que o autor de "Urupês" seria convidado, exigia uma confirmação. O fato revestia-se de grande importância e até de certo sensacionalismo, dado o dissídio entre o grande escritor paulista e o "Petit Triangon". Que haveria de verdade sobre o convite? Monteiro Lobato irá aceitá-lo, ingressando afinal para aquêle cenáculo, onde há tanto deveria estar, como escritor de primeira água que é.

Resolvemos pois saber o que diriam a respeito os representantes daquele cenáculo.

O silêncio da Academia e a sua desolação causavam-nos uma impressão de angústia. Os máus espíritos sopraram-nos pressentimentos funestos.

O busto de Machado de Assis parecia sorrir ironicamente, com aquela sua ironia amarga de quem descreu das coisas boas da vida. Tínhamos a impressão de que o bronze adquiria vida e que os lábios finos do escritor deixariam passar uma frase à Swift. Ele entretanto manteve o seu silêncio de bronze.

Que pensaria o genial escritor sobre as eleições na sua casa? Qual seria a sua opinião sobre o convite feito a Monteiro Lobato? Aí estava um autêntico imortal. A memória de Machado de Assis garantiu a sua passagem para a imortalidade.

Seu pensamento, pelo caráter universalista, pode ser traduzido para qualquer língua, compreendido e sentido por todos os povos do mundo. Ele paira numa região

ESTA PORTA DÁ INGRESSO À IMORTALIDADE. QUANTOS OLHARES CURIOSOS TERÃO SIDO LANÇADOS NESTA DIREÇÃO! DENTRO DE POUCO TEMPO, TRES ESCRITORES BRASILEIROS DEVERÃO PASSAR ESTES HUMBAIS EM CARÁTER DEFINITIVO. DO OUTRO LADO ESTÃO A GLÓRIA E A CONSAGRAÇÃO.

A VAGA DE FERNANDO MAGALHÃES — A SEDE DA IMORTALIDADE — UMA FRASE DE MACHADO DE ASSIS — TEM A PALAVRA O PORTEIRO FIDELIS — AS TRÊS FASES DO ESCRITOR NO BRASIL — NÃO HAVERÁ EXCEÇÕES? — UM MOVIMENTO DESUSADO — MAS ONDE ESTÃO OS IMORTAIS? AS SESSÕES SECRETAS — AS DIFICULDADES DE UM REPORTER PROCURANDO OUVIR OS ACADEMICOS — TENTANDO OUVIR ESTRÉLAS — ALGO SOBRE O CONVITE DA ACADEMIA A MONTEIRO LOBATO — AS OPINIÕES DE RAUL MACHADO, AFFONSO DE CARVALHO, BASTOS TIGRE E VIRIATO CORRÊA SOBRE A CANDIDATURA E A PERSONALIDADE DO CRIADOR DE "JÉCA TATU"

superior. E aquela mesma idéia de ânsia da imortalidade foi expressa numa frase. Naquele momento pensávamos nisto: "Um homem só pode se considerar tal, depois de ter escrito um livro, plantado uma árvore e ser pai.

Nesta frase está incluído aquele anseio de imortalidade.

Cada uma dessas coisas perpetuam a memória do autor.

A árvore irá frutificar, e talvez um dia toda uma floresta resulte daquele ato tão simples de lançar à terra uma pequena semente, regá-la, velar durante algum tempo pela sua preservação.

Um filho constituirá a nossa descendência.

Um livro lançará também sementes no cérebro dos leitores e talvez daí surjam muitos outros.

Está assegurada a imortalidade. Quem fizer uma dessas coisas viverá de um modo ou de outro.

Não sabemos se o notável ironista de "Braz Cubas" plantou, durante a vida, alguma árvore. Filhos ele não teve. Mas a sua memória ganha cada vez maior projeção, as suas obras se multiplicam. Todos podem saber como pensava. Ele está vivo, muito mais vivo do que os anônimos que se acotovelam nas filas. Muito mais vivo do que os cabotinos que querem impingir com anúncios luminosos o seu valor inexistente.

Queríamos perguntar tudo isto a Machado de Assis. Entretanto, recebíamos que o seu silêncio se prolongasse. Recebíamos sobretudo que o porteiro Fidelis não compreendesse aquela estranha palestra com um busto de bronze e tomasse alguma providência que iria estragar todo o trabalho que pretendíamos fazer. Sim, porque Fidelis era a única pessoa viva que encontrámos na Academia deserta.

Fidelis — quem não o conhece? — é o porteiro da Academia Brasileira de Letras. Aliás, segundo retificou quando por mera formalidade lhe perguntamos, Fidelis José da Conceição é o Chefe da Portaria da Academia Brasileira de Letras. Não há dúvida, o título é pomposo.

— Há quanto tempo exerce este cargo, Fidelis?

— Há trinta anos.

Ele parecia orgulhoso não apenas do posto como do tempo em que o exerce.

Não foi sem alguma relutância que se dignou nos conceder estas informações. Fidelis não parecia muito disposto a conversar.

Entrevista comigo? protestou assim que lhe dissemos o que desejávamos. — Tão cedo não darei entrevistas a ninguém.

— Mas porque, Fidelis? Você está assim tão importante?

— Não sou importante. É por isso que não quero ser entrevistado.

Precisamos usar toda a nossa pobre dialética para convencer ao digno porteiro da Academia de que nenhum mal lhe adviria em nos dizer algumas palavras.

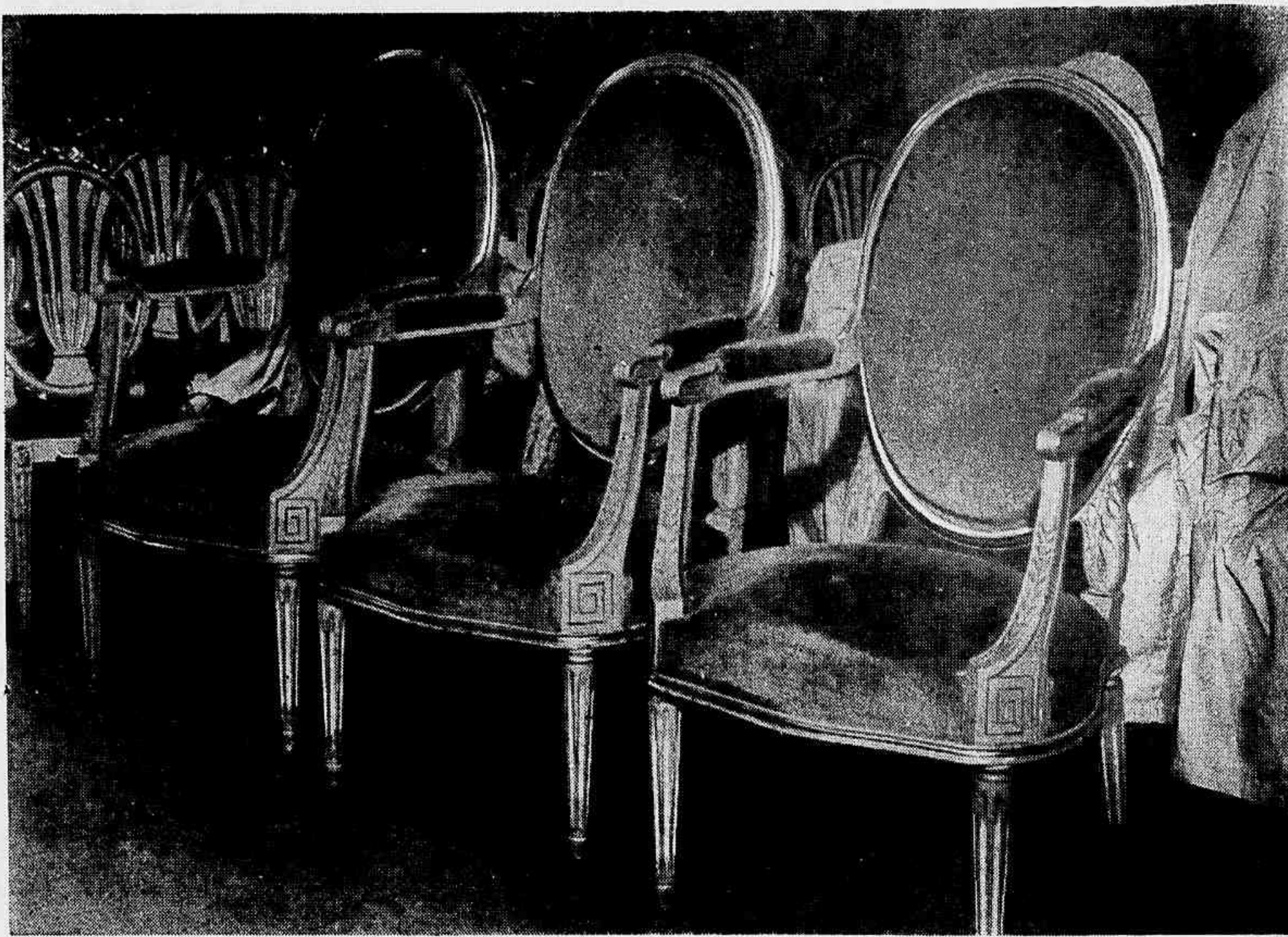
Finalmente pareceu aceder. Hesitou ainda diante da máquina do nosso fotógrafo.

— Não, assim em pé não vale a pena. Espere um pouco.

Sentou-se à sua mesa e tomou uma atitude condigna.

— Assim está bom, Fidelis. Com este ar você parece até um imortal.

— Você deve ter muitos fatos interessantes para nos contar desde que trabalha na Academia. Qual o momento de maior emoção para você desde que trabalha aqui?



O SALÃO NOBRE DA ACADEMIA ESTÁ VAZIO. AQUI ESTÃO AS TRÊS CADEIRAS VAGAS NAS QUAIS SE DEVERÃO SENTAR DENTRO DE POUCO TEMPO OS TRÊS FUTUROS IMORTAIS. QUEM AS CONTEMPLA PODERÁ DESCOBRIR-LHES UMA FISIONOMIA QUASI HUMANA. SEUS BRAÇOS PARECEM CONVIDAR MAS OS ENCOSTOS TÊM UM AR INTERROGATIVO.

Fidelis concentrou um pouco os pensamentos, franzindo a testa. Depois, resolutamente:

— Acho que nunca senti maior emoção do que no dia em que me vieram chamar dizendo que o Presidente queria conhecer o veterano porteiro da Academia. S. Excia. acabava de assistir à primeira sessão neste cenáculo, depois de ter ocupado a cadeira número 37. Teve então S. Excia. o gesto fidalgo de oferecer-me, segundo as suas palavras, "Como seu primeiro cartão de visitas" os duzentos cruzeiros que recebera pelo seu comparecimento. Guardo ainda as suas palavras e o seu ar tão amável.

— E o dinheiro?

— Também guardo, como uma lembrança do Presidente

da República, e do seu gesto que tanto me sensibilizou.

— De modo que você pode dizer que privou com as maiores figuras da intelectualidade brasileira, desde que desempenha este cargo.

— É verdade, sorriu, modestamente. E note que todos me trataram com bondade. Tenho gratas lembranças de todos os que foram.

— Depois, parecendo recordar:

— Tenho ainda gravados na retina as figuras de Silva Ramos, Bilac, Medeiros Albuquerque, Rui Barbosa e tantos outros que por aqui passaram e deixaram um rastro luminoso.

— Como os cometas, não é, Fidelis?

SERÁ UMA SALA DE REUNIÕES DA KLU-KLUX-KLAN? SÃO APENAS AS CADEIRAS DO SALÃO NOBRE DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. ELAS ESTÃO EM FÉRIAS, AGUARDANDO O MOMENTO AGITADO EM QUE OS NOVOS IMORTAIS OCUPEM AS SUAS TRÊS IRMÃS VASIAS E SAUDOSAS. QUEM SERÃO ELES? BREVEMENTE AS ELEIÇÕES O INDICARÃO.





QUAL SERIA O VOTO DO AUTOR DE "QUINCA BORRACHA"? QUE NOS DIRIA SOBRE A CANDIDATURA DE MONTEIRO LOBATO? ISTO É O QUE DESEJAVAMOS SABER; MAS O GRANDE ESTILISTA MANTEVE-SE NA SUA MUDEZ DE BRONZE.

— Não senhor, como as estrelas. Eles ainda brilham e brilharão sempre.

Positivamente, Fidelis está quasi poeta. Nada como a convivência com os imortais.

— Algum deles impressionou-o de modo especial?

— Como citar nomes entre tantos? Todos eles me impressionaram.

E descobrimos na Academia um "double" de literato e político.

Dizem por aí que no Brasil todo o escritor atravessa, com relação à Academia, três fases capitais: dos vinte aos trinta anos ataca e odeia a Academia, dos trinta aos quarenta a namora e depois dos cinquenta resolve desposá-la.

Mas naturalmente, se isto pode ser considerado uma regra, não deixa de ter as suas excepções como tôdas as regras que se presam. Seria superfluo citar os exemplos de todos os escritores que passaram a vida inteira e morreram apostrofando contra a Academia. Inveja? Despeito? Julguem como quiserem.

Talvez que as agitações que se verificam no mundo inteiro tenham a sua parcela de responsabilidade na morte de tantas figuras de destaque nas ciências e nas letras ultimamente. Não é apenas no Brasil mas no mundo inteiro que se verificam as consequências funestas deste atropelamento, deste entrelhecho de crenças e de idéias que vai por aí.

Os jornais noticiam quasi diariamente o desaparecimento de figuras de projecção internacional na esfera do pensamento.

O fato é que pode-se observar na Academia Brasileira de Letras um movimento desusado.

Acadêmicos que morrem, vagas que aparecem, candidatos que se apresentam, eleições que se sucedem. Casos que surgem.

Quem irá ocupar as vagas de Pereira da Silva, Clovis Bevilacqua e Alcides Maya?

O pleito é renhido. Os jornais noticiaram, há poucos dias, algo sensacional: Monteiro Lobato, o inconfundível autor de Urupês, o maior contista brasileiro vivo, o homem que entre nós criou uma verdadeira literatura infantil de que tanto se ressentiam as nossas letras, teria sido convidado a ingressar na Academia? Seria verdade? Como receberia o convite o criador de Narizinho Arrebitado, de Emilia e de todos estes personagens encantadores que encheram a nossa infância?

Só a nossa infância? Quanta gente grande não lê com verdadeira alegria os livros de Monteiro Lobato?

E' que, como em tôdas as obras verdadeiramente sinceras, podemos encontrar nas frases ingênuas de Emilia um sentido muito mais amplo e profundo. Monteiro Lobato escreve para os adultos em linguagem infantil.

Quem não se lembra de ter lido o D. Quixote na edição "Ad usum Delphini"?

E no entanto, de cada vez que lemos e relemos a obra monumental de Cervantes, podemos encontrar um aspecto

novo que nos surpreende, vislumbrar novos ângulos e sentir novas profundidades, de que nem suspeitávamos na leitura anterior. Assim acontece na obra de Monteiro Lobato. Assim acontece em tôdas as obras onde há uma centelha de genialidade.

Ninguém nos poderia informar melhor do que os próprios membros da Academia.

Mas onde estavam eles? onde descobri-los? Diante daquele vácuo que encontramos na Academia, assaltou-nos uma sensação de angústia. Aquêlles aspecto de abandono e de vazio que apresentavam as salas, onde as cadeiras recobertas pelas capas davam a impressão de uma seção fantástica de espíritos, deixou-nos apavorados.

Saimos apressadamente, pensando voltar mais tarde. E voltamos de fato. Mas tudo em vão. As informações que recebiamos deixavam-nos sempre desiludidos.

— Estão em reunião secreta. Não podem receber ninguém.

Tentamos então o telefone. O resultado não foi muito melhor.

O Dr. Mucio Leão declarou-nos que não convinha, no momento, fazer declarações a respeito.

Estávamos querendo muito. Queríamos forçar os deuses do Olimpo a falar sobre um assunto para eles perigoso.

Não é qualquer mortal que consegue ouvir estrelas.

Entretanto, não desanimamos. Era preciso ver como repercutiria entre os intelectuais brasileiros a notícia da candidatura de Monteiro Lobato.

Viriato Corrêa atendeu-nos mesmo pelo telefone e resolvemos não desperdiçar aquela preciosa ocasião:

— Quer saber a minha opinião a respeito? Ora essa! Penso como pensarão todos os meus companheiros. A Academia Brasileira de Letras já devia há muito tempo ter abrigado Monteiro Lobato.

Particularmente, sinto-me até acanhado, desde que entrei para aquêlles cenáculo, por não ter a meu lado a figura de Monteiro Lobato. Se a Academia é destinada a receber em seu seio os mais altos expoentes da mentalidade brasileira, neste caso, de há muito há lá um lugar para o admirável criador de "Jeca Tatú".

Se lá estou, com muito mais razão, ele também lá devia estar.

Agora quanto à personalidade de Monteiro Lobato como escritor, meu amigo, não é possível dar uma opinião pelo telefone. Isto requeria algumas páginas da sua REVISTA. Seria um estudo literário e dos mais sérios.

Entretanto, Raul Machado, poeta, crítico e magistrado, sério concorrente à vaga de Pereira da Silva, não hesitou em dar a sua opinião sobre o escritor paulista:

Quando lhe fizemos a pergunta, respondeu sem hesitações:

— Monteiro Lobato é, sem nenhum favor, um dos grandes vultos da nossa literatura.

Escritor de raras qualidades de ideação e de estilo pessoalíssimo, toda a sua obra apresenta acentuado cunho de ambiente nativo.

Seus personagens são vivamente nossos. E até na linguagem se lhe sente um sabor forte de brasilidade.

Não que refuja às regras de construção portuguesa, mas porque usa um processo expressivo, que é todo nosso; e a quando e quando ainda o engalana de termos e modismos deliciosamente regionalistas.

Seu livro de contos "Urupês" é, sem dúvida, um modelo primoroso no gênero. Se Euclides da Cunha, numa página célebre, nos pintou, heroicamente, a figura paradoxal, pela aparente timidez e pela instintiva bravura, do homem dos sertões nordestinos, Monteiro Lobato, em página não menos célebre, fez o retrato moral do nosso caboclo fatalista e desalentado no regime da vida agrária.

Da mesma forma, ninguém mais do que Monteiro Lobato soube pôr em relevo a glória e o trabalho agrícola nas fazendas de café de São Paulo, mostrando, após o esforço árduo dos lavradores, ao lado da pompa verde dos cafés enfeitados de rubis dos próprios frutos, o destino de incerteza das colheitas, pela ameaça de maldição das geadas...

A tudo isto se juntam cenas e tipos admiravelmente descritos em vários contos feitos por mão de mestre e sempre impressionantes, ricos de observação e de conteúdo de alma e de vida humana.

Daí por que toda a sua obra literária, que é vasta e ótima, encontra a melhor e a mais compreensiva repercussão na acústica do sentimento e da inteligência nacional.

Escritor de tamanho porte e de virtudes primaciais tão raras, o seu ingresso na Academia Brasileira de Letras importará apenas na concessão de uma honra que, de direito já lhe pertencia de há muito.

Aconhendo-o, pois, a Casa de Machado de Assis incorporará à sua alta representação de valores do espírito mais uma inconfundível e incontestada expressão de cultura das nossas letras.

E' isso o que me apraz dizer, em palavras breves e desprovidas de autoridade, mas cheias daquela razão de justiça e que, como magistrado que sou, me habituei a condicionar à própria vida do sentimento.

O coronel Affonso de Carvalho concorrerá à vaga de Clovis Bevilacqua. Fomos entrevistá-lo sobre a candidatura ou o convite a Monteiro Lobato.

— Conforme tem sido divulgado causou a melhor das impressões em todos os meios literários do país a lembrança do nome do Sr. Monteiro Lobato, para o preenchimento da vaga de Alcides Maya, na Academia Brasileira.

Trata-se, na verdade, de um grande nome das nossas letras, já firmado e reafirmado em obras, que representam um rico e singular patrimônio de nossa literatura. E' até para admirar que o Sr. Monteiro Lobato não esteja na Academia há mais tempo.

Como o Sr. sabe, a inscrição na Casa de Lúcio de Mendonça pode ser feita de dois modos: ou pela apresentação espontânea do candidato, ou por uma indicação assinada por dez acadêmicos.

É possível, até, venha a prevalecer o último processo, tão larga é a projecção atual do nome do autor de Jeca Tatú nos nossos mais elevados meios literários.

A eleição de Monteiro Lobato, não somente viria prestigiar ainda mais os altos foras de intelectualidade da nossa Academia, como aumentar de forma prestigiosa o brilhantíssimo número de acadêmicos que, nascidos no prestigioso Estado de São Paulo, tão alto elevam a inteligência do Brasil.

Bastos Tigre, o notável humorista que todos conhecem tão bem, falou-nos rapidamente sobre a personalidade e os méritos de Monteiro Lobato, fazendo algumas considerações interessantes sobre a sua eleição para a Academia:

— Posso dar conselhos a Monteiro Lobato; sou mais velho do que ele. Nasci em março e ele em abril do mesmo ano, que a ninguém interessa saber qual foi. O conselho que lhe dou nesse caso de candidatura à Academia é que entregue a campanha eleitoral aos filhos e netos dos acadêmicos.

Porque Lobato pode ser para a gente adulta um grande autor mas para as crianças ele é "o autor", o único, o insubstituível. Que maior glória para um escritor que esta de saber que cada geração que vem surgindo entra no mundo espiritual através dos seus livros?

Os amigos de Pedrinho, de D. Benta e de Emilia, são os melhores cabos eleitorais de Monteiro Lobato.

Quem poderá com eles?

Aí fica a sugestão no caso de Monteiro Lobato querer aproveitá-la.

CANDIDATO À ACADEMIA? NÃO. ESTE É APENAS O TRADICIONAL PORTEIRO FIDELIS QUE HA TRINTA ANOS EXERCE O CARGO. NATURALMENTE A SUA ATITUDE PROEM DA LONGA CONVIVÊNCIA COM OS IMORTAIS. ALIÁS, SEGUNDO NOS DECLAROU, GOSTA MUITO DE LER.





15 "HITLER, AQUI JÁ ESTAMOS". E OS SOLDADOS BRASILEIROS COMEMORAM, ALEGREMENTE, EM TERRITÓRIO ITALIANO, O SEGUNDO ANIVERSÁRIO DA ENTRADA DO BRASIL NA GUERRA.

NOS terrenos históricos da Itália, onde se travaram algumas das mais famosas e decisivas batalhas da humanidade, soldados do Brasil abrem caminho sob o fogo da artilharia nazista.

As primeiras posições escarpadas da famosa Linha Gótica já foram atingidas pelos nossos valentes patrícios.

Ombro a ombro com as veteranas tropas do general Marc Clark, avançam resolutamente rompendo as fortificações alemãs onde fanáticos soldados nazistas tentam ainda resistir.

Seus esforços são porém baldados ante o entusiasmo, a fibra e a capacidade combativa dos nossos irmãos.

Dois cidades de importância estratégica e algumas povoações foram libertadas pelas tropas brasileiras do jugo alemão.

Suas populações agradecidas, depois de tantos anos de sofrimentos e miséria, beijam reconhecidas as mãos dos seus libertadores.

E' a mocidade brasileira, são teus filhos, teus esposos, teus noivos que atravessaram

um oceano cheio de perigos para defender os ideais de liberdade e justiça que irmanou, sob uma única bandeira, todos os povos conscientes dos seus direitos.

Os brasileiros marcham também a caminho de Berlim, abrindo com as pontas de suas baionetas as estradas, que conduzem ao núcleo da tirania, e escrevendo, longe da sua pátria e dos seus lares, uma das páginas mais gloriosas da nossa história.

Demos um passo decisivo para nos colocarmos ao lado das Nações Unidas defendendo aqueles princípios dentro dos quais sempre vivemos e nortearam desde o início a nossa civilização.

A mocidade do Brasil, esta mesma geração que ao abrir os olhos para a luz do mundo encontrou-o ainda envolto na fumaça e nas chamas de uma carnificina que mal terminara, empunha agora as armas para bater o inimigo comum da humanidade, que sob novos rótulos surgiu ainda mais odioso.

E' esta a geração que garantirá para o nosso país a situação a que fazemos jus no concerto das nações, cimentando com o seu sangue e a sua coragem o futuro edifício da nossa autonomia. Os nossos pensamentos te acompanham, soldado do Brasil. Em todos os lares da tua terra, mulheres e crianças fazem preces pela tua vitória.

O BRASIL NA GUERRA

BATISMO DE FOGO



EM PLENA CAMARADAGEM, SOLDADOS BRASILEIROS E AMERICANOS, IRMANADOS PELO MESMO IDEAL, EXERCITAM-SE EM CONJUNTO NO MANEJO DAS MODERNAS ARMAS AUTOMÁTICAS. ELES ESTÃO NA ITÁLIA, NO SETOR DO TIRRENO, SOB O COMANDO GERAL DE MARC CLARK E MARCHARÃO JUNTOS PELAS RUAS DE BERLIM.



MOÇAS DA CRUZ VERMELHA AMERICANA, DISTRIBUINDO UMA RAÇÃO DE LANCHE AOS SOLDADOS BRASILEIROS NUM POSTO AVANÇADO DA ITÁLIA. DENTRO DE POUCO TEMPO ELES ESTARÃO EM PLENA LUTA CONTRA O INIMIGO COMUM DA CIVILIZAÇÃO, MOSTRANDO A SUA FIBRA E ESPÍRITO COMBATIVO.



UM SOLDADO DO EXÉRCITO AMERICANO MOSTRA A UM SEU COMPANHEIRO DO EXÉRCITO BRASILEIRO UMA ARMA AUTOMÁTICA. AS NOTÍCIAS RECENTES, RELATANDO-NOS AS PROEZAS DOS NOSSOS PATRÍCIOS QUE JÁ LIBERTARAM DUAS CIDADES IMPORTANTES E ALGUMAS ALDEIAS EM TERRITÓRIO ITALIANO, PROVAM QUE ELES A SAEM MANEJAR



OS SOLDADOS BRASILEIROS ATRAVESAM OS MARES PARA DEFENDER EM SOLO EUROPEU O RENOME DE BRAVURA E OS IDEAIS DE LIBERDADE E JUSTIÇA PELOS QUAIS SEMPRE LUTAMOS.



OS GENERAIS MASCARENHAS DE MORAES E ZENOBIO DA COSTA EM COMPANHIA DE DOIS OFICIAIS SUPERIORES DAS FORÇAS ARMADAS AMERICANAS. A EFICIENCIA TÉCNICA QUE VÊM DEMONSTRANDO OS NOSSOS SOLDADOS NO CAMPO DE LUTA SÃO UM ATESTADO DA CAPACIDADE DOS SEUS COMANDANTES.



NOS INTERVALOS DA LUTA, HA SEMPRE TEMPO PARA UM POUCO DE ALEGRIA. LUTANDO AO LADO DOS SOLDADOS DE TODAS AS NAÇÕES UNIDAS, AS DIFICULDADES EM SE COMPREENDEREM NOS RESPECTIVOS IDIOMAS PODE TRAZER EMBARAÇOS. DURANTE UMA FOLGA, SOLDADOS BRASILEIROS LÊM UM VOCABULÁRIO INGLÊS.

ANTES DA PARTIDA PARA O "FRONT", UM INSTRUTOR AMERICANO DÁ ALGUMAS EXPLICAÇÕES A SOLDADOS BRASILEIROS SOBRE UM CANHÃO DE CAMPANHA, COM O QUAL ELES IRÃO BOMBARDEAR OS NAZISTAS.





JOCKEY CLUB MUNDANO

A cronica esportiva assinalou domingo ultimo a realizacão de mais uma brilhante tarde turfistica no Hipodromo da Gavea, com um programa que se desenrolou ante o mais vivo entusiasmo da grandiosa assistencia que lotava as dependencias do prado do Jockey Club Brasileiro. O fotógrafo da REVISTA DA SEMANA, presente àquele "meeting", colheu, na "pelouse", os aspectos que reproduzimos nesta pagina.



JUIZ OU RÉU?

Adaptação de uma novela de
VIOLA BROTHERS SHORE

ELE VEIO PEDIR UM CONSELHO AO JUIZ... ESSA NOVELA TEM UM DESFECHO
MAIS DO QUE SURPREENDENTE: UM VERDADEIRO ACHADO DA ESCRITURA

(Adaptação de uma novela de Viola Brothers Shore)

O jovem secretário levantou os olhos do trabalho, quando soou, impaciente, a campainha. — Será que ele não pode esperar um instante? Eu vim de lá agora mesmo! pensou, aborrecido. Mas o toque insistente continuava. Finalmente, levantou-se e foi bater à porta, ao fundo do escritório.

— Entre!

Obedeceu, fechando a porta atrás de si:

— Você não ouviu quando eu toquei da primeira vez?

— Ouví, sim senhor. Eu já vinha. Estava acabando de assentar aqueles descontos que o senhor mandou fazer na conta da firma Drake & Drake.

— Mas você não sabe muito bem que, quando eu lhe chamo, é por razão importante? Que quando tôco a campainha quero que venha logo?!

— Desculpe, Sr. Brandon. Isso não se repetirá.

— E' o que espero.

— O que é que o senhor queria que eu fizesse?

— Ah! E' verdade. Com tudo isso quasi me ia esquecendo. Mande buscar um café aí no bar defronte.

— Sim, senhor.

Rogério fechou a porta, com cuidado, ao sair. No seu cérebro fervilhavam pensamentos. Mal conseguia conter os insultos que tinha ímpetos de dizer àquele homem.

— Só porque é patrão pensa que pode tratar os outros como cachorros! Miserável! Uma coisa muito im-j tante! Um café! Pertubar o trabalho dos outros para mandar pedir um café que ele mesmo poderia pedir pelo telefone!

O rapaz ainda estava imerso em seus pensamentos, quando um leve bater da porta veio perturbá-lo.

— Quem será? Mais um importuno, com certeza!

Porem a visita que apareceu, pelo contrário, parecia, até, dar muito prazer ao jovem.

— Lucí!

— Rogério!

— Você por aqui, Lucí? Tão cedo...

— Você sabe que eu tinha que voltar a trabalhar o mais breve possível.

Ontem à tarde, o Sr. Brandon telefonou lá para casa, dizendo que se eu não voltasse amanhã ele daria o lugar definitivamente à minha substituta. Disse que quer saber, afinal de contas, quem é a sua datilógrafa!

— Esse homem ainda leva uma bala um dia!

— Não diga isso, Rogério, nem brincando!

— Mas eu estou falando com toda a sinceridade!

— Meu Deus!

— Ah! Você pensa que eu quero dizer que vou me meter em apuros por causa desse bandido? Não. Não o matarei.

Deixo isso para outro. Pagar pela morte de um patife dessa espécie? Não.

Se eu o matasse seria preso por isso! Não quero morrer na cadeira elétrica por causa de um patife dessa marca.

— Fale mais baixo, Rogério. Ele pode estar ouvindo!

— Que me importa?

— Rogério, pelo amor de Deus!

— E' isso mesmo. Eu não me importo com o que él. pensa!

— E se despedi-lo? Você ficará sem emprego!

— E' a única coisa que me faz ficar nessa casa!

— Mas você não pode arranjar outro emprego?

— Não um que dê tanto quanto esse miserável paga. E eu preciso desse dinheiro...

Ele sabe disso, o patife, e torna-o ainda mais caro!

— Mas, Rogério, você podia abandonar os seus projetos, por algum tempo. Eu tenho que suportá-lo, porque não consigo outro emprego, mas você...

— Como é que eu vou deixá-la aqui, só, com esse bandido? Não está vendo que isso é impossível? Você sabe bem, Lucí, que o dinheiro eu o quero para que possamos casar...

A moça sorriu.

— Isso me parece num futuro tão longínquo...

— Quem sabe? Eu já tenho as minhas economias e, se conseguir aturar esse patife até o fim, pode ser que não demore muito mais a nossa felicidade!

— Rogério!

A expansão foi interrompida por novo toque imperioso de campainha.

— Rogério! Rogério!

— Da outra sala, o patrão juntara sua voz estentórea ao ruído ensurdecedor da campainha.

— Rogério!

— Pronto, Sr. Brandon.

— Já mandou buscar o café?

O rapaz mentiu, tranquilamente:

— Já, sim senhor.

— Muito bem. A tal moça apareceu?

— Que moça, Sr. Brandon?

— Não se faça de desentendido. A datilógrafa.

— Ah. Lucí? Ela chegou agora mesmo.

— Já não era sem tempo! Mande-a entrar!

— Sim senhor.

O rapaz foi chamar Lucí.

— Lucí! O patrão está chamando.

— Bom dia, sr. Brandon, disse a moça, ao entrar.

— Bom dia, respondeu o chefe, muito seco. Depois, voltando-se para Rogério, disse:

— Pode ir.

O rapaz evidentemente queria ficar, porém obedeceu com alguma hesitação.

A sós com a moça, Brandon disse:

— Senhorita Lucí...

— Eu sei, Sr. Brandon. O sr. ia dizer que a minha ausência...

— Exatamente. Achei que era razoável que, depois de muitos anos de serviço, a senhorita, doente, passasse alguns dias em casa. Porem a sua moléstia prolongou-se por mais de um mês e o estado das coisas não pode continuar assim. Ou a senhorita vem, de uma vez por todas trabalhar, ou então abandona o posto, e eu lhe farei as melhores recomendações, pois o seu serviço me agradeceu.

— Obrigada.

— Não há de que. Falo com sinceridade. A senhorita sabe muito bem que eu sempre ajo com toda a franqueza.

Não posso ter uma datilógrafa doente, uma moça que esteja, volta e meia, faltando ao trabalho. Esse escritório precisa ser dirigido com eficiência, ou então, não irá para diante, e uma das condições essenciais da eficiência é que os empregados sejam assíduos e pontuais.

— Eu compreendo, Sr. Brandon.

— Eu sei que a senhorita seria razoável... Resta-nos, portanto decidir. Ou a senhorita fica, ou abandona de uma vez por todas. Qual das duas prefere?

Houve uma pausa, antes que a moça respondesse. Finalmente: ela juntou toda a sua coragem e disse:

— Sr. Brandon, eu estive muito doente, porem agora nada mais tenho. Minha cura completa depende somente de boa alimentação e algum repouso. Preciso, portanto, justamente, do dinheiro que ganho aqui para completar

a minha cura. Não posso abandonar o trabalho. Assim, nessas condições, eu resolvi vir, quando o senhor me chamou. Aqui estou.

— Muito bem.

— Podemos começar o trabalho agora mesmo. O senhor tem alguma carta a ditar?

— Um momento senhorita. Quero que fique bem claro. Não posso ter datilógrafa doente. Se não se sente bem, é melhor abandonar tudo, porque caso a senhorita recomece a faltar serei obrigado a despedi-la.

— Não há perigo.

— O'timo.

— Há alguma carta a ditar?

— Ah, sim! Tome o bloco.

— Estou pronta.

— Srs. Williams, Morris & Grant:

Presados colegas. Sentimos, imensamente, não poder fazer esse obsequio à firma amiga, porque, no momento, o nosso estoque...

Naquela mesma tarde, ao acabarem o trabalho, Lucí e Rogério caminharam para casa, juntos. Ele sempre ia deixá-la à porta, quando a moça vinha trabalhar.

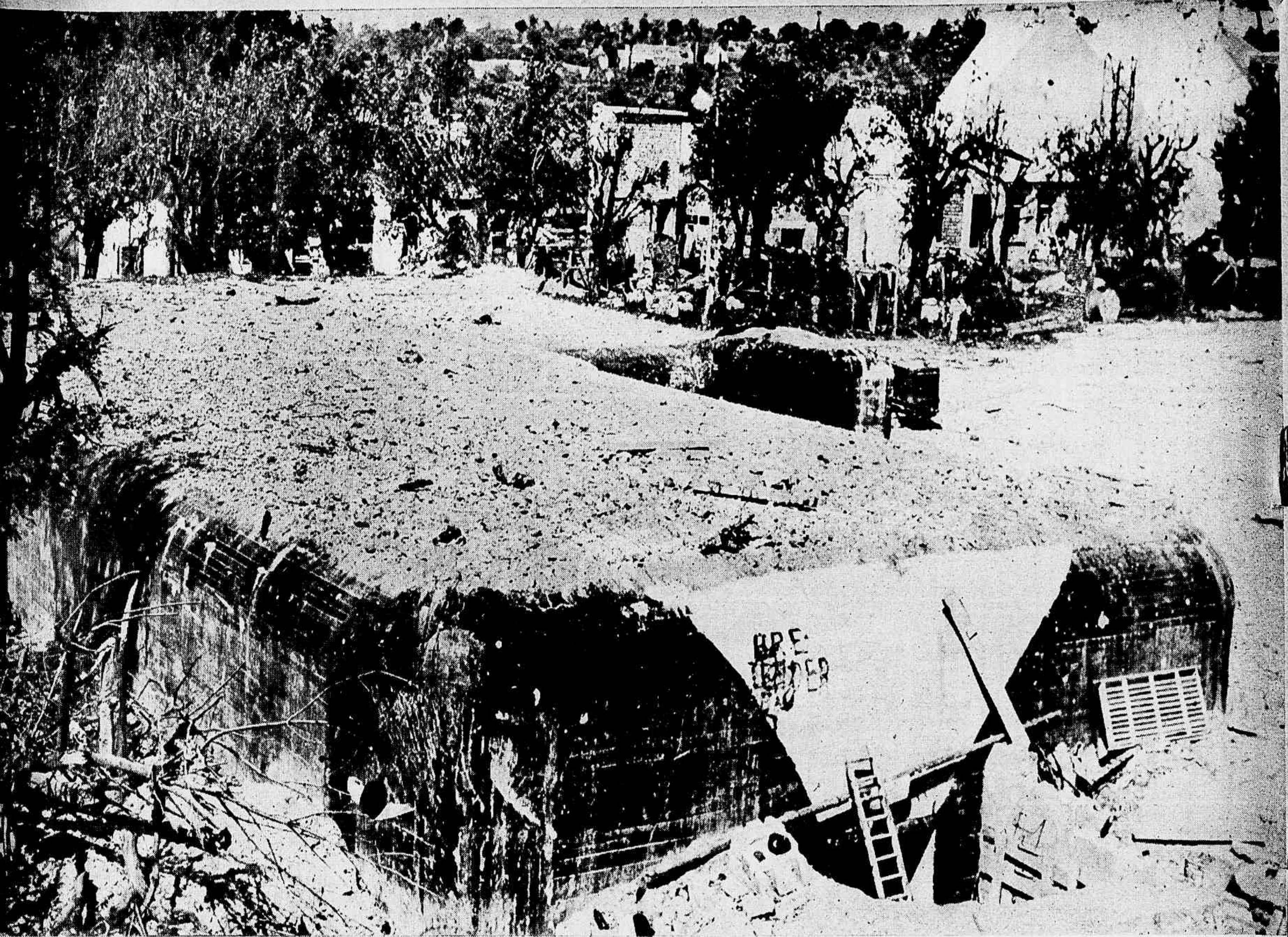
— Lucí, você acha que pode, mesmo, continuar?

— Está claro. Estou firme, agora.

— Mas o médico não tinha aconselhado umas semanas de repouso?

Continua na pág. 48

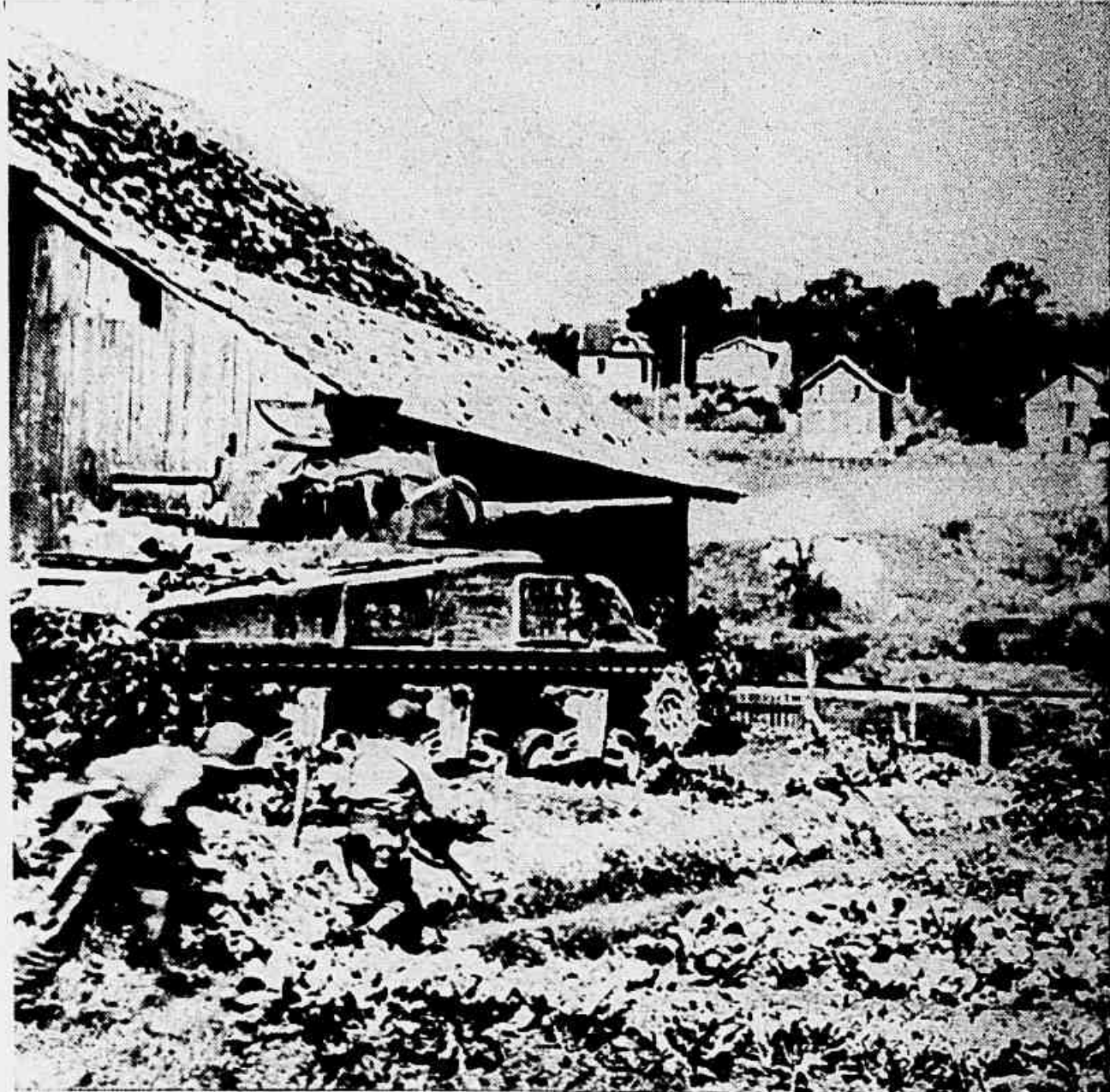




FORTIFICAÇÕES CAPTURADAS AOS ALEMÃES EM ST. LÔ — ESTA CASAMATA DE CONCRETO, SUBTERRÂNEA, EM ST. LÔ, NA FRANÇA, NOS MOSTRA COMO ERAM FORMIDÁVEIS AS FORTIFICAÇÕES ALEMÃS DESTRUÍDAS PELO PRIMEIRO EXÉRCITO AMERICANO EM SUA OFENSIVA NA FRANÇA. A CASAMATA TINHA UMA ENTRADA SUBTERRÂNEA COM ENORMES PORTAS DE AÇO. NO SEU INTERIOR HAVIA QUARTES COMPLETAMENTE APARELHADOS, COM UMA USINA ELÉTRICA E CENTRO DE COMUNICAÇÕES. NÃO OBSTANTE, O ASSALTO AMERICANO, COM SEU PODERIO DEVASTADOR, ESMAGOU COMPLETAMENTE AS DEFESAS INIMIGAS E CAPTUROU 220.000 PRISONEIROS *(Foto da Inter-Americana)*.

A DEBACLE — EIS A QUE HITLER REDUZIU O POVO ALEMÃO, A QUEM PROMETIA O DOMÍNIO DO MUNDO. PRISONEIROS NAZISTAS, CANÇADOS, DESALENTADOS E ALGUNS FERIDOS, REPOUSAM DEPOIS DE SUA CAPTURA PELOS SOLDADOS AMERICANOS, NA FRANÇA. VERDADEIROS FARRAPOS HUMANOS, EXPRESSÕES PERFEITAS DE DESGRAÇA E DERROTA, ESTES ALEMÃS MOSTRAM BEM A MISÉRIA A QUE O FASCISMO PODE ARRASTAR UM POVO. *(Foto da Inter-Americana)*.

EM PLENO ATAQUE — SOLDADOS DA INFANTARIA AMERICANA ACOMPANHAM UM TANQUE, DURANTE AS OPERAÇÕES DE LIMPEZA DE UMA ALDEIA NA FRANÇA CENTRAL. A UNIDADE BLINDADA ESTÁ PROTEGIDA POR UM BARRACÃO, ENQUANTO OS SOLDADOS ATUAM COMO OBSERVADORES. *(Foto da Inter-Americana)*.



A GUERRA EM MARCHA

PREPARANDO A FUGA

Com cerco total da minguante "Grande Alemanha" imaginada por Adolf Hitler, anuncia-se o fim desta guerra que ha cinco anos vem ensanguentando o mundo e sacrificando milhares de vidas em todos os continentes. Este sangue não é porem derramado em vão e o sacrificio destas vidas não será feito inutilmente. Eles cimentarão um mundo melhor para as gerações vindouras. Um mundo isento de injustiças e de ambições. Pelo menos é para isso que estão lutando as nações unidas. Para isso estão se reunindo os chefes aliados projetando, mesmo antes de acabar a guerra, o mundo futuro.

E entre as coisas que já foram estabelecidas por estes chefes está em primeiro plano a extirpação completa das formas de fascismo da superfície da terra. Assim é que Hitler e toda a sua camarilha bem como a raça abominável dos Quislings que se espalharam pela superfície da Europa como erva daninha, serão os primeiros justicados.

Eles deverão comparecer perante o tribunal aliado e ali responder pelos maiores e mais monstruosos crimes registrados pela história, capazes de deixar pálidos de vergonha a Néro e Calígula.

E' verdade que muitas destas almas fracas e covardes, sentindo a aproximação da vitória aliada, se incumbiram de pôr termo aos seus dias, justificando-se pelas próprias mãos.

O relatório sobre as atrocidades alemãs praticadas na Rússia já foi publicado e revela que mais de trezentas mil pessoas foram sacrificadas á sanha nazista. Além do fuzilamento em massa, foram empregados gases para assassinar a população das aldeias e cidades que caíram em poder das hordas barbaras de Hitler.

Os responsáveis por todas essas crueldades serão punidos pelos russos. E todos nós sabemos que não escaparão á justiça soviética.

Toda a Europa é um vasto livro onde os nazistas deixaram escrita em sangue a história dos seus crimes e das suas barbaridades. Na memória de cada habitante, nos países que caíram sob o jugo alemão, estão ainda vivas as atrocidades cometidas por este exército que se julgou até agora invencível e que vem sendo batido e escoraçado de toda parte onde por quatro anos as suas botas aviltaram os povos dominados.

E é natural que esses milhões de pessoas queiram ver justicados os assassinos de seus filhos e os violadores de seus lares.



Entre os muitos boatos que ultimamente têm aparecido na imprensa sobre a fuga dos chefes nazistas aparece agora a notícia de que Hitler estaria se preparando para fugir tendo para isso á sua disposição um submarino e um avião capazes, tanto um como outro, de percorrer metade do diametro da terra.

Isto não resolveria entretanto o problema daquele que pretendia ser o senhor do mundo escravizando-o á sua "super-raça". Resta-lhe ainda o problema, e este mais sério, de encontrar um lugar onde possa repousar tranquilamente, como ha de desejar o resto da sua vida.

NOVAMENTE LIVRE — A VELHA CATEDRAL DE NOTRE DAME, QUE ATRAVÉS DOS SÉCULOS TEM ASSISTIDO A TANTOS DRAMAS DA VIDA PARISIENSE, ESTÁ LIVRE DOS NAZISTAS. NESTA FOTOGRAFIA, TIRADA HORAS DEPOIS DA LIBERTAÇÃO, VEMOS ALGUNS PARISIENSES QUE SE DIRIGEM PARA O TEMPLO, ENQUANTO NO PRIMEIRO PLANO UM JOVEM FRANCÊS MOSTRA AO FILHO UM CARRO MILITAR NAZISTA DESTRUIDO DURANTE AS LUTAS PELA LIBERTAÇÃO DA CIDADE. A FRANÇA CONTINUA, MAS O NAZISMO HA DE SER DESTRUÍDO COMO FOI O CARRO EM QUESTÃO. (Foto da Inter-Americana).



Você tem vocação para detective?

O CRIME DA ESPIÃ



1 A agente estrangeira Sigrid Lobodoff sorriu ao receber o telegrama pelo qual estivera esperando. Fechou a porta do apartamento, leu o telegrama e suspirou feliz. Seus trabalhos de espionagem estavam indo bem e ela estava segura de que ninguém suspeitava.



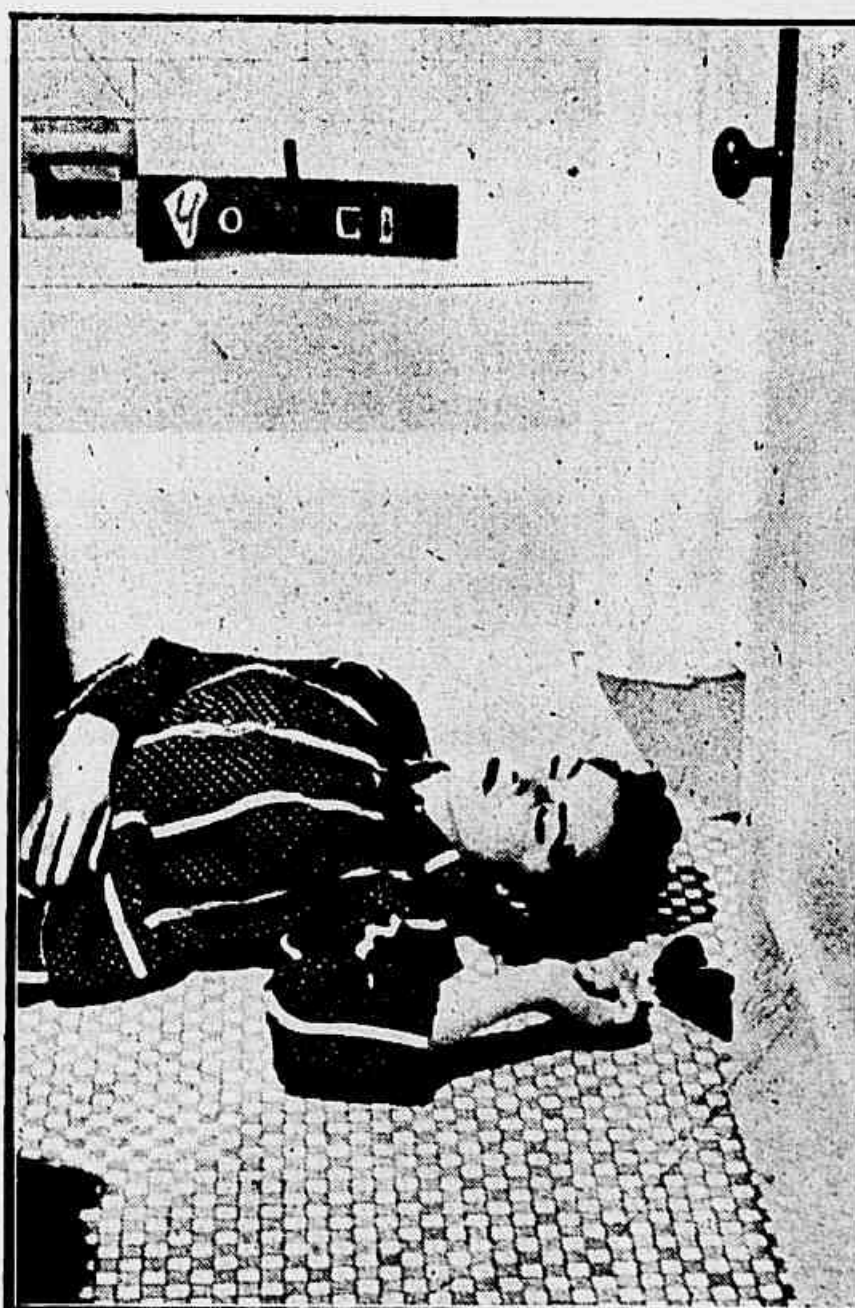
2 Na manhã seguinte uma empregada descobriu o corpo da bela espia na sala de banho. O inspetor Hannibal Cobb examinou cinco pequenas manchas de sangue diante da porta da sala de banho e inquiriu: "Quando você encontrou o corpo a porta estava fechada"? A empregada respondeu: "Sim senhor, bem fechada".



3 A entrada de Dirk von Hilken, morador no mesmo andar, interrompeu o inspetor. "Vim logo que soube", disse ele. "Talvez seja melhor explicar. Sigrid era uma agente estrangeira. Eu sou um agente comercial. Cada um de nós sabia a verdadeira missão do outro. Mas..."



4 "Cada qual pretendia, simulando mutuamente, ignorar os propósitos do outro, mas nenhum de nós dois nos enganávamos. Seu país, presumivelmente amigo de meu, procurava atrapalhar alguns planos meus na América" "Quando foi a última vez que a seguiu?" perguntou Cobb. "Até agora, apenas às 10.30 da noite passada", respondeu o agente.



5 Hannibal empurrou a porta da sala de banho. Sigrid estava caída no chão. Na parede havia duas palavras: "Você" e "Vencer". Cobb interrogou em primeiro lugar Paul Dardel, um hospede do hotel que tivera amizade com Sigrid. As impressões digitais de von Hilken e Dardel foram encontradas no telegrama.



6 "Sim, eu li quando Sigrid saiu da sala", admitiu von Hilken. "Represento o verdadeiro governo de meu país", foi o comentário de Dardel. "Vim aqui a noite passada às 11.55. Vi o telegrama e o copiei. Encontrei Sigrid morta mas não noticiei seu suicídio". Cobb replicou: "Isto não é suicídio. Prenderei" — Quem? Por que? Veja a resposta no próximo número.



Dez luzes!

Era tudo que lhe restava!... Eram as últimas moedas da larga e velha herança que até a ele chegara, escorrendo sonoramente, de degrau em degrau, por uma nobre escadaria de avós. Dez luzes!...

E D. Felipe, depois de agitar na mão fidalga as derradeiras moedas de ouro, encaminhou-se lentamente para o lugar que meia hora antes havia abandonado a banca da roleta.

De pé, apoiado ao espaldar da sua cadeira ainda vazia, deixou cair sobre o tabuleiro verde o seu frio olhar indiferente e altivo. Os números desapareciam afogados no ouro e na prata dos outros jogadores.

Permaneceu imóvel por longo tempo, sem ver o que olhava. Seus sentidos estavam de todo ocupados pelo pensamento que lhe trabalhava aflito dentro do cérebro: — Era preciso refazer a fortuna esbanjada, ou parte dela... Mas com cem mil francos, apenas cem mil! poderia salvar-se, sem cair no ridículo aos olhos do meio em que se arruinara... Com cem mil francos correria, sem perda de tempo, a Paris, siveria as dívidas que ali deixara garantidas sob palavra, e logo em seguida, a pretexto de qualquer exigência da saúde, simularia uma viagem à Suíça e partiria para a América, com o que lhe restasse em dinheiro. Na América encontravam-se rápidas riquezas; descobriam-se dotes fabulosos! Se fosse preciso trabalhar — trabalharia!

Não sabia em que, e como, iria trabalhar, mas a miragem do novo mundo surgia-lhe à imaginação num sonho de ouro; numa apoteose de milagres de reabilitação, em que a sua incompetência para qualquer trabalho produtivo encontraria lugar entre os vencedores. Nenhum programa, nenhuma idéia acompanhava aquela esperança; confiava na América como confiaria nas cartas e na roleta. Era ainda uma esperança de jogador. Era a cega confiança no acaso!

Não seria a América também um tabuleiro verde, banhado pelo ouro da Califórnia... Ele era a moeda jogada num último lance pelo desespero!

Iria!

E depois?... Como seria belo volver à Europa, muitas vezes milionário, com um resto de mocidade, para continuar a gozar os vícios interrompidos!...

E, enquanto castelavam seus doidos pensamentos, sucediam-se os golpes da roleta, e o ouro e a prata dos jogadores perpassavam em rio por de frente dos seus olhos distraídos.

— Mas, e se eu perder?... interrogou ele à própria consciência.

E o fidalgo não teve animo de entestar com a solução que esta pergunta exigia, como se temesse abrir de pronto ali mesmo um duro e violento compromisso com a sua honra.

Todavia, se perdesse aquele miserável punhado de moedas, que lhe restava além do... suicídio?... Que lhe restava no mundo, que não fosse ridículo e humilhante?...

E viu-se sem vintém, e esgueirando-se como uma sombra pelas ruas escuras, com as mãos escondidas nas algibeiras do sobretudo, fagindo de todos, desconfiado de que a sua irremediável miséria fosse de longe pressentida como uma moléstia infecta. Teve um cã a rio de terror.

As falazos hipóteses de salvação, que covardemente se lhe apresentavam ao espírito, lembrando amigos ricos e recursos inconfessáveis, eram amargamente repelidas pelo seu orgulho, ainda não vencido.

— *Faites vos jeux, messieurs!* exclamou o banqueiro.

E D. Felipe s rriu resignado e triste, como respondendo afirmativamente para dentro de si mesmo à voz que apelava para seus brios, e, depois de sacudir ainda uma vez as dez moedas, espalmou a sua linda mão inútil e, com um ar mais do que nunca indiferente e so-

branceiro, despejou-as na secção do vermelho que a mesa lhe ficava em frente.

— *Rien ne va plus!*

Uma vertigem toldou-lhe a fingida calma.

A pequena esfera de marfim girava já no quadrante da roleta. Fez-se em tôla a sala um silêncio que doía de frio.

Se naquele golpe, em vez de um número vermelho, viesse um número preto, pensou o desgraçado, qualquer mendigo das ruas seria mais rico do que ele!...

E a bola girava já com menos força, prestes a tombor no número vencedor.

O fidalgo deixou-se cair assentado na cadeira, ficando os cotovelos na mesa e escondendo o rosto nas suas duas mãos abertas.

A bola tombou no número. Vermelho!

Os dez luzes de D. Felipe transformaram-se em vinte. E o fidalgo não teve um gesto; esperou novo golpe, aparentemente imperturbável.

O tabuleiro esvaziou-se e de novo se encheu de reluzentes paradas. O banqueiro fechou o jôgo; a bola girou, caiu. Veio outra vez vermelho.

D. Felipe continuou imóvel, sem tirar as mãos do rosto. Sobre os seus vinte luzes derramaram-se outros vinte.

E o jôgo continuou, silenciosamente.

E, no meio do surdo ansiar dos que jogavam, um terceiro número vermelho dobrou a parada de D. Felipe, que conservava a sua imobilidade de pedra.

Tão forte, porém, era o arfar do seu peito que todo o corpo lhe acompanhava as pulsações do coração.

Vermelho!

E oitenta luzes despejaram-se sobre os oitenta luzes do jogador imóvel.

Vermelho!

E o ouro começou a avultar defronte dele.

Vermelho ainda!

E as moedas iam formando já um cômoro de ouro defronte daquela figura estática, da qual só se viam distintamente as duas mãos, muito brancas, ligeiramente veiaadas de azul puro.

Ainda vermelho!

E a figura imperturbável parecia agora de todo petrificada. E as duas mãos brancas pareciam fitar escarninhamente os outros jogadores, rindo por entre os dedos fixos.

A imobilidade e a fortuna do singular parceiro começavam a impressionar a todos.

Vermelho!

E já os olhares dos homens e das mulheres não se podiam despreger daquele misterioso companheiro de vício, cuja fisionomia nenhum deles conhecia ainda, absorvido como até então estivera cada qual no próprio jôgo.

Vermelho! Vermelho!

E o monte de ouro ia crescendo, crescendo, defronte daquelas duas mãos que pareciam cada vez mais brancas, mais escarninhas e mais ferradas ao rosto do jogador imóvel.

Vermelho! Vermelho! Vermelho!

E as moedas alargavam a zona inteira, escorrendo por entre os cotovelos do jogador de pedra, e caíam-lhe pelas pernas inalteráveis, e rolavam tinindo pelo chão.

Vermelho! e os jogadores esqueciam-se do próprio jôgo para só atentar no jôgo do singular conviva; á espera todos que aquelas duas mãos de mármore se afastassem; que aquela escarninha máscara caísse, revelando alguém.

E a cada golpe uma nova riqueza vinha dobrar a riqueza acumulada defronte do sinistro mascarado de mármore. Em vão, ao lado dele, uma formosa criatura, com ares de rainha e olhos de *soubrette*, aquecia-lhe havia meia hora a perna esquerda com a sua perna direita; em vão, por detrás da sua cadeira, formava-se uma palpitante grapa de mulheres, que riam forte e lhe discutiavam a fortuna, apostando, a cada novo golpe da sorte, se o original

(Continua na página 47)

CONTO DE
ALUIZIO AZEVEDO
ILUSTRAÇÃO DE
ORLANDO MATTOS

Modelos DA SEMANA

ALEXIS SMITH, DA WARNER, EXIBE PARA SUAS FANS UMA BELÍSSIMA TOILETTE EM "LAMÉ" TODA APANHADA EM FRANZIDOS NA FRENTE, SAIA DRAPEJADA; MANGAS TAMBÉM FRANZIDAS, COM PUNHOS APERTADOS. SAIA AMPLA.

MARGUERITE CHAPMAN, DA COLUMBIA, EXIBE UM ORIGINAL VESTIDO DE RAYON CREME. A BLUSA CRUZADA TEM NA FRENTE O FEITIO DE UM COLETE CUJAS PONTAS SE CRUZAM, ABOTOANDO NA ALTURA DA CINTURA. SAIA DRAPEADA E MANGAS LARGAS.





ELEANOR PARKER, DA WARNER, EXIBE UM VESTIDO EM ESTAMPARIA PRETA E BRANCA. O EFEITO É SIMPLES, COM UMA FITA DE VELUDO AO REDOR DO DECOTE, TERMINANDO EM ROSETA, O BOLERO ARREDONDADO FORMA O CONJUNTO. MANGAS COMPRIDAS.



A LINDA ESTRELA MARIA MONTEZ, DA UNIVERSAL, VESTE UMA BONITA E SINGULAR TOILETTE BRANCA, CUJO UNICO E GRACIOSO ENFEITE É O JABOT QUE CONTORNA A TIRA COM BOTÕES, NA FRENTE DA BLUSA. A SIMPLICIDADE É A CARACTERÍSTICA DESTES MODELOS.



JANET BLAIR, DA COLUMBIA, EXIBE DOIS ELEGANTES "SLACKS" DE RAYON BRANCO. NO PRIMEIRO, TANTO AS CALÇAS COMO O CASACO SÃO DESPONTADOS NAS COSTURAS; O CASACO NÃO TEM GOLA; BOLSOS GRANDES APLICADOS. NO SEGUNDO A BLUSA É AMARELA, AZUL E VERMELHA. UMA NOTA ORIGINAL É O CHAPÉU ESTILO "COOLIE" CHINEZ.

A MORENINHA

Adaptando ao teatro o célebre romance de Joaquim Manoel de Macedo, "A Moreninha", numa peça de Miroel Silveira, a companhia de Bibi Ferreira, no Teatro Phoenix, apresenta ao público uma ressurreição dos costumes do Brasil-Império, numa casa senhorial, em certa ilha, no ano de 1844.

Os livros de Joaquim Manoel de Macedo, ainda que não tenham dentro do quadro geral da literatura brasileira a força e o caráter das obras de um Machado de Assis, por exemplo, retratam também estes pequenos e suaves quadros dos costumes e da vida das famílias brasileiras daquele tempo.

Não há aqui o estudo profundo de personalidades e caracteres, nem aquela filosofia amarga do autor de "Quincas Borba" e de "Memórias Póstumas de Braz Cubas". Não há análises introspectivas. É apenas a vida exterior, esta vida simples e boa das grandes casas senhoriais, povoadas de "Sinhás", de "sinhasinhas" e "sinhosinhos"; de negros escravos,

aos quais, naturalmente em razão do grande número que em tôdas as mansões havia, além das tarefas habituais, sobra tempo para se imiscuirem nas questões amorosas dos senhores.

Eles, como os pequenos gnomos da literatura nórdica, representam a sua parte na vida dos casarões.

São os nunes amorosos, os duendes negros de olhos maliciosos e brilhantes, com aquela manha peculiar à raça.

Macedo deixa-nos passar tranquilamente as páginas do livro, sorrindo, às vèzes, das pequenas aflições amorosas da "sinhá-moça", seguros do desfecho feliz.

Não há tragédias nem cenas fortes. Os herois não morrem.

Saimos do teatro com aquêl mesmo estado de espírito com que fechamos a última página dos livros de Macedo.

A peça de Bibi consegue por duas horas afastar-nos das preocupações e das tragédias da vida real.



EM CASA DE D. ANA SE REUNEM OS ESTUDANTES FELIPE, FABRICIO, LEOPOLDO E AUGUSTO. É A HORA DO CHÁ. NA SALA REUNEM-SE OS ESTUDANTES E OS DA CASA CONVERSANDO ALEGREMENTE. AS MENINAS — JOANINHA (A PÁLIDA), QUINQUINHA (A LOURA), CAROLINA (A MORENINHA) — NAMORAM À MODA DA ÉPOCA LANÇANDO DITOS CHISTOSOS AOS SEUS PREFERIDOS. TRAVA-SE ENTRE ELES UM VERDADEIRO DÚELO AMOROSO, PRESENCIADO PELO SORRISO BENEVOLENTE DE D. ANA. FABRICIO DÁ VASÃO À SUA GLUTTONERIA, DEVRANDO UM PRATO DE DOCES. AUGUSTO, ACUSADO DE INVULGAR INCONSTANCIA, FAZ A SUA PROFISSÃO DE FÉ COMO TAL. ELE ACEITA A SITUAÇÃO EM QUE O COLOCARAM OS SEUS AMIGOS PERANTE A FAMÍLIA E ATÉ PROCURA MOSTRAR-SE PIOR DO QUE HAVIAM DESCRITO. AQUELE DISCURSO, NATURALMENTE, DEIXA ASSUSTADAS AS MOÇAS, EMBORA A SUA DESENVOLTURA DESPERTE INTERESSE.

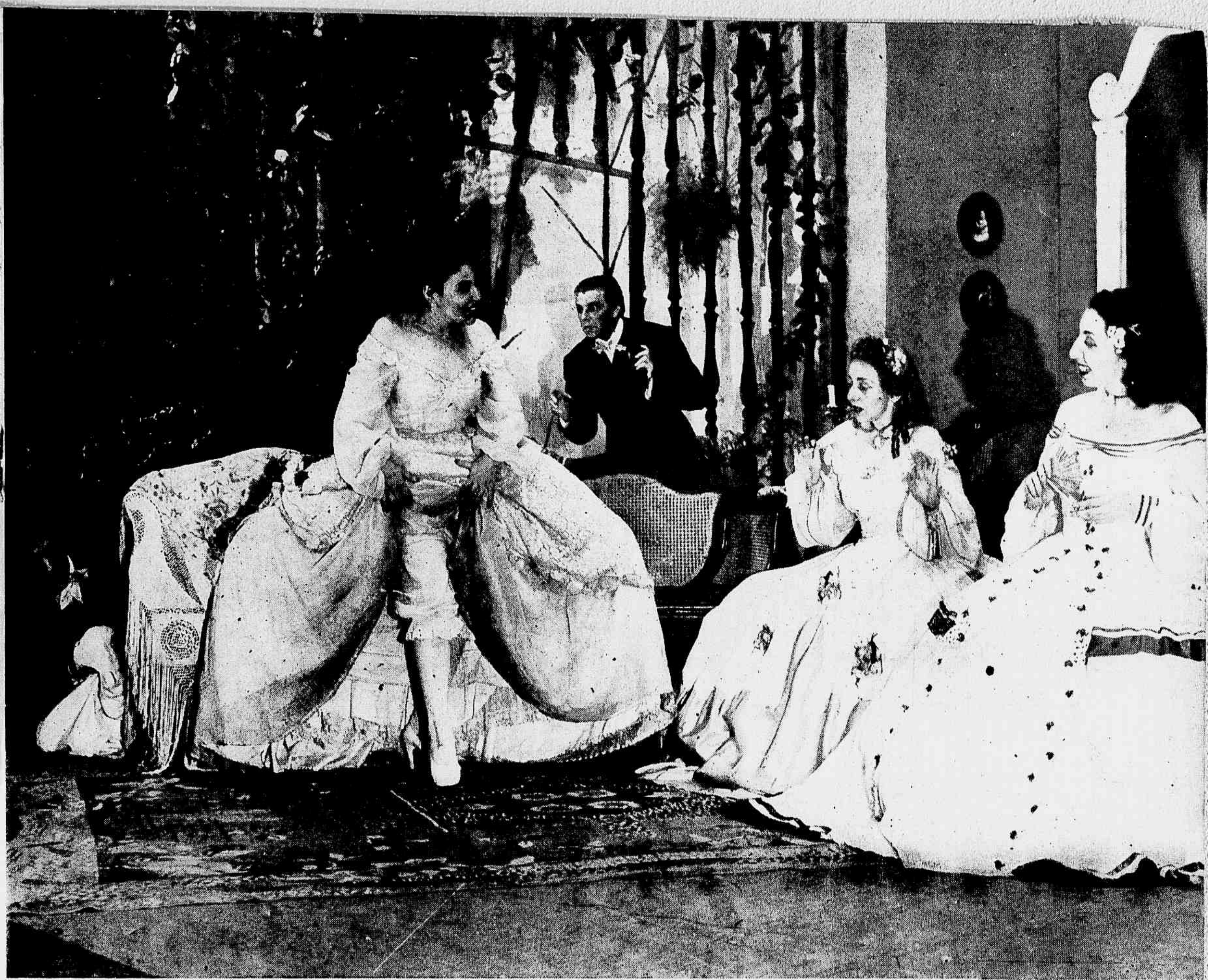


2 A APOSTA — RETIRAM-SE AS MOÇAS E D. ANA, EM COMPANHIA DE AUGUSTO. FELIPE CONTA ENTÃO A LEOPOLDO E A FABRÍCIO QUE FEZ UMA APOSTA ROMÂNTICA COM AUGUSTO. TENDO ESTE CONTESTADO QUE FOSSE VOLÚVEL E INCONSTANTE, COMO PENSAVAM TODOS, RETRUCOU-LHE FELIPE, PROPONDO O SEGUINTE: SE O ESTUDANTE FICASSE APAIXONADO POR ALGUMA DONZELA, PELO ESPAÇO DE QUINZE DIAS OU MAIS, SERIA OBRIGADO A ESCREVER UM ROMANCE COMO CASTIGO. AUGUSTO ACEITARA A PROPOSTA, CERTO COMO ESTAVA DE QUE NÃO SE APAIXONARIA NAQUELE PRAZO. TERIA ELE ALGUMA RAZÃO TÃO FORTE QUE LHE DESSE ESTA CERTEZA? DIANTE DOS AMIGOS, FELIPE LÊ ENTÃO OS TERMOS EM QUE A PROPOSTA FOI REDIGIDA E ASSINADA POR AMBOS. FABRÍCIO, INCORRIGÍVEL GLUTÃO, DIVIDE AS ATENÇÕES ENTRE O INSEPARÁVEL PRATO DE DOCES E A LEITURA DO CONTRATO. TODOS ESTÃO CERTOS DE QUE O ROMANCE SERÁ ESCRITO.

4 GOLPE E CONTRA-GOLPE — A CENA SE PASSA ENTRE RAFAEL E TOBIAS, SENDO ASSISTIDA PELA PAULA, TODOS ESCRAVOS NEGROS. RAFAEL É O ESCRAVO DE AUGUSTO E FAZ A CÔRTE A PAULA, DESPERTANDO OS CIUMES DE TOBIAS. ESTE, MAIS ESPERTO QUE SEU COMPANHEIRO, ENSINA-LHE COMO SE DEFENDER GANHANDO ALGUNS CRUZADOS DOS "SINHOSINHOS" E DAS "SINHASINHAS". É QUE, ALÉM DO SEU TRABALHO HABITUAL, ESTES NEGROS DESEMPENHAM AINDA UMA IMPORTANTE MISSÃO, TENDO UM RELEVANTE PAPEL NOS NAMORICOS DOS BRANCOS. SÃO OS MENSAGEIROS SECRETOS DE BILHETES AMOROSOS, LEVANDO E TRAZENDO RECADOS. A DELICADA MISSÃO, BEM MERECE A RECOMPENSA QUE O ESPERTO TOBIAS NÃO DEIXA ESCAPAR. NESTA CENA ELE REVELA A RAFAEL COMO FAZER PARA GANHAR DINHEIRO E CONQUISTAR A TÃO DESEJADA ALFORRIA. A REVELAÇÃO CAUSA ENORME ESPANTO E ALEGRIA AO COMPANHEIRO

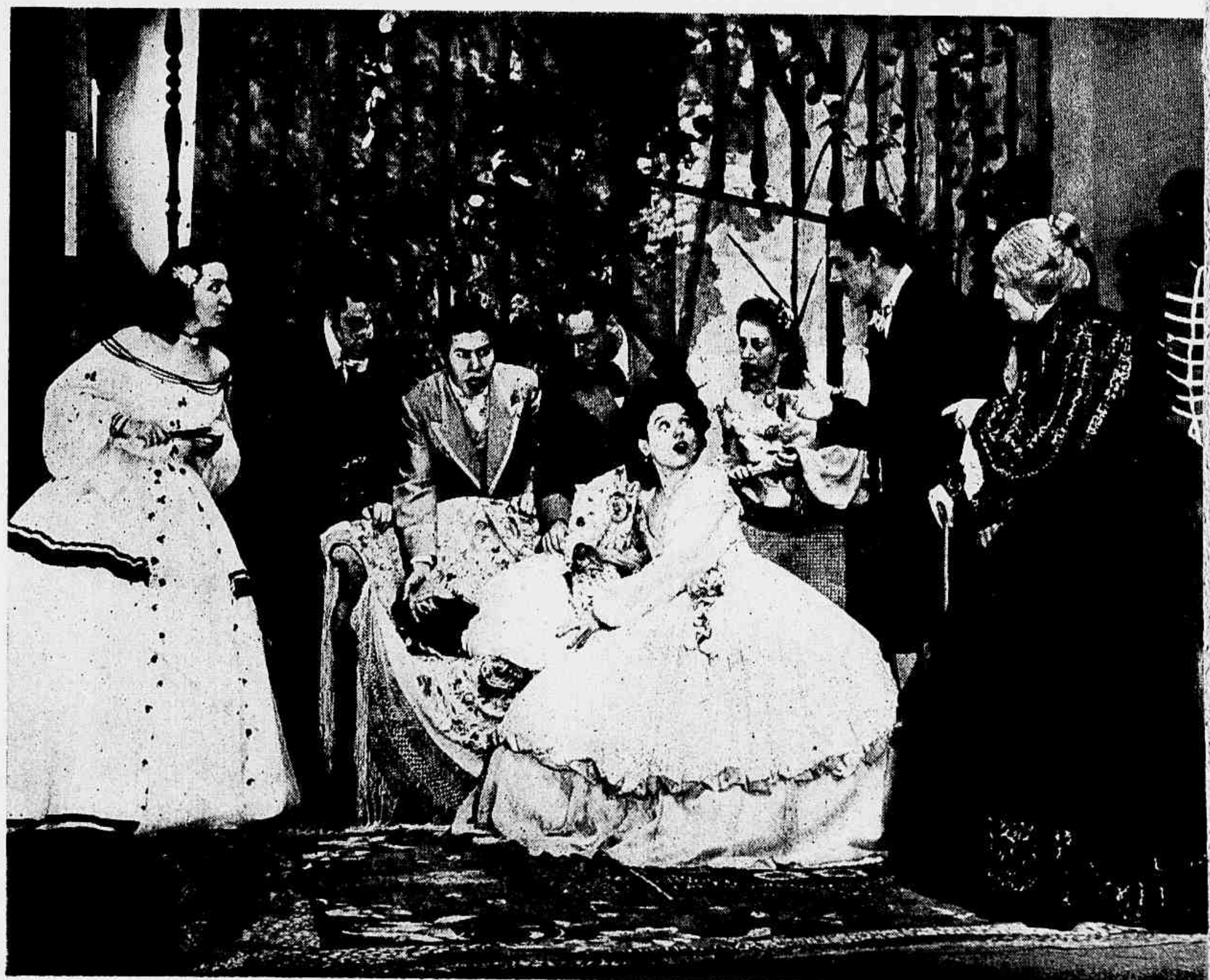
3 A REVELAÇÃO DE AUGUSTO — HABILIDOSAMENTE, AUGUSTO CONQUISTA AS SIMPATIAS DE D. ANA. PROCURA CONVERSAR A SÓS COM A BOA SENHORA. NUM DESSES MOMENTOS, ELE PROCURA MOSTRAR-LHE A SUA VERDADEIRA PERSONALIDADE, BEM DIFERENTE ALIÁS DAQUELA QUE APARENTA. NÃO É O RAPAZ INCONSTANTE QUE TODOS JULGAM. NUMA CENA DE GRANDE INTENSIDADE, CONTA-LHE ENTÃO O SEU SEGREDO. ELE PRÓPRIO MENTIRA QUANDO, DIANTE DA FAMÍLIA REUNIDA, SE CONFESSARA VOLÚVEL. NA SUA VIDA HÁ APENAS UM ÚNICO E GRANDE AMOR QUE ENCHE TODOS OS SEUS INSTANTES. PROCURA SER INCONSTANTE COM TODAS AS MULHERES PARA SE MANTER FIEL AO SEU VERDADEIRO AMOR. "FÔRA HÁ MUITO TEMPO, NA PRAIA, QUE ENCONTRARA AQUELA A QUEM JURARA QUE VIRIA A SER O ESPOSO. ERAM ENTÃO DUAS CRIANÇAS. JURARAM-SE FIDELIDADE ETERNA E O COMPROMISSO FÔRA SELADO COM A TROCA DE DOIS BREVES.





5 UMA SITUAÇÃO TRÁGI-COMICA — À NOITE, NO SARÁU, A IRREQUIETA MORENINHA DEIXA CAIR (TERÁ SIDO DE PROPOSITO?) UM COPO DE REFRESCO NAS CALÇAS DE AUGUSTO, IMPOSSIBILITANDO-O DE CONTINUAR NA FESTA. QUE FAZER? É PRECISO ARRANJAR OUTRAS CALÇAS. FELIPE PRONTIFICA-SE A ARRANJAR-LHE UMAS. ENTRETANTO, TODOS OS QUARTOS ESTÃO OCUPADOS. É DIFÍCIL ARRANJAR UM LUGAR ONDE POSSA MUDAR A ROUPA. NÃO HA REMEDIO. APROVEITANDO A AUSENCIA DAS MOÇAS, ENTRA NO SEU QUARTO; ELAS PORÉM NÃO TARDAM A CHEGAR. PANICO! NÃO HA TEMPO PARA ESCONDER-SE. AUGUSTO ESCONDE-SE ATRÁS DO SOFÁ ENQUANTO FELIPE, ATARANTADO, NÃO SABE O QUE FAZER. IGNORANDO O QUE SE PASSA AS MENINAS COMEÇAM A CONVERSAR, TROCANDO CONFIDENCIAS E AUGUSTO OUVI OPINIÕES DESAGRADÁVEIS A SEU RESPEITO. RESOLVEM AFINAL VER QUEM TEM AS PERNAS MAIS GROSSAS, CENA QUE AUGUSTO PRESENCIA, NÃO SEM ALGUM INTERESSE.

6 PAULA SE EXCEDE NO VINHOS — DESENCAMINHADA PELOS MÁUS CONSELHOS DE TOBIAS, PAULA, A AMA DE CAROLINA, BEBE MAIS VINHO DO QUE DEVERIA. O RESULTADO NÃO SE FEZ ESPERAR: ALVOROÇO NA CASA. TODOS ESTÃO APREENSIVOS PELO SEU ESTADO SEM SABER DO QUE SE TRATA. AFLITÍSSIMA, CAROLINA TOMA A TEMPERATURA DA NEGRA, NO QUE É AJUDADA POR FABRICIO. OS RAPAZES, NO ENTANTO, TENDO PERCEBIDO DO QUE SE TRATAVA, PEDIM AS SENHORAS QUE SE RETIREM. COMBINAM ANUNCIAR DOENÇAS ABSURDAS, FAZENDO OS MAIS ESTRANHOS DIAGNOSTICOS. AUGUSTO, COMO ESTUDANTE DE MEDICINA DÁ A SUA OPINIÃO. VOLTANDO AS SENHORAS, TODAS EM CORO AFIRMAM QUE O CASO NÃO TEM A MENOR GRAVIDADE. DESFILAM ENTÃO ESTARRECEDORES DIAGNOSTICOS, SENDO O DE FABRICIO NOTÁVEL PELA SUA ORIGINALIDADE: FABRICIO: "PAULA ESTÁ ATACADA DE "BAQUITES", UMA ENFERMIDADE QUE FREQUENTEMENTE ACOMETIA AS BACANTES E AS BAQUEAVA NAS BACANAIS".





30



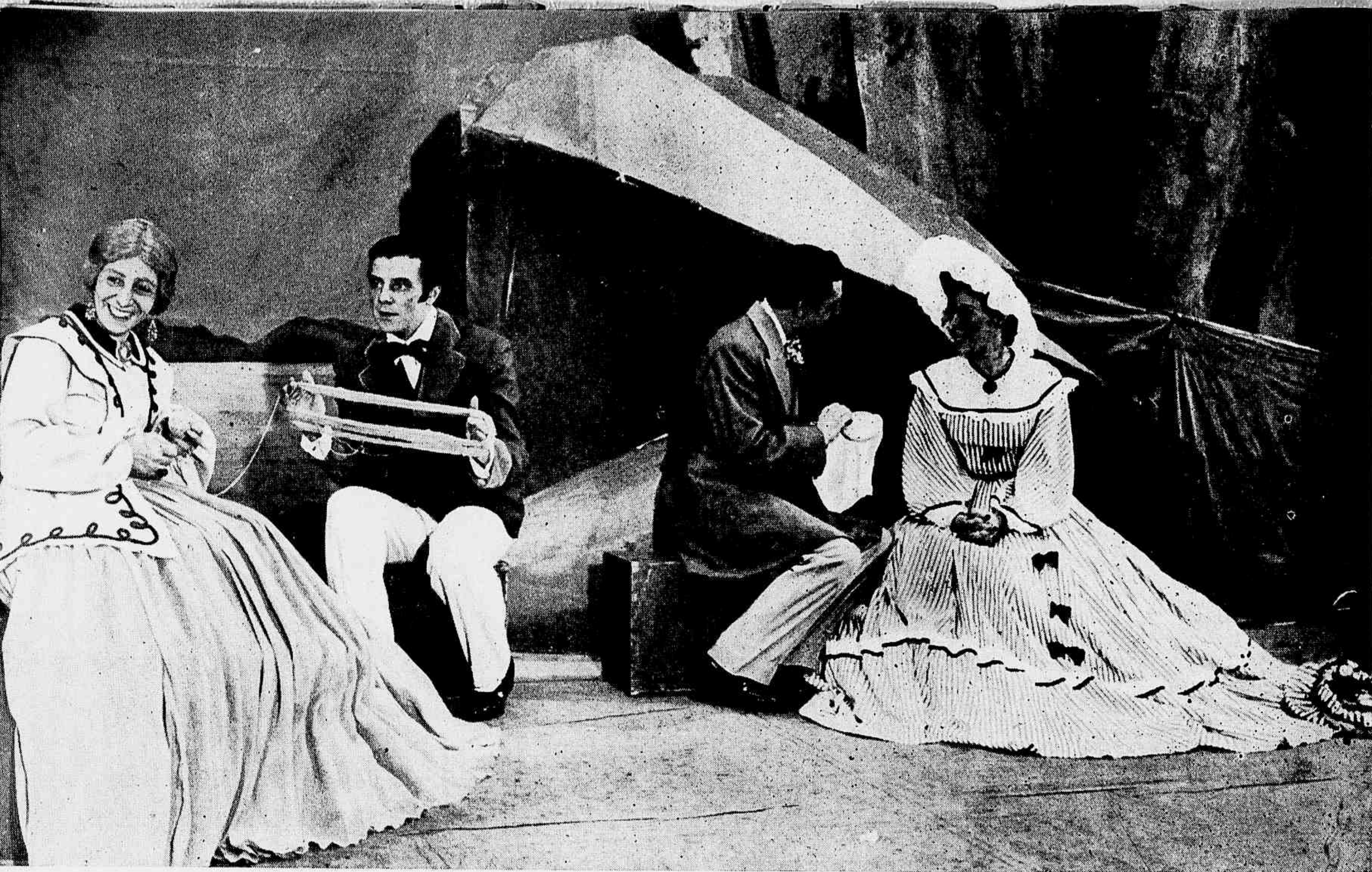
7 O ESCALDA-PE'S — CHEGA AFINAL O MEDICAMENTO PRECONISADO: UM ESCALDA-PÉS. NÃO CONFIANDO NA EFICIÊNCIA DOS NEGROS, CAROLINA RESOLVE FAZER ELA MESMA O TRATAMENTO. ANTE OS OLHARES ESPANTADOS DOS DOIS ESCRAVOS, METE OS PÉS DA NEGRA NA BACIA E, COM AS SUAS ALVAS MÃOSINHAS MERGULHADAS NA ÁGUA FERVENTO, EXECUTA O TRABALHO. É QUANDO CHEGA AUGUSTO AO QUAL A CENA NÃO SUZPREENDE MENOS DO QUE AOS DOIS NEGROS. PROTESTA O JOVEM ESTUDANTE, OFERECENDO-SE PARA SUBSTITUI-LA: "O' DONA CAROLINA, A SENHORA QUEIMA DO ASSIM SUAS LINDAS MÃOSINHAS! PERMITA QUE A SUBSTITUA", A MOÇA RELUTA EM ACEITAR A OFERTA GENTIL: "NÃO TEM A MENOR IMPORTÂNCIA; ESTES NEGROS NÃO SABEM FAZER NADA". AUGUSTO: "CONFIAR ENTÃO MENOS EM MIM DO QUE NOS ESCRAVOS"? COMOVIDA PELO SINCERIDADE DO OFERECIMENTO E PELA ENTONAÇÃO DA VOZ DE AUGUSTO, CONSENTE AFINAL.

8 PASSADO O SUSTO. A REVELAÇÃO — CAPA QUAL RETOMA SUAS ATIVIDADES. AUGUSTO CONVIDA ENTÃO CAROLINA PARA IREM AO SALÃO. AÍ, ENQUANTO CONVERSAVAM, O JOVEM ESTUDANTE, TIRA DO BOLSO O PALETO O LENÇO PARA APARAR UM ESPÍRITO. NESTE MOMENTO, ABILMENTE, CAROLINA DEIXA CAIR UM PEDAÇO DE LENÇO. AUGUSTO ABAIXA-SE, E APANHADO, CERTO DE QUE SALTARIA DE SEU BOLSO, AO TIRAR O LENÇO, É UM BILHETE EM QUE UMA INCOGNITA MARCA UM ENCONTRO NA GUEITA DA PRAIA, NA SEGUINTE MAJUGADA. NAQUELE LOCAL, PROMETE A AUTORA DO BILHETE, AUGUSTO ENCONTRARÁ A DONA DO BREVE BRANCO. É GRANDE A REGRIA DO RAFAZ. ELE DESCONFIA ENTRETANTO QUE A DONA DO BREVE, SEU VERDADEIRO ATO, SEJA A PROPRIA CAROLINA. ESTA NEGA, ENTRE ANOS: — "DE NADA SEI, MAS DEUS É GRANDE. ELE FARÁ COM QUE O SENHOR ENCONTRE AQUELA A QUEM AMA".

Bibi Ferreira, a graciosa atriz patricia que vem apresentando vitoriosamente um interessante repertório no Teatro Phoenix. Aqui a vemos interpretando o papel de "A Meninha", do famoso romance de Joaquim Manoel de Macedo, brilhantemente coadjuvada pelo seguinte "cast".

Felipe.....	Ribeiro Martins
Tobias.....	Ferreira Leite
Fabricio.....	Hamilton Ferreira
Leopoldo.....	Pedro Veiga
Joaninha.....	Suzana Negri
Carolina.....	Bibi Ferreira
D. Ana.....	Maria Isabel
Quinquinha.....	Alma Castro
Paula.....	Jandira Santos
Augusto.....	Paulo Porto
Rafael.....	Nuripe Bittencourt
Carolina (menina).....	Acacia Santos
Augusto (menino).....	Pinginho
O Velho.....	Jorge Diniz
Clementina.....	Maria Della Costa
D. Violante.....	Luiza Barreto Leite
Capitão.....	Alvaro Pinto





9 A AULA DE COSTURA — O INFELIZ AUGUSTO, APESAR DE TODAS AS DILIGENCIAS FEITAS NESTE SENTIDO, NÃO CONSEGUIU AINDA IDENTIFICAR A DONA DO BREVE, QUE PROCURA HA TANTOS ANOS. AS SEMANAS VÃO SE PASSANDO E AUGUSTO ESTÁ CADA VEZ MAIS INQUIETO. UMA COISA É CLARA: OS ENCANTOS DA MORENINHA ESTÃO ENVOLVENDO SUAVEMENTE O CORAÇÃO DO RAPAZ. TODOS OS DOMINGOS, ACOMPANHADO DO SEU ESCRAVO RAFAEL, AUGUSTO VOLTA À ILHA, PARA DESFRUTAR DURANTE ALGUMAS HORAS A COMPANHIA DE CAROLINA. ERA PRECISO ARRANJAR UM PRETEXTO QUE JUSTIFICASSE AQUELAS VISITAS TÃO FREQUENTES. E, COMO CUPIDO É FERTIL EM INVENTAR RAZÕES PARA O AMOR, CAROLINA RESOLVE ENSINAR "PONTO" A AUGUSTO. FICA ESTABELECIDO QUE TODOS OS DOMINGOS, O ESTUDANTE TERÁ DE VOLTAR À ILHA PARA DAR CONTA DE SUA TAREFA. AUGUSTO FAZ RÁPIDOS PROGRESSOS. NESTA CENA, JUNTO À FAMOSA GRUTA, ENQUANTO FELIPE AJUDA D. ANA, O CASAL DE NAMORADOS ENTREGA-SE AO SEU DOCE TRABALHO.

10 A VOLTA — DURANTE QUINZE DIAS AUGUSTO NÃO APARECE E NÃO DÁ NOTÍCIAS, CAROLINA, AFLITA, NÃO SABE A QUE ATRIBUIR A AUSÊNCIA TÃO PROLONGADA DO SEU AMADO. FREQUENTEMENTE ELA SOBE À PEDRA NA PRAIA E PERSCRUTA O HORIZONTE, ESPERANDO SEMPRE VÊR A BARCA EM QUE ELE CHEGARÁ. AS SUAS ESPERANÇAS NÃO SÃO BALDAS. LÁ NO HORIZONTE SURGE UM PEQUENO PONTO. É UMA CANÔA. PAULA, QUE ESPERA TAMBÉM RAFAEL, DÁ O ALARMA":
 PAULA — "LÁ VEM UMA CANÔA. SÃO ELES".
 CAROLINA — "COMO SABES"?
 PAULA — "AQUELE PONTO PRETO"!
 CAROLINA — "DESCEU UM RAPAZ".
 PAULA — "DESCEU UM "VULTO" PRETO.
 CAROLINA: — "SERÁ" O AUGUSTO. MINHA NOSSA SENHORA DA PENHA"?
 PAULA — "SERÁ O "RAFAÉ, MEU SÃO BENEDITO"?"

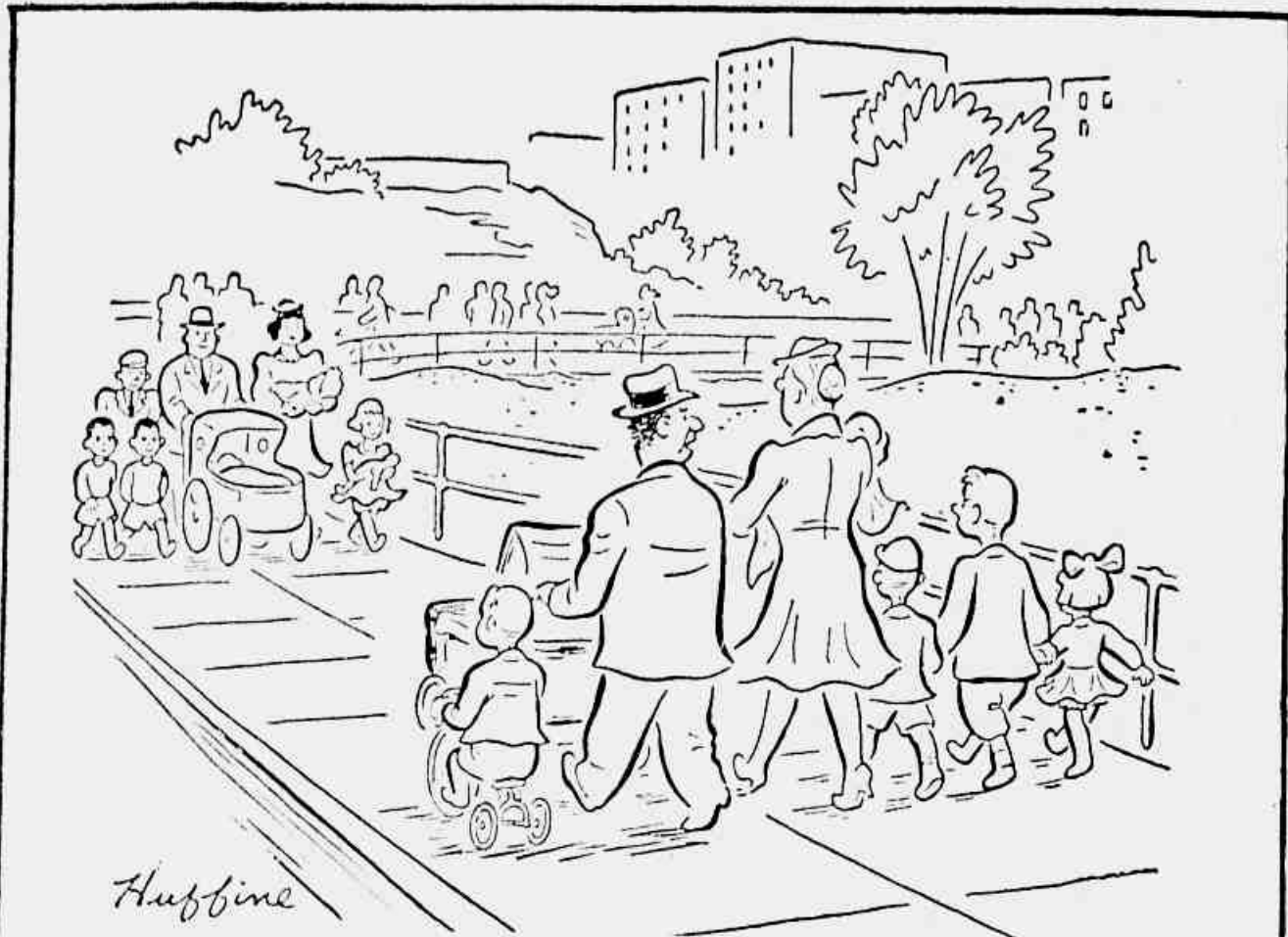




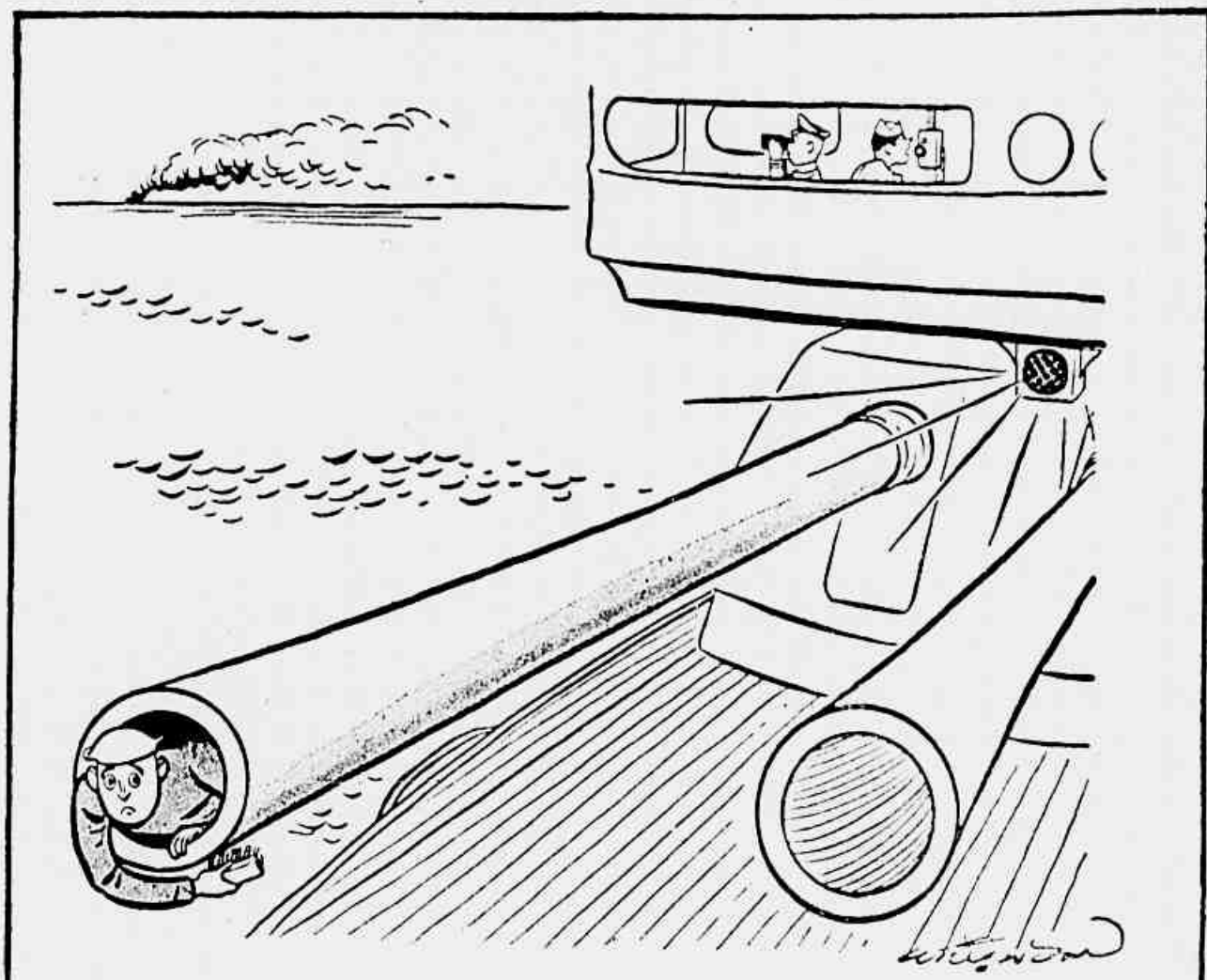
11 O TALISMÃ — ERAM REALMENTE OS DOIS QUE CHEGAVAM. NÃO PODENDO ESPERAR MAIS, AUGUSTO TOMA UMA CANÔA COM SEU ESCRAVO E DESEMBARCA NA ILHA. QUEIXAS E RUGAS DE NAMORADOS. IDILIO DOS NEGROS. CAROLINA QUEIXA-SE DA AUSÊNCIA DE AUGUSTO. "PORQUE NÃO APARECERA TODO AQUELE TEMPO"? AUGUSTO PROCURA JUSTIFICAR-SE: — "MAS ENTÃO ELA NÃO SABIA"? NINGUÉM DISSERA NADA"? CONTA ENTÃO QUE ESTIVERA DOENTE TODO AQUELE TEMPO E MORTO DE SAUDADES. A ZANGA SIMULADA DE CAROLINA TRANSFORMA-SE ENTÃO EM SUSTO E ELA NÃO PODE ESCONDER O SEU CARINHO E A PREOCUPAÇÃO QUE LHE CAUSARA AQUELA DEMORA DO BEM-AMADO. CAROLINA FAZ A REVELAÇÃO QUE POR TANTO TEMPO ATORMENTARA O RAPAZ. SIM, ERA ELA A DONA DO TALISMÃ BRANCO. A MESMA QUE ANOS ATRÁS, QUANDO ERAM AINDA DUAS CRIANÇAS, FIZERA COM AUGUSTO UM PACTO DE AMOR ETERNO. AUGUSTO: "MAS POR QUE NÃO DISSE ANTES"? CAROLINA: "QUERIA CERTIFICAR-ME DA SUA INFIDELIDADE".

12 FINAL DA PEÇA — CONFRATERNIZAÇÃO GERAL. AUGUSTO E CAROLINA TROCAM PALAVRAS DE AMOR. A ALEGRIA É ENORME NA VELHA CASA. FELIPE — "VAIS ME ROUBAR A MANINHA"? CAROLINA — "ROUBAR NÃO. ELE PERDEU. NÃO SABEM QUE HA UM MÊS ELE ME AMA? PARECE QUE TODOS SE ESQUECERAM DA APOSTA. AUGUSTO DEVE ESCREVER UM ROMANCE". FELIPE — "É VERDADE. IAMOS ESQUECENDO. ONDE ESTÁ ESSE ROMANCE, AUGUSTO? AUGUSTO — JÁ ESTÁ PRONTO. CAROLINA: — E COMO SE INTITULA? PODE SABER-SE? AUGUSTO: — A MORENINHA.



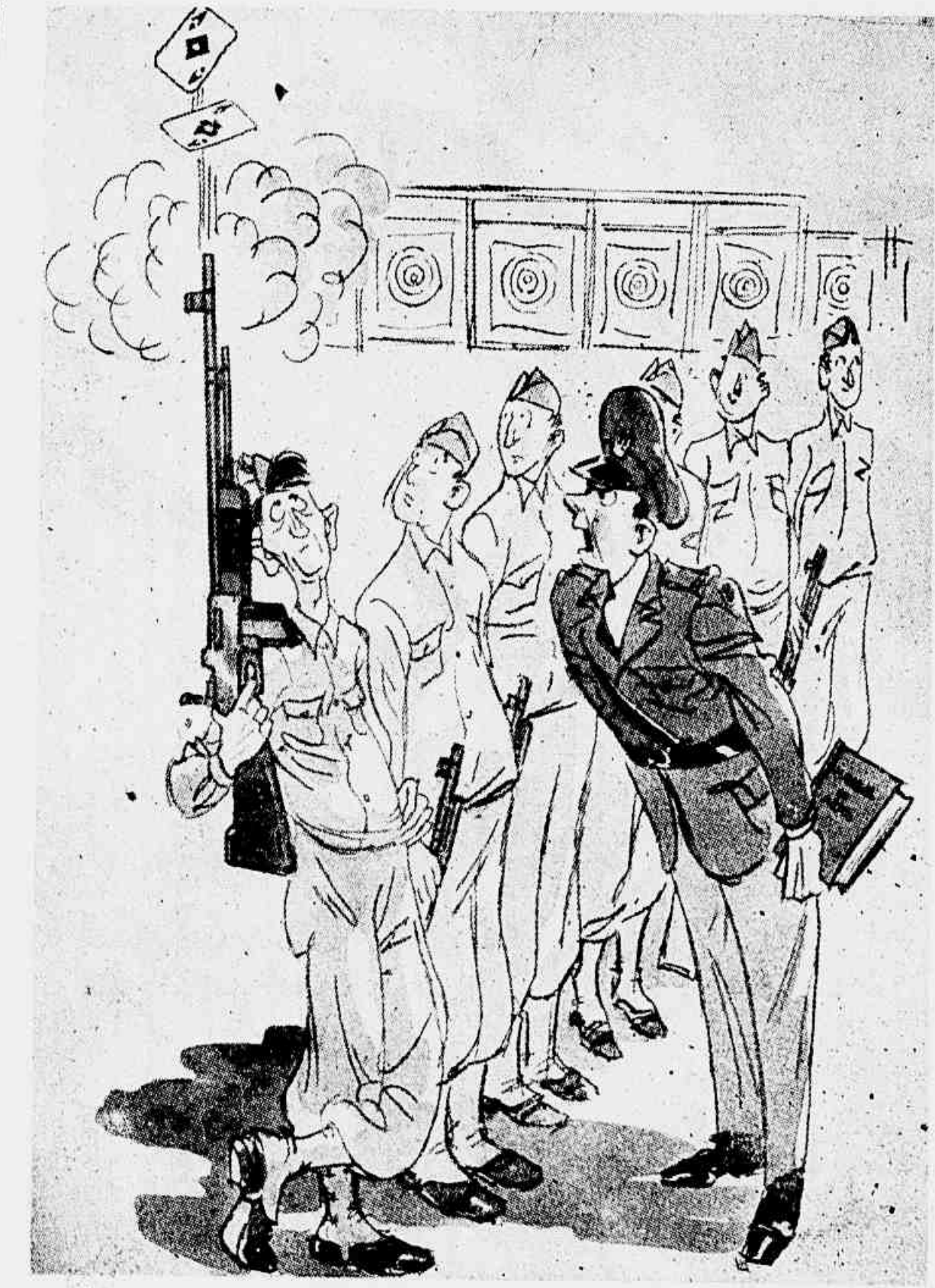
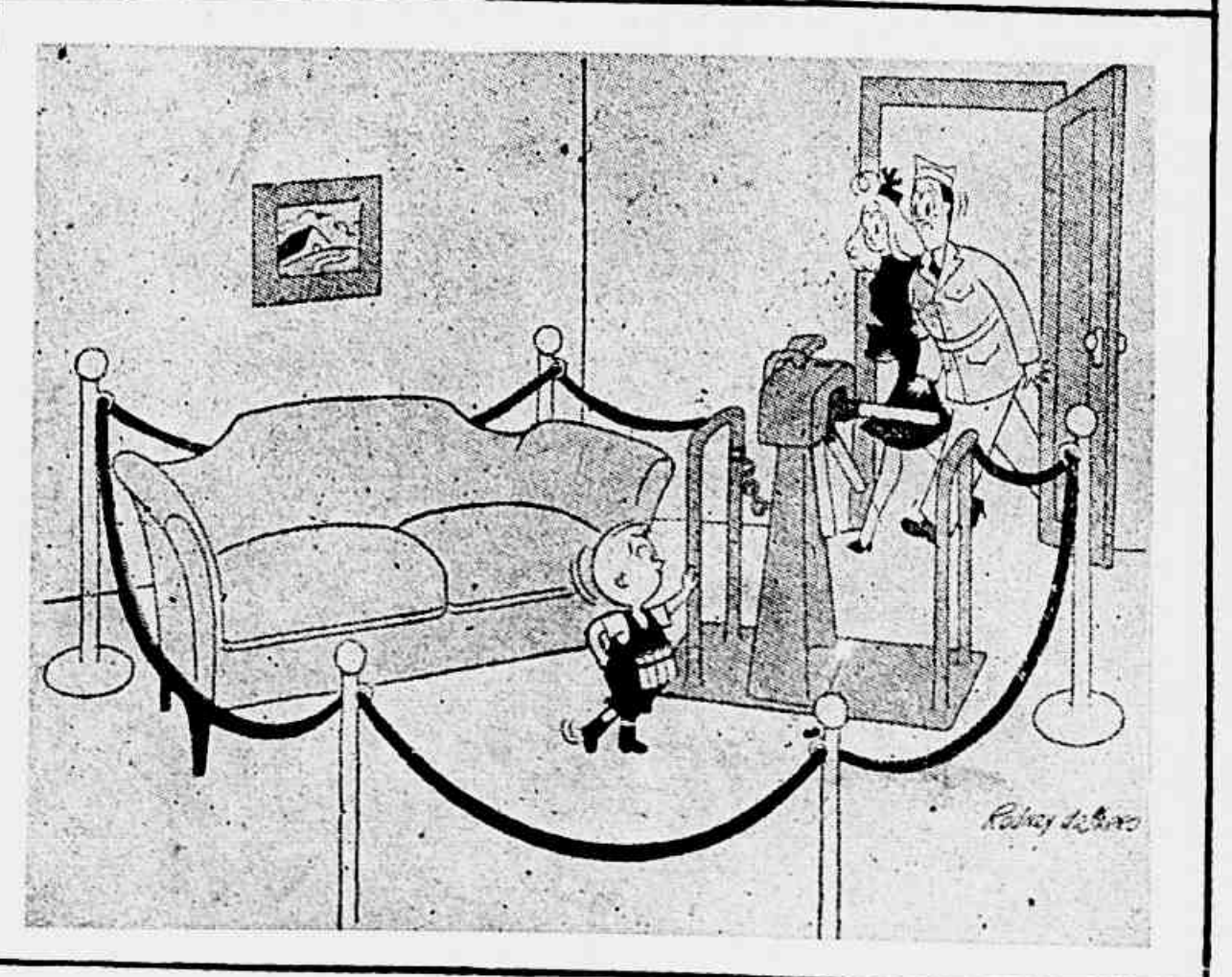


LEMBRA-TE: HOJE SÃO ELES QUE DEVEM CEDER O CAMINHO.



ARTILHEIROS! AOS POSTOS

Bom Humor

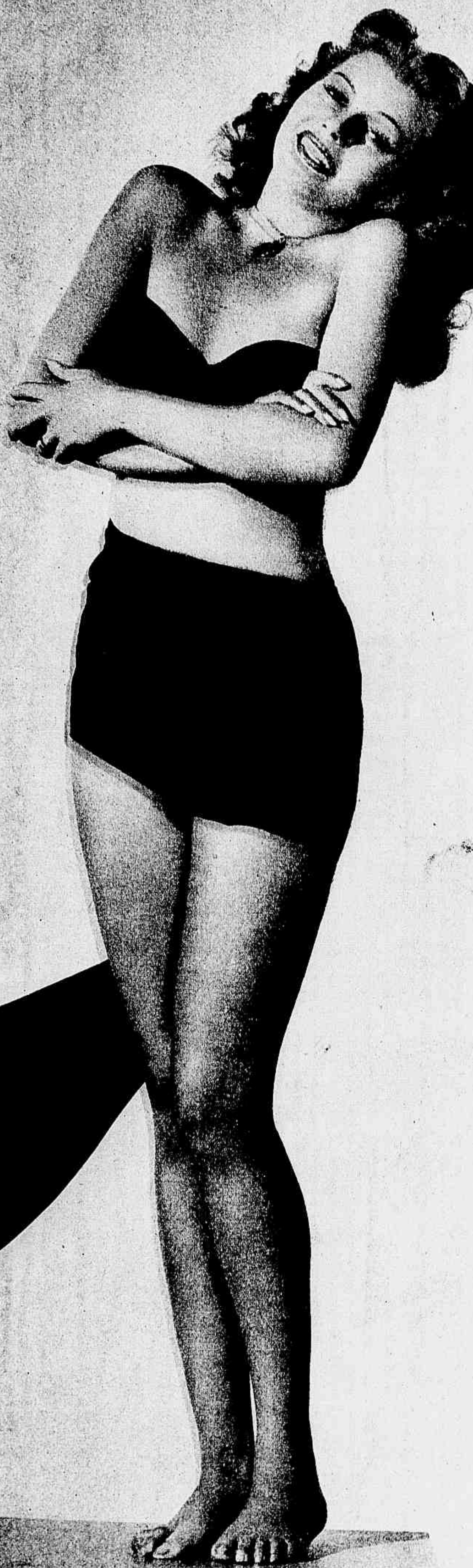


COMO ESPERA APERFEIÇOAR O SEU TIRO SE NÃO PRESTA NENHUMA ATENÇÃO?



QUERIDA, VOCÊ NÃO FICA ZANGADA SE EU DESLIGAR E TELEFONAR MAIS TARDE?

NOS BASTIDORES FEMININOS



RITA HAYWORTH (COLUMBIA)

Profissão de fé e revelações do além...

Se não creio, não é isso motivo suficiente para negar. As sensacionais reportagens que a REVISTA DA SEMANA tem feito em torno das revelações de Humberto de Campos e outros assuntos espiritualistas, se têm servido como tema a intermináveis polemicas mais ou menos eruditas entre agnosticos e crentes, é verdade que têm servido também para fundo de meditação daqueles que tendo Deus no coração professam religiões de ritos os mais diversos. Deus é o centro natural de todas as encruzilhadas, e para o homem exilado neste planeta tudo quanto pôde aproximá-lo do grande mistério o perturba. Negam uns, por vaidade mal dirigida, outros porque não se podem livrar do "respeito humano", outros ainda porque são como São Tomé; contudo o Espiritismo é, mais do que uma religião, uma ciência. Estudam-na, ainda hoje, sábios na Inglaterra austera, na França erudita, na Itália religiosa e na América materialista. Fenômenos assombrosos são esmiuçados, e o olho humano, embora tenha sido, em muitos casos,

impotente para visioná-los, aparelho imperfeito para captar o sobrenatural, nem por isso os sábios mais desassombrados negam nada dessas manifestações.

Considero a ignorância desses fenômenos coisa natural e comum, em se tratando de ciência que é relativamente incipiente, contudo acho tolice negar e maior tolice querer ridicularizar. A religião católica, aquela que se escondeu nas catacumbas, não foi só ridicularizada em sua fase inicial, mas também perseguida e até anatematizada. Hoje ela não é só uma força mística que domina a humanidade, é também um poder temporal, que assenta sobre uma poderosa e bem organizada política.

Acho que as reportagens da REVISTA, sempre feitas com o criterioso desejo de atender ao número crescente de seus leitores, pondo-os ao corrente dos fatos de maior relevância no mundo, estão dando uma visão sincera, séria e desapaixonada de todos esses fenômenos místicos e convidando-os a uma meditação mais grave do momento em que Deus, no meio do rugir dos canhões e do entrevêro da tragédia fratricida, está tentando falar ao filho do homem.

WALLY

O anonimato

Luzes, alegria e elegância. Damas de cotadas, jóias fulcindo, cavalheiros risinhos e amáveis. Toda essa gente procura apenas, paradoxalmente, um pouco de repouso naquele ambiente barulhento e festivo. Repouso para as suas atividades cotidianas. Sentados, rindo e conversando, eles olharão quase dispolentemente para os números apresentados. Vagamente aquela alegria do palco, aquelas pequenas bonitas, poderão contaminá-los da saúde e alegria que derramam por todos os poros.

Um mero espetáculo. Quem são elas? Apenas lindas meninas destinadas a alegrar todas as noites aquele público?

Para os espectadores, peças interessantes de um espetáculo. Quando o pano desce e a sala se esvasia, uma vaga lembrança daqueles corpos esculturais, daquelas dentaduras perfeitas e daqueles olhos cheios de vida perdura

ELAS SÃO APENAS UMA PARCELA DO ESPETÁCULO. PARA ESSA PONTA, SÃO ENTRETANTO NECESSÁRIOS INCALCULÁVEIS SACRIFÍCIOS. NÃO É SUFICIENTE TER PERNAS BONITAS COMO ESSAS QUE AQUI VEMOS. É PRECISO AINDA TER OUTRAS HABILIDADES.

UM PEQUENO DESCANÇO, NO INTERVALO DO ESPETÁCULO, MESMO DESCANÇANDO ESSAS PEQUENAS CONSTITUEM UM VERDADEIRO ESPETÁCULO. SÃO APENAS MODESTAS FIGURANTES, MAS DE UM DIA PARA OUTRO PODEM SUBIR AO ESTRELATO. NINGUÉM SABE SE AMANHÃ ELAS SERÃO FAMOSAS.



das estrelas

timidamente na memória dos sonolentos e honestos esposos.

Amanhã é outro dia, e serão vistos novos espetáculos.

Entretanto, cada uma dessas "girls", da R. K. O. que aparecem no musical "Step Lively" representa uma vida de sacrifícios e trabalho.

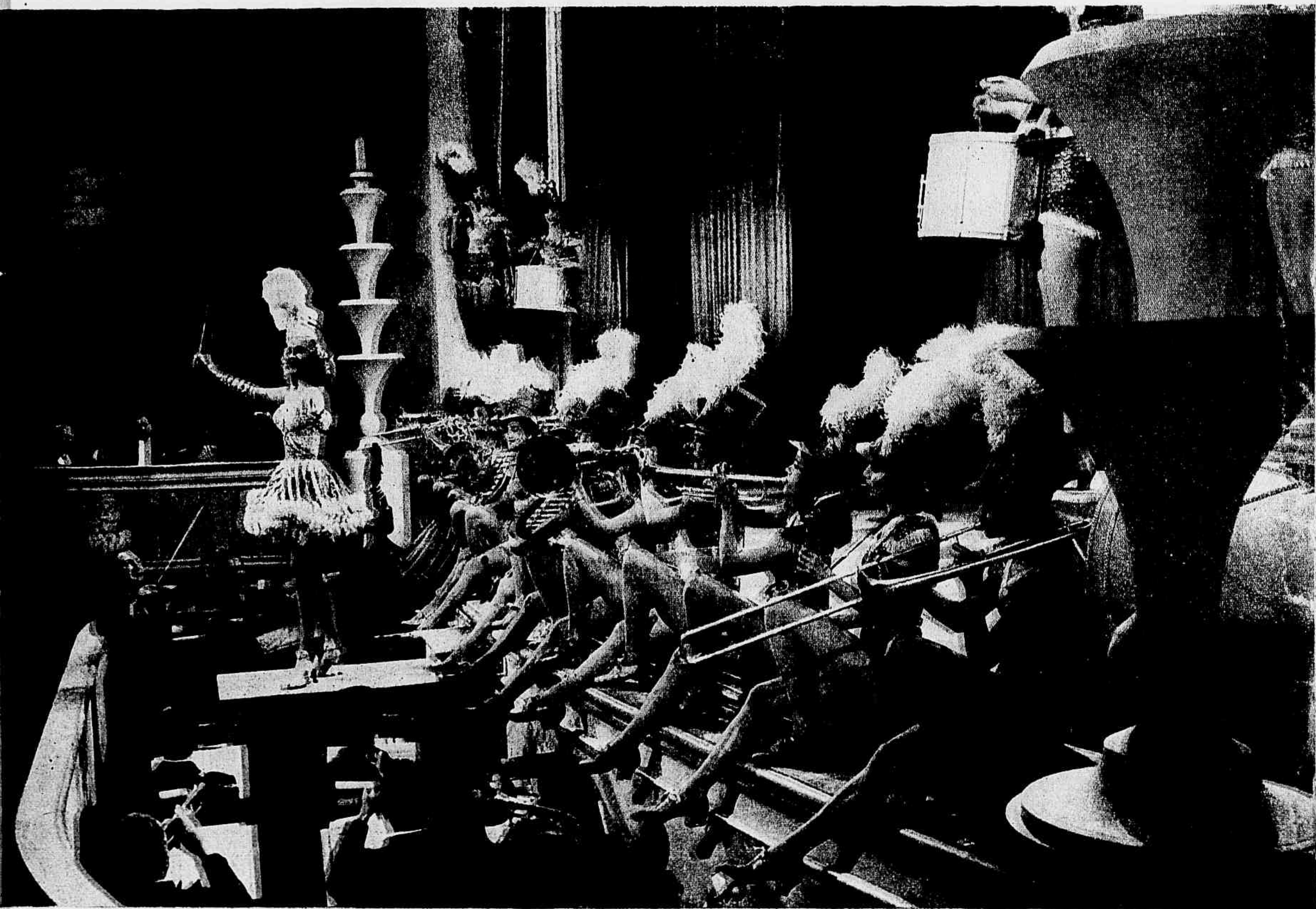
Aquele mesmo espetáculo, que para os outros constitui apenas um passatempo, é para elas um arduo trabalho.

Anos de treinos e meses de ensaio são requeridos para que afinal possam se apresentar num palco.

É fora dali, cada uma delas deve enfrentar as dificuldades da vida. Muitas daquelas pernas bonicas conduzem cabeças de estudantes. Moças que estudam, que trabalham, que sustentam a família. Mas um dia, quando menos se espera, surge um diretor de filmes e começa a celebridade.

"RELAX" É UM TERMO MUITO EMPREGADO PELOS AMERICANOS PARA DESIGNAR ESTE REPOUSO. FUMA-SE, ESTICA-SE AS PERNAS (E ISTO É COISA IMPORTANTE NO REPOUSO DE UMA "CHORUS GIRL") NATURALMENTE FALA-SE MAL DA VIDA ALHEIA. É PROIBIDO PENSAR NO ESPETÁCULO.

EM PLENO ESPETÁCULO. MESMO QUE SE ESTEJA TRISTE E CANÇADA É PRECISO APARENTAR ALEGRIA E DISPOSIÇÃO, CONTAGIANDO OS ESPECTADORES. A TAREFA NÃO É TÃO DIFÍCIL PARA ELAS. QUEM NÃO SE SENTIRÁ ALEGRE VENDO ESSAS BELDADES?



ARTES PLÁSTICAS

A REABERTURA DO "SALON"

É um fato incêguvel o interesse crescente que de ano para ano vêm despertando entre nós as artes de todos os gêneros.

Sucedem-se as exposições de quadros constituindo este fato um estímulo, tanto para os nossos artistas já consagrados pela opinião pública como para aqueles que pela primeira vez expõem.

Estamos em vésperas de reabertura de "Salon", que terá este ano o nome de "Salão Cincoentenário" e nos irá revelar os artistas de real mérito.

A nossa página reproduz dois quadros a óleo do artista patricio Gastão Formenti, representando duas paisagens nossas. São eles "Praia do Vidigal" e "Manhã Dourada" com os quais concorrerá aos dois prêmios máximos e onde nos revela os seus dotes artísticos e a sua inspiração.

Artista de múltiplos recursos, a sua sensibilidade apresenta diferentes facetas.

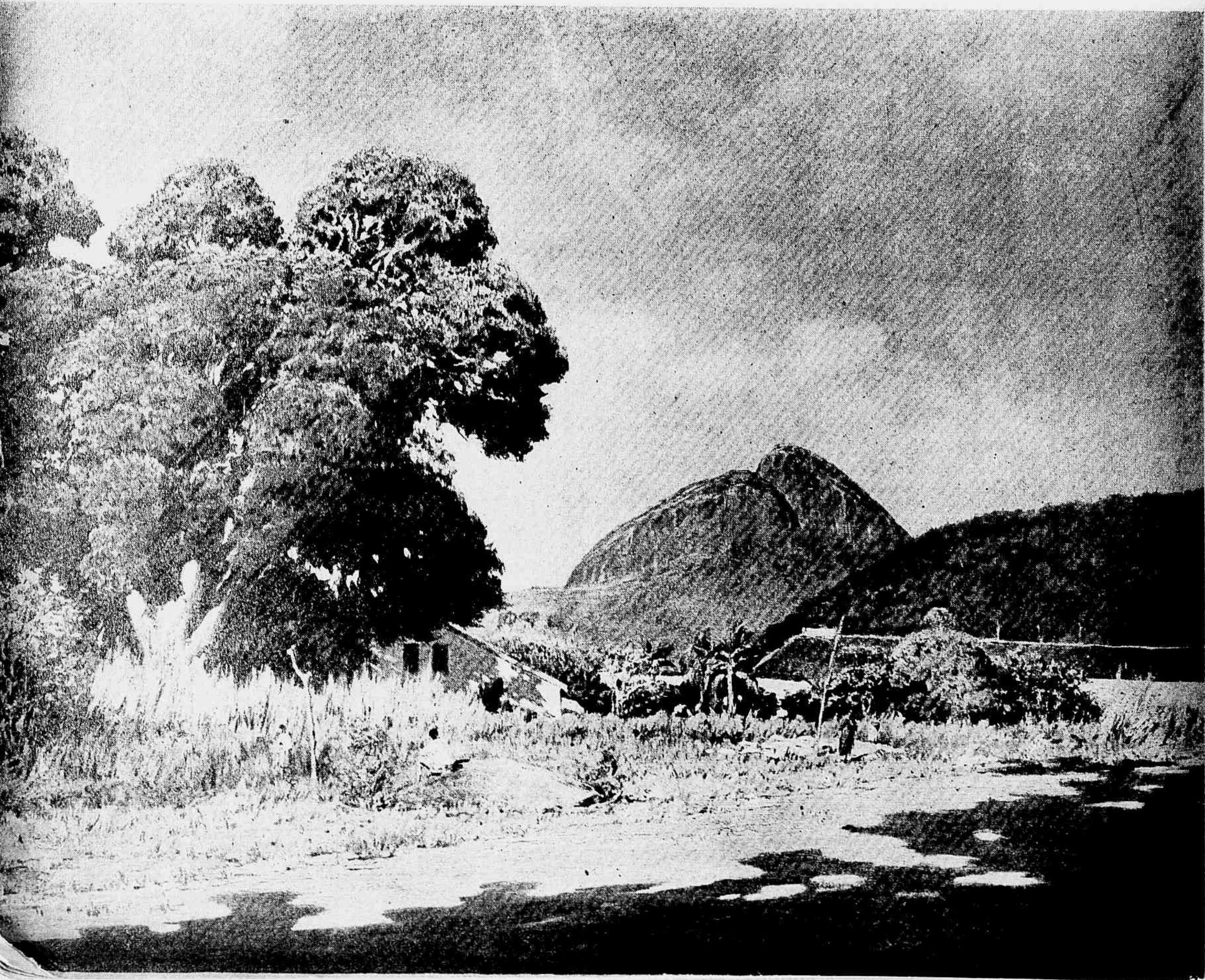
Conhecido interprete do "folclore" brasileiro, tornou-se conhecido em todo o Brasil pelas inúmeras canções deste gênero que interpretou.

Esperamos que o "Salão" deste ano, como de costume, venha a constituir um verdadeiro sucesso artístico.



"PRAIA DO VIDIGAL" É O TÍTULO DESTES QUADROS DE GASTÃO FORMENTI, QUE CONCORRERÁ AOS DOIS PRÊMIOS MÁXIMOS DO "SALÃO CINCOENTENÁRIO".

OUTRO QUADRO DO MESMO ARTISTA - "MANHÃ DOURADA", QUE ESTÁ EXPOSTO NO "SALON" DESTES ANO CONCORRENDO AO PRÊMIO MÁXIMO.





O primeiro amor sempre é uma coisa séria...

— Claude já chegou?
— Ainda não. Ela disse que chegaria tarde, hoje.
— Ah... Bem, quando ela chegar, peça-lhe que passe pelo meu gabinete.
— Sim, senhor.

A criada continuou a varrer a casa e Armand Duvivier voltou ao trabalho. Mas não conseguiu concentrar-se. O caso, ele sabia bem, era muito comum. Nada tinha de extraordinário, nem era de molde a inquietar, porém, agora que descobrira que a própria filha estava passando por aquela mesma fase que muitas outras moças, sob sua responsabilidade de professor, tinham atravessado, ele sentia-se inseguro. Esquecera mesmo as palavras cheias de sabedoria e os conselhos paternais que dera às outras. Soubera, por acaso, que ela estava apaixonada. Cl de apaixonada! Era, na verdade um acaso estranho. Estranho para ele. O fato de uma moça bonita, de dezoito anos, estar sentindo pela primeira vez, aquelas emoções que apraz a alguns chamar de amor, nada tem de surpreendente para outra pessoa que não seu pai, que, com a proverbial tendência dos pais para não dar importância ao elemento tempo, via a filha ainda como um bebê de fraldinha, quando Claude já usara seu primeiro vestido de baile, já obtivera permissão para pintar-se com discreção e — quem sabe? — já recebera o seu primeiro beijo.

Não. Decisivamente o espírito de Armand recusava-se a imaginar sua filha nos braços de um rapaz, trêmula de emoção, sentindo, pela primeira vez, nos seus lábios, o contacto dos lábios de um homem.

Armand era um pedagogo. Estudara as últimas descobertas no campo da pedagogia e da psicologia, especialmente a psicologia dos adolescentes, matéria intrínseca que ele dominava. Bateria-se pela maior liberdade. Fora um dos poucos que se mantivera firme quando os protestos gerais se abateram sobre as teorias mais modernas, e o escândalo de certos moralistas inexperientes ou hipócritas diante da educação mista veio tornar ainda mais intrínseca a questão. Porém Claude, sua filha...

Agora compreendia tudo. Quantas vezes não tivera ímpetos de esmurrar certos indivíduos, cuja incompreensão diante das teorias modernas atrapalhava o progresso das experiências! E entretanto, agora... L'herdade, sim, porém dentro de certos limites. Lançar uma moça num meio de rapazes exposta a... Não. Claude! Via-a beijada por um homem, via-a confiante, com a mesma ternura com que se recostava no seu peito de pai, deitar a cabeça no peito atlético de algum colega de faculdade e aceitar as carícias de um audacioso qualquer...

Ele o batalhador, ele, que defendera tudo o que agora reprovava sentia-se tão perturbado que esquecera até os problemas mais sérios que tinha a resolver.

Nesse instante batem à porta principal e ele ouve a voz da filha perguntando a criada:

— Papai está aí?
— Ele chegou agora mesmo, Claude.
Disse que você passasse no gabinete antes de subir.
— Está bem. O almoço já está pronto?
— Já.

— Então pode mandar tirar. Eu aviso a ele.

Muito bem.
Armand ouviu aproximarem-se passos leves no corredor e mobilizou toda sua coragem. Ia precisar dela.

— Papai? Você está aí?

— Entre, minha filha.
A porta entreabriu-se e o vulto esguio da moça penetrou na sala. Era alta e fina, com a graça nervosa das moças que praticam os esportes e com o aspecto saudável que o contacto directo com a natureza traz.

— Papai o almoço está na mesa. Você queria falar comigo? Maria disse que você deixou recado...

"Você" era o tratamento que ele exigia da filha. Achava que isso contribuiria mais para diminuir a distância entre a moça e o pai tradicional, como em geral se imagina, criatura onipotente e raramente vista. Eram camaradas, como ele mesmo quisera. E, sabendo muito bem porque, naquele momento importante, ele se arrependia de não ter dado às suas relações com a filha um cunho mais formal, afim de que pudesse falar, agora, com toda a seriedade, sem vê-la estourar numa daquelas gargalhadas francas que ele tão bem conhecia e dizer:

— Que ar solene, Armand.
Chamava-o, também de Armand.
O pai, entretanto, esforçou-se em dar um ar mais solene à sua fisionomia ao falar.

— Claude, há uma coisa importante que eu preciso discutir com você.

— Antes do almoço, papai? De barriga vazia? Eu já ouvi dizer que só se pode decidir quais serão os destinos da

humanidade depois de um almoço reforçado. Deixe para depois, sim?

— Claude, é preciso.

O ar solene do pai impressionou-a.
— Não houve nada no colégio? O diretor não andou se queixando do senhor de novo?

— Não, minha filha, o problema é seu e não meu.

— Meu?

— Sim, Claude. Chegou-me às mãos uma carta de um certo rapaz...

Ela começou a rir.

— Ah, o Georges?

— Sim, Georges Levallois. Ele me comunicou que as relações de vocês dois chegaram a um grau de intimidade que ele não ousa estreitar mais sem o meu consentimento e pergunta-me se vejo algum inconveniente em que a cortege.

— Ele escreveu tudo isso?

— Aqui está a carta.

— E o senhor não mandou-o plantar batatas. Não lhe deu como resposta uma boa gargalhada?

— Você quer dizer que não dá atenção a esse rapaz?

— É claro que não. Georges é muito bonzinho mas é meio idiota. O senhor não está vendo? Mandar uma carta ao pai pedindo licença para cortejar a filha. Até a palavra. Cortejar! Qual! Ele também não confessou que já segurou minha mão, no cinema, uma vez?

— Ou será que em resposta a uma outra carta o senhor deu licença para isso?

— Minha filha, você não está encerrando esse problema como deve. É preciso levar essas coisas com mais seriedade...

(Continua na página 59)

PRIMEIRO AMOR

CONTO DE
MARLENE MICHEL

Quando
a água
vale
ouro...



NÃO é sem razão que o carioca é dotado de um infinito bom humor e procura sorrir mesmo nos momentos mais amargos...

Positivamente elle não tem vocação para a tragedia... A grande prova dissoahi está nos instantes effictivos que a cidade vem vivendo com a falta de agua e dos quaes as gravuras que illuminam esta pagina são um documento bem suggestivo.

Desde o Leblon ao mais longinquo recanto do suburbio o liquido precioso não apparece nas torneiras e o carioca bem humorado defende-se do flagello apanhando suas latas e seus baldes, sahindo, quasi em procissão, á procura desse verdadeiro thesouro. Os que moram no alto dos morros descem á cata de uma bica milagrosa e cá em baixo se cruzam com os outros

proposito, e pobres co por um mesm de um mesm felizes — ai um pouco d porque a oi



Aconteceu no Rio

Agora como então a história se repete. E' curioso focalisar esta página da "Revista da Semana" de 26 de Agosto de 1939 onde se vê a população procurando febrilmente um pouco de água para as suas necessidades mais urgentes. A "fila" que vemos na fotografia do alto da página devia ser uma avó das que hoje constituem o espetáculo habitual da cidade. A gente do morro, com enormes latas, espera alegremente a sua vez.

Ha bem pouco temp e o joia e reterir que des mo, ros de Copacabana desceu uma multidão com as suas latas der baixo da braço, exatamente como estes que vemos nas fotografias, para apanhar cá em baixo um pouco de água. Entretanto, não foi preciso fazer fila desta vez. E' que não havia, tambem no bairro mais rico e "grã-fino" da cidade, uma só gota do precioso liquido. E o povo teve de se dispersar.

Aliás, e's flagelo da falta de água é coisa antiga no Rio. São tomadas providencias, e quando pensamos que o mal vai desaparecer definitivamente eis de novo toda a população em romaria para os pontes onde julga poder encontrar uma bica generosa que minore temporariamente o seu martírio. Na página de 1939, fala-se numa samaritana generosa, transfigurada em bica, que em cada rua mata a sede do carioca.

Mas agora até a samaritana desapareceu...

E a cidade, nestes momentos, ganha uma trepidação mais intensa, serve-se do pretexto para sorrir — porque em cada bairro, ou talvez em cada rua, ha o braço generoso de uma Samaritana transfigurado em bica de agua para mater a sede do carioca...

esse
ão e
o li-
mais
el a
er um
o de
esse
nas-

lan-
bem,

Dio-
a

s não
bem



DE Música

"Pagliacci" "Cavalleria" e outros assuntos

Como décima primeira récita de assinatura, o Municipal apresentou os dois dramalhões italianos Pagliacci e Cavalleria Rusticana. A maior parte dos cantores modernos, que está habituada a um outro modo de cantar bem diferente da escola italiana, não fica muito à vontade nessas óperas que requerem pulmões fortes. Assim, Charles Kullman e Violeta Coelho Neto estavam ambos evidentemente deslocados na violência do drama de Mascagni.

Violeta Coelho Netto, entretanto, conseguiu manter, mesmo no papel da desprezada Santuzza, aquela graça e encanto que, sem dúvida, tornam muito pouco plausível o abandono.

Turiddu resistiria à beleza de Violeta, quando esta suplica o seu amor? Charles Kullman é que bem poderia ter tido vontade de ceder... Este cantor, aliás, mereceu verdadeiramente a ovação pela maneira por que cantou o Addio a la Madre. Demonstrou, aí, que, não só sabe cantar como, quando não está cansado, por cantar várias noites na mesma semana, tem uma voz linda.

Sílvio Vieira traduziu vigorosamente o furor de Alfio ao descobrir a traição da mulher; e Júlia Fonseca, com a responsabilidade de mulher fatal, esforçou-se em justificar o drama.

Ainda assim, Cavalleria foi a ópera mais equilibrada. Guarnieri regeu.

O Pagliacci, para seu sucesso, teve que depender, unicamente, da arte extraordinária de Leonard Warren.

Os outros intérpretes não estiveram à altura. Mirassou tem, a seu favor, uma segurança nos agúdos louvável, porém é só. Voz extremamente irregular, de emissão um tanto insegura, e além do mais um jogo de cena quase ridículo.

Nadir Figueiredo tem uma bela... metade de voz. Os agúdos são em geral bem afinados, o timbre é agradável, porém não consegue dar as notas graves. O seu jogo de cena é inexpressivo.

Sílvio Vieira, com a correção de sempre.

O arlequim do Sr. Bruno Magnavita foi bem fraquinho.

O espetáculo, em geral, desapontou.

Antes de partir para S. Paulo, Jennie Tourel deu mais um concerto para a Cultura Artística. Só temos elogios a fazer a esta cantora realmente admirável que interpreta, com a mesma facilidade, em inglês, russo, português, espanhol, francês, italiano e sabe lá mais que outras idiomas. Resta-nos, sómente, desejar que nos visite muito frequentemente e nos dê concertos como os três que deu este ano.

Comemorando o seu aniversário a Associação Brasileira de Imprensa ofereceu aos seus membros e respectivas famílias um concerto com cantores que estão presentemente tomando parte na Temporada Lírica do Teatro Municipal.

Cantaram Sílvio Vieira, Maria Helena Martins, Heloisa de Albuquerque e Jennie Tourel.

Charles Kullman não pôde comparecer, assim como o soprano Alice Ribeiro e o barítono Leonard Warren, que machucou-se em um tombo durante a representação do Pagliacci.

Sílvio Vieira cantou a ária de Iberê, do Schiavo, de Carlos Gomes. No pequeno auditório da ABI a voz volumosa do barítono patricio ficou demasiado forte se bem que não tenha quebrado as vidraças, como fazia a do tenor Tamagno, de gloriosa memória...

Maria Helena Martins cantou, a seguir, o Ciel de Parahyba.

Já a ouvimos cantar a mesma ária muito melhor. Não estava nos seus dias felizes. No dueto da Aida — o do terceiro ato — com Sílvio Vieira, esteve melhor.

Heloisa de Albuquerque, em seguida, cantou uma canção russa e uma ária da Forza del Destino.

Mas o grande sucesso foi obtido por Jennie Tourel que, depois de um exaustivo concerto na véspera, resolvera dar três números, e, ante os insistentes pedidos do público, acabou dando uma verdadeiro concerto que terminou com a canção da Mãe Preta de Mignone.

Essa cantora que além de uma voz aveludada, redonda, e uma emissão perfeita, tem uma sensibilidade que permite dar um relevo extraordinário às canções que canta e uma expressão arrebatadora, foi aclamada por todos os públicos do Rio de Janeiro como uma grande intérprete de qualquer espécie de música. Raramente temos o privilégio de ter, entre nós, cantoras do valor de Jennie Tourel.

O concerto que começa com o desapontamento pela ausência de Warren, Kullman e Alice terminou com o entusiasmo despertado por Jennie Tourel. Um grande sucesso.

MANON

Quando Renée Mazella nos visitou pela primeira vez, só lhe foram confiados papéis secundários. Foi, pois, a sua estréia no Rio, num papel de responsabilidade, a Manon, de Massenet, que assistimos. Levando em conta esse fato, não queremos insistir muito nos senões que observamos durante o espetáculo. Assim, se o timbre de voz é agradável, nem sempre mantém a sua pureza, havendo agudos menos seguros e a maioria dos graves fracos. Por outro lado, se a sua interpretação, vocalmente não esteve muito expres-



Renée Mazella Ballestes

siva, cenicamente, foi um pouco indecisa, um tanto ou quanto hesitante. Desejaríamos poder encontrar no seu desempenho mais desembaraço e um maior vigor e dramaticidade nos episódios que exigem isso, como, por exemplo, o dueto do terceiro ato, que não teve o relevo necessário, assim como o "Adieu Notre Petite Table," no segundo ato, que merecia mais apuro.

Como já dissemos, porém, trata-se de uma primeira impressão, que muito provavelmente mudará quando o soprano Mazella se habituar mais ao papel em que, pelo menos no Rio, é estreante. Aliás, notava-se distintamente que a maior parte das imperfeições que poderiam ser apontadas eram, sem dúvida, devidas ao fato de que o soprano não dominava perfeitamente o papel. Falta de ensaios, talvez, ou, mesmo, um pouco mais de estudo do personagem. Lamentamos, sinceramente, não poder fazer elogios sem restrições, e esperamos que, da próxima vez, já nada teremos a observar e possamos, então, dar à cantora os aplausos irrestritos que ela, sem dúvida, merece.

Depois de cantar a Manon com Bidú Saião, muitas vezes, no Metropolitan, Charles Kullman, ao contrário de Mazella, já tem um Des Grieux perfeitamente concebido e admiravelmente interpretado. Há sobretudo segurança e homogeneidade no seu desempenho. Nesse papel, mais adequado à sua voz do que certas óperas italianas que exigem mais pulmões do que escola, na doçura da música de Massenet, especialmente no belíssimo "Sonho", Kullman está à vontade. Sua voz pequena porém expressiva, de muito boa escola, traduz com admirável justeza o que Massenet, e não Prévost, quis dizer. A Manon diluída e adoçada que Massenet viu no romance vigoroso de Prévost, assenta como uma luva à personalidade requintada de Kullman, cantor fino. O "Sonho", como já disse, esteve especialmente bem cantado e mereceu uma ovação do público e um bis. Uma bela despedida ofereceu Kullman aos seus admiradores no Rio.

Sílvio Vieira, no papel de Lescart, se bem que não estivesse em um de seus melhores dias, quanto à voz, representou com o seu habitual desembaraço, contribuindo para o êxito.

Américo Basso esteve razoável no Conde, o Bruno Magnavita esforçou-se para dar ao seu Guillot um ar de conquistador temível, porém infelizmente, o seu físico não ajuda...

Em papéis menores, tivemos Damiano e Gretel Bruno.

Com a batuta, o maestro Guarnieri revelou, na Manon, uma suavidade deveras elogiável a que nos desacomumara com suas interpretações anteriores nessa temporada.

Os cânticos estiveram bem, a não ser um certo exagero em certos trechos tornados desagradáveis pelos fortíssimos.

A Manon foi, em suma, um espetáculo irregular, se bem que para compensar as imperfeições tivéssemos a interpretação admirável de Charles Kullman.

ROBERTO LYRA FILHO

ESCRAGNOLLE DORIA

CHATEAUBRIAND
MINISTRO

SABER migalhas de literatura é dar logo com Chateaubriand, escritor cuja prosa tantas vezes remonta á poesia pela inspiração e pelo ritmo da frase cadenciada.

Não se contentou Chateaubriand em ser primaz nas letras universais, e tanto são as da França. Em vida publica exerceu cargos, secundários ou altos, menos ou mais decorativos, mas todos próprios para contentar a tendência de Chateaubriand, a de estar sempre em evidência, vistosa ou teatral.

Secretário de embaixada, par de França, representante do seu país no Congresso de Verona, seria ministro; e logo de Estrangeiros foi Chateaubriand, quando a Restauração dos Bourbons permitiu a Luís XVIII cessar de comer "o pão do exílio", amargo da cêdea dura ao molo ralo. Chateaubriand também o provava.

Adversário confesso de Napoleão, aristocrata e legitimista, Chateaubriand devia esperar recompensas da Restauração vencedora por ele defendida quando julgada causa para sempre vencida.

Sucedendo na pasta dos Estrangeiros, do ministério Villéle, ao conde de Montmorency, seu colega de representação em Verona, Chateaubriand tinha de orientar política exterior onde interesses da França houvesse.

Tais interesses ela os tinha bastantes no Brasil, em concorrência maior com a Inglaterra.

A 29 de Março de 1823, no Rio de Janeiro, o coronel João Batista Maler, representante da França, acusava por ofício o recebimento da comunicação de Chateaubriand, a 30 de Dezembro de 1822, participando a sua nomeação ministerial.

Em Verona o novo ministro vira a França unir-se à Prússia, à Rússia e à Áustria para combater o movi-

mento constitucionalista da Espanha, em favor do absolutismo, o de Fernando VII. O combate pelas armas ficaria a cargo exclusivo da França. Cousas de seculo atraz.

A notícia da guerra à Espanha alcançou o Rio de Janeiro e com ela, a 2 de Abril de 1823, foi Maler ao cortejo de Pascoa.

Interpelou-o com impeto D. Pedro:

— Acredita o exercito francês já na Espanha?

Com calma, Maler respondeu:

— S. M. Luís XVIII não daria ordem de invasão sem perder as esperanças de convencer os espanhóis e quando findos os preparativos de campanha.

— A França é aliada do Brasil. Esteu certo de nos entendermos sempre: disse D. Pedro rematando conversa.

Constituiu esta a primeira informação de Maler a Chateaubriand. Na Europa o diziam ufano "da sua guerra de Espanha." Napoleão tivera "a sua", mas com que fim?...

A Maler cumpria trazer o ministro a par das ocorrências brasileiras, fazendo-o com a regularidade permitida pela navegação da época.

Da massa das informações sejam retiradas algumas.

Maler estava atento ás reuniões da nessa Constituinte de 1823. Dizia a Chateaubriand: "Os deputados à Constituinte, chegando ao Rio, têm ido visitar o Imperador, tendo sido recebidos com a afabilidade de sempre, lembrando-lhes D. Pedro a autoridade da historia antiga para fazer sentir os perigos das assembleias legislativas ao se deixarem arrastar os seus membros por teorias falsas.

Contentava-se apenas o Imperador em chamar a atenção dos deputados para os tristes resultados da regeneração da Espanha e da Constituição elaborada pelas côrtes de Lisboa."

Ainda acerca da Constituinte, depois dela reunida em Maio de 1823, Maler fornecia esta informação ao ministro: "D. Pedro escreveu uma refutação à proposta de um constituinte, proposta tendente à reunião do Brasil e de Portugal, ficando D. Pedro, por parte de D. João VI, rei em Portugal e imperador no Brasil.

O artigo de D. Pedro estampou-se anonimo, aparecendo subscrito com o pseudonimo de *Ultra Brasileiro*". Maler grifou as duas palavras.

D. Pedro jornalista encoberto, ultra-brasileiro, é curioso e não sabido. Quem quizer saber mais procure o nome do constituinte autor da proposta centralizadora e a gazeta onde foi publicado o artigo imperial. O dono do pseudonimo já está sabido quem é.

Tambem curiosamente se saiba que, no proprio momento do artigo de D. Pedro, Gameiro Pessoa, representante nosso em Paris, não reclamava, pedia a Chateaubriand que dêsse passos para não continuar o *Journal des Débats*, referindo-se a D. Pedro, a escrever em italico a palavra imperador, cientificado Maler da reclamação Gameiro.

Sobre a Constituinte não se limitou Maler a dizer de outiva. Presente à sessão da assembleia, Maler destacava para Chateaubriand certa frase de discurso do deputado padre José Custodio Dias:

"Si preciso um imperador, bem sei preferivel buscal-o em paços régios e não na loja de um sapateiro, mas o que precisamos ter é uma constituição liberal, e vejo aqui muitos *corcundas*." As gibosidades nada tinham que vêr com a alcunha dada aos realistas.

Um fato ocupou a atenção de Maler. Dele, atravez Atlantico, Maler mandou noticia a Chateaubriand. Foi a demissão de José Bonifácio e de Martim Francisco ex-ministros, após altercação do primeiro Andrada com D. Pedro. Estava este então preso a leito de dôres por uma queda de cavallo, desconhecendo o dêsro cavaleiro que, após o Ipiranga sobre sela viêra em quatro dias de São Paulo ao Rio.

Passado o maior comentario, publico por motivo da demissão dupla e fraterna, José Bonifácio enferrou, visitado por Maler, com este entreterendo, apesar de febril, conversação animada, a do seu temperamento.

A palestra versou sobre politica, quasi escusado dizel-o.

A 12 de Outubro de 1823 o imperador fazia vinte e cinco anos. Era dia de cortejo. Mal restabelecido a compareceu José Bonifácio. Aproximando-se de D. Pedro disse-lhe: "Senhor, eu estava muito doente ha uma semana, retomei todas as minhas forças neste dia tão glorioso. Queira aceitar meus sinceros parabens."

Maler registrou que José Bonifácio "ao querer tomar a mão de D. Pedro, para beijal-a, se viu impedido pelo imperador, o qual, por instantes, afetuosamente, apertou a mão do seu ex-ministro, não obstante a precarieidade de sua saúde unico da sua familia a prestar homenagem ao soberano." Dissentiam, mas no fundo se estimavam. A Abdicação o provaria.

Ao infermar Chateaubriand da dissolução *manu militar* da Constituinte, Maler era informado de sua propria substituição, o substituto prestes a chegar.

Aquele, o conde de Gestás, desembarcava a 13 de Novembro de 1823, à tarde. Dirigio-se logo a São Cristovão, bem recebido pelo imperador, mostrando-se satisfeito por lhe haver Luís XVIII conferido ordens honorificas de cópia, de constelação ou de tiracolo no peito dos soberanos, notado que eles, se pod m, preferem usal-as discretamente, por si mesmos despertando atenção.

O conde de Gestás saíra de França trazendo instruções reservadas de Chateaubriand e o bom diplomata sabe que de tais instruções não deve transpirar palavra. Pertencem só a quem dá e a quem recebe, ou pelo menos era assim.

Na sua gestão, Maler defrontára com inimigos, liberais de varias nações, partido inglês, gente nossa, discrepantes da colonia francesa.

Maler deixa-las em herança ao conde de Gestas, pronuncie-se-lhe o nome à brasileira.

Desde principio de missão a pena diplomatica do conde enegreceria papel para pôr Chateaubriand ao corrente do que ia pelo Brasil e dos tropeços que o misivista oficial encontrava.

Emquanto o conde de Gestas assumia funções no Rio de Janeiro, novo representante nosso as assumia posto em Paris junto a Chateaubriand. Era Domingos Borges de Barros, substituindo Manoel Rodrigues Gameiro Pessoa como encarregado de negocios do Brasil.

Em 1823 a questão do reconhecimento da Independencia tornava-se vital para o Imperio. Nela, no Brasil, Chateaubriand atribuia papel importante a Gestas, no caso de recorrer Portugal à mediação das grandes potencias aliadas, pois no sentir de Chateaubriand nem Portugal, nem a Espanha podiam ex-metropolis resolver sós questões com suas antigas colonias.

Tudo quanto devia fazer para cumprir instruções verbais ou reservadas, o conde de Gestas tivêra tempo de meditar em longa travessia atlantica de sessenta e tres dias veleiros.

Uma vez em terra achou-se Gestas hostilizado na sombra pelos inglezofilos, liberais e francezes dissidentes querendo até arredal-o de missão a pretexto de não reconhecimento da Independencia. Não se tinham lembrado disto ao tempo de Maler.

Na manhã de 4 de Março de 1824, Maler partia para a França a bordo de navio mercante *La Zélie*. Pedira a Gestas uma carta de apresentação para Chateaubriand.

Deu-lh'a Gestas, mas oficiou ao ministro prevenindo-o de que Maler "tinha antigas relações em Portugal, onde fizêra carreira militar até o posto de coronel, as simpatias e as afeições que deixára em Portugal lhe havendo falseado de certo o julgamento quanto aos acontecimentos do Brasil".

De um daria noticia Gestas a Chateaubriand, o do juramento da Constituição a 25 de Março de 1824.

"A cerimonia realisou-se com suma pompa e muita ordem.

O dia do juramento parece ter sido o de uma reconciliação geral, muita gente que se achava asfastada tendo reaparecido, notadamente o general Labatut, apresentando-se de grande gala e com a grã-cruz do Cruzeiro."

Na época da missão Gestas a questão do reconhecimento da Independencia era o campo de batalha das influencias francezas e inglezas, ambas de partidarios brasileiros.

A 27 de Agosto de 1824 officiava Gestas:

"Acabo neste momento de receber a participação feita pelo Ministro dos Estrangeiros do Brasil a todos os consules por ordem do Imperador, comunicando que o seu encarregado de negocios nos Estados Unidos da America, o Snr. José Silvestre Ribeiro, fôra recebido em Washington com o ceremonial de uso para com potencias reconhecidas, S. M. deseja que disto se instrua logo os respectivos governos (de certo para que fação o mesmo) é o sentido liberal da nota.

Dirigia-se então Gestas a Chateaubriand substituido poucos dias antes, a 4 de Agosto, na pasta dos Estrangeiros, pelo barão Damas. Durante algum tempo, dada a escassez de noticias, Gestas continuaria pensando escrever a Chateaubriand.

Villéle acusara o seu colega de não ser estranho à derrota governamental na Camara dos Pares, o que custou a Chateaubriand a sua demissão.

A ela pouco sobreviveu Luís XVIII. Expirava a 16 de Setembro de 1824. Sucediu-lhe o irmão, Carlos X, aos sessenta e sete anos, idade em que a vida já vai consistindo em pequenas abdicções para a deposição final.

Gestas continuaria representando-nos a França até 1827. Mas este e corço visa apenas lembrar, por alto, Chateaubriand ministro a ocupar-se com o Brasil.



CHATEAUBRIAND.
(1768-1844).



No 84.º aniversário do nascimento de Paulo de Frontin, transcorrido a 17 deste mês, a Companhia Auxiliar de Serviços de Administração de que é Presidente o Engenheiro Henrique de Almeida Gomes, fez realizar no salão da diretoria de sua sede social uma delicada e expressiva homenagem ao grande brasileiro. Com a presença da família de Paulo de Frontin, diplomatas, autoridades federais e municipais, engenheiros, jornalistas, e amigos do saudoso Prefeito do Rio, político e notável engenheiro, inaugurou-se o seu busto em bronze, trabalho do escultor Leão Velloso.

Assim se cultuou mais uma vez um grande vulto desaparecido que, pela sua vida de desprendimento e trabalho a bem da comunidade do Rio de Janeiro, bem merece hoje a veneração e o respeito de todos os que, graças aos seus esforços e às suas lutas verdadeiramente épicas, contra os quais se bateram, na época, as forças retrogradadas do ceticismo e da incompreensão, têm a felicidade de viver numa cidade verdadeiramente moderna, onde os seus ideais de progresso edificaram planos os mais arrojados, modernizando e reformando radicalmente o processo de abastecimento de água à população, o que lhe valeu a gratidão imorredoura da cidade que viu com isto solucionado um dos seus máximos problemas.

Só por este motivo, seria lembrado sempre com veneração o grande prefeito da Capital da República, não fosse a sua atuação em outros ramos dos serviços públicos, além de suas lutas, sempre ao lado das grandes causas, como político e homem de idéias.

Eis porque teve a mais larga repercussão a homenagem prestada à memória do grande cidadão pela Companhia Auxiliar de Serviços de Administração, que, assim, presta um culto justo de gratidão à figura de Paulo de Frontin, que estará eternamente ligada à História da cidade.

Justa foi também a solenidade de que se revestiu o ato da inauguração de seu busto, o qual, como já dissemos, contou com a presença dos elementos mais representativos do mundo oficial e da alta sociedade do Rio de Janeiro.

✱

AS FOTOGRAFIAS DESTA PÁGINA FIXAM ASPECTOS DA CERIMONIA QUE TEVE UM CUNHO DE SIGNIFICATIVA EMOÇÃO, POIS A MEMORIA DE PAULO DE FRONTIN FOI ENTÃO EVOCADA PELOS SEUS DISCIPULOS MAIS QUERIDOS. NELAS VEMOS O ENGENHEIRO ALMEIDA GOMES AO DIZER DOS MOTIVOS DA CERIMONIA; AO SEU LADO, A SRA. ISMAEL FRONTIN MUNIZ FREIRE, FILHA DE PAULO DE FRONTIN, QUE DESCERROU O BUSTO; O DR. EDISON PASSOS, SECRETARIO GERAL DE VIAÇÃO E OBRAS DA PREFEITURA, E O ENGENHEIRO ALMEIDA GOMES, LADEANDO O BUSTO DE FRONTIN, JÁ INAUGURADO. GRUPO ONDE SE VÊM, ENTRE OUTRAS PERSONALIDADES, O EMBAIXADOR DE CUBA, DR. GABRIEL LANDA, DRS. ARTHUR COSTA E ANTENOR COSTA, E A FAMILIA DE PAULO DE FRONTIN. O DR. ISMAEL MUNIZ FREIRE, AGRADECENDO, EM NOME DA FAMILIA FRONTIN, A DELICADA HOMENAGEM. OUTRO GRUPO ONDE SE VÊM PESSOAS GRAPAS E CONVIDADOS.

DELICADA HOMENAGEM À MEMORIA DE PAULO DE FRONTIN



Livros Novos

VIDA E POESIA DE EDUARDO GUIMARAENS, ensaio bio-bibliográfico de Mansueto Bernardi — Porto Alegre, 1944.

O sr. Mansueto Bernardi, que já consagrou uma substancial e eloquente conferência a Alecu Wamoy, agora nos oferece longo ensaio relativo à vida e às obras do poeta riograndense: Eduardo Guimaraens.

Desta vez, o trabalho é mais vasto e profundo, mais sentido e refletido, como o exigiam a cultura, a maturidade e a eficiência produtiva do artista da *Divina quimera* e dos *Poemas à Bem-Amada*. Wamoy morreu muito moço, na refrega armada a que o levava o ardor político, além da impetuosa tendência combatente; Guimaraens, de pendor essencialmente suave e meditativo, teve tempo de atingir uma espécie de apogeu e de perfeição. Os seus últimos versos estão impregnados duma beleza e dum sentimento que parecem constituir a máxima expressão possível daquele espírito e daquele coração. E quem se aproximasse de Guimaraens logo, através da sua conversação sem nenhum dogmatismo, nenhuma ênfase, mas isenta também de hesitações ou dúvidas, verificaria no seu pensamento como na sua emotividade a existência duma certeza magnífica, a posse duma verdade que era para ele a verdade universal.

O ensaísta começa por nos dizer do seu primeiro encontro, em 1908, com Eduardo, ainda então adolescente e já inteirado do gênio e da arte de Goethe a ponto de, em simples palestra de rua, o analisar e altamente o criticar. Logo nesse dia se estabeleceu entre os dois rapazes uma afeição veemente, uma companhia fraternal de estudo, aspiração, esperança, luta, que, sem quebra da sua continuidade nem atenuação na sua intensidade, foi até à morte do poeta das *Estancias dum peregrino*, em 1928. "E eis — declara o sr. Mansueto Bernardi, na introdução ao presente trabalho — o que me anima a dar sobre a sua vida e a sua obra o meu despretencioso depoimento."

Não se trata, porém, duma tarefa simplesmente informativa mas da missão dos comentadores capazes de explicar e fazer compreender particularidades e cambiantes que ao geral dos leitores possam passar despercebidas. Eduardo Guimaraens, como Alphonsus de Guimaraens, de pai português e mãe brasileira, revelou-se excelente poeta aos treze anos, por sinal que a autoria dum dos seus primeiros trabalhos, o soneto *Aos lustres*, foi posta em dúvida pelo diretor e o redator-chefe do *Diário da Manhã*, de Porto Alegre, que eram então respectivamente Alcides Maya e Marcelo Gama. Essa desconfiança retardou a publicação do soneto até Eduardo "provar" a sua paternidade. Foi o livro *Divina quimera* que definitivamente lhe valeu, e não apenas no Rio Grande do Sul mas por todo o Brasil que entende e ama a poesia, os fóros de genuíno e nobre rimador. O ensaísta expõe as influências e afinidades de Guimaraens, que vieram desde Dante e mais aproximadamente se refletiram procedendo de Verlaine, Baudelaire, Maeterlinck. Mas a sua originalidade não deixa por isso de se patentear e triunfar em cada página criada. Ele foi realmente um poeta superior, em si mesmo, como no amor e no culto da terra do seu berço. E a exigente restrição que alguém fizesse ao valor daquela por não ser bem vital ou interpretativamente riograndense, responde o sr. M. Bernardi com a citação de trechos de paisagem rústica ou de cenário urbano, impressões de cor, luz, de ambiente e com a transcrição na íntegra do *Canto do vento miniano* em que se sente tão largo hausto de inspiração regional.

Nas cento e trinta páginas do estudo do sr. Mansueto Bernardi encontramos bem a figura e a alma dum poeta, amadas e louvadas por outro poeta.

VIOLENCIA, AGRESION Y GUERRA, da autoria de Eduardo Salazar, com prefácio de Alejandro Alvarez — Santiago de Chile, 1944.

Eduardo Salazar

**VIOLENCIA
AGRESION
Y GUERRA**

O sr. Eduardo Salazar, como no-lo apresenta o insigne publicista e internacionalista sr. Alejandro Alvarez, é, ao mesmo tempo que jurista e diplomata, um financista cujos trabalhos atingiram ampla vulgarização e alto prestígio em toda a América hispânica. Tem publicado numerosas obras, não só no seu país natal, o Equador, mas também no México, em Costa Rica e no Chile, estando neste último caso o presente livro.

Neste volume examina o sr. Salazar os problemas que se relacionam com a guerra atual e também os que logicamente dela vão decorrer. Analiza o que são e expõe o que devem ser as relações entre cada Estado e cada povo, e entre todos aqueles a quem o conflito desencadeado pelas potências do Eixo veio a envolver — tanto vale dizer: o mundo inteiro. Desenvolve por cerca de quatrocentas páginas o seu estudo, atendendo às feições filosóficas, políticas, sociais e económicas como, no seu entender, devem ser rigorosamente consideradas. E divide o seu trabalho em quatro partes, a saber: LA VIDA, EL HOMBRE Y EL ESTADO — LAS DOCTRINAS — GUERRA Y PAZ — EL OCASO DE LA GUERRA Y LA AURORA DE LA PAZ.

E' bem a obra dum destes pensadores a quem as questões não interessam apenas pela feição presente e, ao contrário, mais impressionam e mais reflexão exigem pelos possíveis aspectos futuros. Acompanhar estes capítulos é ir encontrando uma série de noções convictamente profundas, com as quais podemos ou não concordar mas em que forçosamente acataremos a autoridade e a sinceridade.

MARTIRIO, romance de Otávio Augusto Vampré — São Paulo, 1944.

Em nota liminar intitulada "Apresentação", diz-nos o autor que não teve a pretensão de invadir seara alheia. Trata-se, pois, dum romance escrito por alguém que

declara não ser romancista. Como se qualifica então, a si próprio? "Escritor de rádio, não romancista". E isto nos prepara no sentido de melhor compreender e julgar a obra. O sr. Otávio Vampré habituou-se a ser ouvido e não lido pelo público. O seu êxito através do microfone se pronunciou — e acreditamos que de primeira ordem — independentemente da reflexão daqueles a quem se destinava. O rádio escuta simpaticamente predisposto; interessa-se a seu modo; entusiasma-se, comove-se, tudo isso de passagem, sem examinar até onde tais impressões se justificam pelo valor literário da história dialogada. Quando acasa cuida de analisar, discutir, é tarde. A obra passou, nada deixou de si para ulterior estudo ou verificação. E o rádio, ouvinte que, em geral, está gosando o descanso do lar, o mais possível comodamente e à vontade, se realmente chega a ter desejo de criticar, logo conclui que não valeria a pena.

Mas, em verdade, não devia o sr. Vampré temer ser romancista a apreciação ponderada, rigorosa, do seu romance. Algumas condições deveras o recomendam. A acção desenvolve num movimento vivo, espontâneo. O diálogo ferece, em geral, certa naturalidade. O ponto inicial do enredo é o casamento, a instância das respectivas famílias, de duas pessoas, Antônio Carlos e Paula, que absolutamente se rão. O rapaz tem verdadeira afeição por outra moça, Kátia, que igualmente lhe quer e que é mais doce, dedicada e erédula das criaturas. Dessas qualidades se prevalece Paula, verdadeiro demônio de hipocrisia e ferocidade, para infernizar, antes e depois do casamento, a vida da rival. Os meios a que para tal fim recorre pecam, às vezes, por inverosimilhança, mas sem chegar ao impossível, ao absurdo. O romance caminha, sempre desvolto, até à última das suas tresentas e quarenta páginas de vasto formato, em que a virtude recebe o prêmio decisivo e o vício se arrepende e é perdoado.

MARTIRIO
ROMANCE

OTÁVIO AUGUSTO VAMPRE

EDITORA ASSA, A. L. E. S. A.

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

1944

O OUTRO VEREDICTO

(Continuação do número anterior).

— Grace, eu não duvido que você possa convencer-se com uma palavra minha. E' mesmo possível que Muriel se convencesse com esse plano louco que você arquitetou. Porém eu não quero. Ela terá que encontrar em si mesma, em seu amor por mim, em sua confiança, uma resposta, ou sua convicção não me satisfará. Ou ela, por si mesma, chega á conclusão de que estou inocente ou eu...

— Sim...

— ...ou sofreremos ambos, por culpa dela...

Sem mais uma palavra, ele se afastou. Grace ficou a olhar o navio, que se afastava do cais. No convés divisou o vulto de Wilfred...

— Minha filha, você nem sabe o que perdeu!

— Foi interessante assim?

— Uma maravilha!

— E' mesmo?

— Eu sentia cada arrepio na espinha quando o homem falava!

— Bobagem!

— Nada. Você também havia de sentir se estivesse lá... Ele tem uma voz grave, assim como o Charles Boyer.

— Que mania, essa, a sua, de meter artistas de cinema em toda a história que conta...

— Eu não estou contando a história: quem tem que contar é Grace. Foi para isso que a convidei para almoçar. Ela é muito amiga de Muriel. Deve saber de tudo, tudo!

O prazer antecipado de saber tudo iluminava o rosto da moça e dava uma impressão bem desagradável. Parecia um abutre, aquela jovem tão linda. Um abutre remexendo nos restos de um cadáver putrefacto...

— Lá vem ela...

— Grace?

— Sim. é aquela de preto que vem ca minhando para cá... Que vestido horrível!

— Aquilo é coisa do ano passado que ela mandou tingir...

— Mas confesso que a cor está apropriada...

— Ih! Eu gosto de uma história tétrica!

Por que viera encontrar-se com aquelas moças? Grace sabia muito bem que não fora amizade, nem solicitude, que as fizera convidá-las. Era curiosidade. Anunciavam por saber os detalhes da história, descobrir escândalos, numa avidez francamente neta. Duas moças tão lindas. Mas abutres! Abutres! Queriam saber tudo, em miúsculas, com escândalos, crimes, sangue, muito sangue e detalhes imorais. Um prazer sádico de fazer os outros sofrerem e de ver o sofrimento alheio, de esmiuçar... Morte! Como as atraía o nome. Escândalo! Como as tornava ávidas o termo. Amor! Como aguçava-se sua curiosidade! O indício de uma paixão!

O crime... Wilfred mata?

Uma mulher que ele conhecera ainda solteiro. Era um bonito rapaz. Ligara-se a ela por promessas que não tinha a menor intenção de cumprir. Pedacinhos de rapaz que quasi sempre são esquecidos, ou com tãto escondidos. Um pedacinho para outros. Para ele causa da tragédia. A mulher escrevia, importunava-o.

Grace lera uma das cartas...

— "Se não voltares para mim muito breve..." Ameaças. Ele devia favores áquela mulher. Estivera doente e fora ela quem o tratara. Mas quando o verdadeiro amor, Muriel, bela atriz na apogeu de sua carreira, aparecera an vida dele a outra fora esquecida.

No dia do crime... Um telefonema surpreendido por um criado.

— Não posso, Clarisse. Não posso vê-la.

— Pois bem... E' isso mesmo. Não quero vê-la. E não me importune mais. Já disse que está tudo acabado.

Depois o crime...

A mulher, na cama, de camisola, banhada em sangue, uma face... Nenhuma impressão digital... Nenhum outro indício suspeito...

Wilfred não apresentara alibi. Estava, segundo dizia, passeando, vagando pelas ruas de Londres, para espreitar...

O julgamento... O veredicto...

Muriel desesperada:

— Não sei! Não sei!

Wilfred, impiedoso:

— Ela terá que descobrir em si mesma a certeza de que não matei.

— Descobrir em si mesma? Como era possível? Como poderia deixar de duvidar? Como queria ele que ela descobrisse, no seu amor, fonte de uma certeza que os fatos, todos os fatos faziam o possível para abalar? Como? Muriel desesperada e Wilfred sofrendo... Ele deveria estar sofrendo. Ela tinha quasi certeza de que estava inocente. Deveria sofrer por seu orgulho. Não tentara convencer a esposa. Abandonara a luta, aceitando a derrota como se fosse culpado.

— Ela deverá achar em si elementos para a certeza de que estou inocente, pensara ele.

— Não posso! Essa incerteza me enlouquece, pensara Muriel.

— E eu sofro pelos dois, pensara Grace.

Com um sorriso lembrava-se de sua paixão por Wilfred. Muitos anos antes de casar com George, muito tempo antes de conhecer Muriel. Ele fora sempre amável, um bom amigo. Mas nunca a amara e nunca soubera que Grace o adorava em silêncio. Grace tinha pelo marido uma afeição fraternal. Por Wilfred entretanto, era amor que sentia...

— Sofro pelos dois!

— Grace!

— Boa tarde, Marina! Boa tarde, senhorita.

Marina adiantou-se.

— Deixe-me apresentá-las. Essa aqui é uma amiguinha: Consuelo.

— Já ouvi falar da senhorita muitas vezes.

— Não me trate de senhorita. Chame-me Consuelo.

— Pois bem, Consuelo.

— Assim está melhor.

Grace sorriu.

Marina falou:

— Como vai Muriel?

Eis a deixa, pensou Grace. Como vai Muriel? perguntou ela. Conte-nos tudo, quis dizer.

— Muriel vai bem. Um pouco abatida. Mas bem.

— Eu ouvi dizer que o marido, logo depois do julgamento, partiu para a África. E' verdade?

— Sim: Wilfred está, presentemente, na África. Tinha uns negócios a tratar em Johannesburg.

Grace notou o sorriso que as amigas trocaram. De repente uma tentação tomou conta de seu espírito.

— Eeuteem!

O tom de voz fez ver ás outras que chegara a hora.

— Que foi Grace? Por que você está tão pálida?

Como Mariana disfarçava bem!

— Eeuteem!

E contou... Contou tudo. Contou até o seu amor por Wilfred. Não sabia o que a fazia falar. Era uma força superior que a fazia continuar contando, contando sempre, sem poupar detalhes, por mais insignificante!

Meu Deus! comentava uma.

— Nossa senhora, que horror! exclamava a outra.

Ambas deliciosas. Que história, meu Deus, para contar ás amigas. Contar aos poucos, guardando para o fim a surpresa maior: Grace amava Wilfred. Sempre amara. Que história!

Grace não parava de falar...

Quando chegou em casa, Grace estava com uma dor de cabeça de enlouquecer. Latejavam-lhe as temporais. Estremecia toda.

— Como pude fazer aquilo?

— Não sabia o que a fizera confessar tudo.

— Esse caso me afetou. Eu estou ficando histérica também.

George esperava-a. Disse uma simples frase que a fez estacar, esquecer por um momento a dor de cabeça.

— Grace, é verdade?

— O que, George?

— E' verdade que o ama?

Ela ficou interdita. Depois sorriu:

— Como andaram depressa as moças!

ESTE É O CHARUTO VITORIOSO



Grande Descoberta Para o Alívio da Eczematide Infantil

V. não precisa mais ver seu filhinho sofrer o martírio da eczematide. Essa forma infantil de eczema causa ao seu filho muito maior sofrimento que qualquer outra doença. As coceiras constantes não deixam a criança dormir, causando uma inquietação que conduz ao esgotamento nervoso. Não é possível impedir que o seu filhinho cause ulcerações na pele com as suas unhas, pois ele não suporta a coceira e não se pode impedi-lo de coçar continuamente a pele irritada. Daí resulta a formação de cicatrizes que desfigurarão por toda a vida o sua fisionomia.

Numa clínica de pele de um grande hospital, foi elaborada uma nova fórmula para o tratamento e alívio da eczematide. É o novo, moderno e científico preparado BELZEMA.

BELZEMA é uma nova forma de pomada não gordurosa que nanotiza rapi-

damente na pele da criança para combater a doença na sua origem. Faz cessar as coceiras, é invisível quando aplicada, não é sentida e não mancha a roupa, não sendo necessário usar ataduras.

BELZEMA já aliviou alguns casos das mais obstinadas erupções de eczematides em pouco tempo. As coceiras cessaram com a aplicação de BELZEMA e com a continuação do tratamento a pele tornou-se novamente limpa e perfeita.

Se o seu filhinho está sofrendo de eczematide infantil, dê-lhe imediatamente o alívio de BELZEMA. Continue a usar BELZEMA até a pele tornar-se limpa e nova outra vez.

BELZEMA

— Toda a cidade já sabe. Grace, pela amor de Deus, é verdade?

— Sim.

Foi um simples murmúrio mas ele compreendeu.

— Porque casou-se comigo, Grace?

Ela olhou-o.

— Gosto muito de você, George.

— Mas ele é diferente, não é?

Ela baixou a cabeça e murmurou mais uma vez:

— Sim.

Ele não disse mais nada. Afastou-se. Ela o ouviu bater a porta do quarto.

Havia uma carta sobre a mesa. Abriu-a distraidamente. Era de Wilfred:

— Grace:

Você é a melhor amiga que eu e minha mulher temos. Escrevo-lhe por isso e porque preciso de contar a alguém. Quero que alguém saiba a verdade.

Não matei a mulher, mas vou suicidar-me e deixarei uma carta confessando o crime. Amo demais minha mulher para vê-la sofrer assim... Não ousaria tentar convencê-la da minha inocência. Morro feliz por saber que alguém, ao menos, sabe que sou inocente e que morri feliz.

Queime esta carta.

Um beijo fraternal do seu grande amigo

Wilfred.

Grace caiu no chão, desmaiada.

"OUTRA FASE DO 'CASO' HUMBERTO DE CAMPOS"

Na reportagem que a REVISTA DA SEMANA publicou a semana passada sob o título acima houve um engano, que nos apressamos em retificar. Quando nos referimos ao advogado da Federação Espírita Brasileira nomeámos o dr. Carlos Imbassahy. Entretanto, o advogado da Federação é o dr. Miguel Timponi, sendo o dr. Carlos Imbassahy um dos seus brilhantes auxiliares.

Foi notável a colaboração d'este ilustre causídico na parte científica da defesa.

Alguns Modelos



MODAS DE MEIA ESTAÇÃO

A meia estação, nos climas instáveis ou inconsistentes, traz sempre uma grande mistura de modas pelo menos na maneira de vestir. Ou continuam os pesados abrigos de lã, ou aparecem os extemporâneos vestidos leves de verão. E' pois aconselhável para manter uma linha de elegância distinta, e mostrar que sabe se vestir com oportuna discrição, usar as sedas mais pesadas com mangas compridas, ou os *boleros*, que são uma forma prática e "chic" de resolver o problema da temperatura desigual.

A BELEZA E' OBRIGAÇÃO

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os crêmes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o crême de alface ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e re-rescar a cutis.

Depois de aplicar este crême, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Crême de Alface permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Crême de Alface "Brilhante". Experimente-o.

MUITO ELEGANTE VESTIDO DE NOITE EM SEDA MAROCAIN CICLAMEN; GALÕES DOURADOS E PAILLETÉS. DOIS CLIPS NO DECOTE DRAPEADO E UM GRANDE LAÇO NA FRENTE COMPLETAM-LHE A BELEZA.

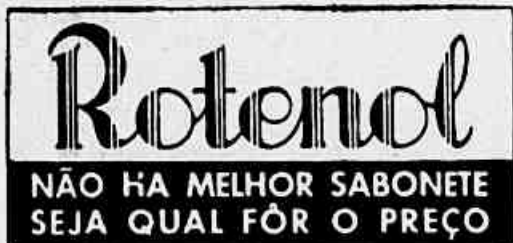
CABELOS BRANCOS?
LOÇÃO
Brilhante

ORIGINAL O CORTE DA BLUSA DESTA VESTIDO VERDE "NAVY"; A SAIA EM CORTE GREGO E MOTIVOS DOURADOS; A AMPLITUDE DA SAIA *godet* FAZ A CAUDA.

Um calçado da moda para o mundo elegante

Gambier

Rua Uruguaiana, 52
Fone 22-5587 — RIO



Primeiro amor

(Continuação da página 39)

— Mas papai, que bobagem! Então só porque um bobo qualquer manda uma carta idiota para o senhor...
— Não. Não é o fato do rapaz ter mandado essa carta que eu até acho muito boa e que aprovo. É o seu modo de encarar essas coisas. Minha filha, eu sempre lhe dei toda a liberdade, mas...
— Escute aqui papai. Dixe isso para depois do almoço. Sim?
Resignado, ele acedeu.

— Não. Era preciso tomar uma providência. Claude, depois do almoço engulido às pressas, saíra com um rapaz que ele não conhecia. Entrara correndo no gabinete, beijara-o, apressadamente e dissera:

— Já vou indo! Té logo, velho!
— Espere, Claude.
— Deixe para depois, sim Armand? Maurice está me esperando.
— Quem é esse?
— Um colega. Você não conhece; não.
— Espere, Claude...
— Bye bye, Armand. Depois a gente conversa.

E antes que ele pudesse replicar ela corre para a porta e, depois de batê-la, pulou dentro do carro que a esperava e que partiu a toda velocidade.

Como fazer com que ela encare o problema com seriedade!? Como fazê-la compreender?

Armand suspirou. O relatório para o diretor do colégio estava ainda incompleto. Era preciso terminá-lo. E ele, desencorajado, voltou ao trabalho.

— Não foi preciso procurar, Claude, nem pedir que ela o visitasse, no dia seguinte. Ela mesma veio procurá-lo.
— Armand, você está muito ocupado?
— Não. Entre, minha filha. Que é que há?

Que é que há era bem a pergunta e Armand estava surpreendido com o aspecto da moça. Ela estava, evidentemente, embaraçada. Queria falar sobre alguma coisa, porém demorava, adiantava não sabia como começar.

— Que é, minha filha?
— Escute aqui Armand, tem um camarada, sabe?
— Não sei nada, menina. Que "camarada"?

— Lá na Faculdade...
— Sim. E daí?
— Eu... eu gosto dele...

Interessante. A mocidade de hoje, Armand sempre dizia, detesta as expansões, detesta as demonstrações de carinho. Porém, será que não tem razão? A maneira deliciosamente ingênua e a simplicidade com que ela pronunciava aquelas palavras comoveram-no.

"Tem um camarada lá na Faculdade... Eu gosto dele..." "E o tom da voz e o leve rubor que lhe tingira as faces..."

— Ele é direito, minha filha?
— Ué? Bobagem, velho. Como é que eu havia de gostar dele se o não fosse?

— Hum... Como se chama?
— Marcel...

— E Georges. E Maurício?
Ela levantou os olhos para ele. E, num ímpeto, tão raro em jovens, confessou:

— Escute, velho, a gente brinca muito, hoje em dia, sabe? Anda para lá e para cá... Mas... Mas a velha história ainda existe, sabe?

— Que velha história...
— Amor e... e esse troço de chorar e ficar apaixonada e... você sabe...

— Você quer dizer que no fundo vocês ainda são todos uns sentimentais?

— Parece, não é?

Houve uma pausa. Armand compreendeu, de repente, que o sermão que preparava não era necessário.

— Quando é que ele vem aqui?
Ela sorriu, muito docemente.

— Ele fica sem jeito, sabe? Eu já disse a ele que é besteira, que ele é mais ou menos imbecil, mas ele fica sem jeito da mesma forma.

— Você disse isso tudo ao rapaz.

— Disse. Por que não?

— E ele o que fez?

Ela riu.

— Ah, ele? Bem ele disse que eu era muito assanhada, isso é que era...

— Ele disse o que?

— Não faz mal, não, papai... E' assim mesmo. A gente briga que é uma coisa pavorosa!

Armand sorriu.

— Diga-lhe que mandei convidá-lo para jantar...

Ela não respondeu. Veio para perto do pai e beijou-o na testa.

Depois, quasi sem transição, disse:

— Você sabe que o velho Perrier está dando em cima da Colette? Veja só que barbaridade!

Mas Armand não se enganou. Mascara tudo, pensou. Hoje, há cinquenta anos, daqui a dois mil anos, sempre foi e será a mesma coisa. No fundo somos todos sentimentais.

— Que é que você está me olhando com essa cara de bobo, velho? Ele sorriu:

— Ah, garota, você não me engana. Não adianta. Não me engana. E ela sorriu: "Maezera velho!"

ULTIMO LANCE

(Continuação da página 23)

jogador sustentaria ou não o lance por inteiro.

E já quando o vermelho era ainda uma vez anunciado pelo trêmulo banqueiro, partia de toda a sala uma explosiva exclamação de pasmo.

Era preciso tocar a cada instante o tímpano, pedindo atenção e silêncio.

Mas os comentários reproduziam-se, fervendo em torno da estátua feliz. Uns protestavam contra a loucura daquela pertinácia, pedindo para seu castigo um número negro; outros se entusiasmavam com ela e soltavam bravos de aplausos; outros ainda calculavam o ouro acumulado, somando os lances.

E o banqueiro, cada vez mais pálido, tomava com a mão trêmula a bola fática e, a tremer, fazia-a girar na galeia dos números, e, a tremer, anunciava ofegante o número vencedor, que era sempre vermelho.

Cada número vinha acompanhado de um coro de pragas e gargalhadas.

Até que, num desalento do capitão vencido, o banqueiro, dando ainda o último vermelho, anunciou com uma voz de naufrago sem esperanças:

— Banca... a glória!

Mas nem assim o imperturbável jogador misterioso fizera o menor gesto; ao passo que em redor dele se acotovelavam os viciosos de ambos os sexos e de todas as nações, formando uma rumorosa e irrequieta muralha, ansiosa de curiosidade.

Chamaram-no de todos os lados, em todas as línguas e em todos os tons. Ele se não moveu.

Tocaram-lhe no ombro; tocaram-lhe na cabeça.

Nada!



Sacudiram-lhe o corpo.

A estátua continuou imóvel.

Então, dois homens, tomando cada um uma das mãos do fidalgo, arrancaram-lhas do rosto, enquanto um terceiro lhe levantava a cabeça.

E um só grito de horror partiu dentre toda aquela gente.

Quem a glória levava a banca e ali estava imóvel a jogar com eles durante a noite, provocado pelas mulheres e invejado pelos homens, era um cadáver frio, de olhos escancarados, a boca semi-aberta, e com duas lágrimas compridas escorrendo pela algeidez das faces contraídas.

Largaram-no espavoridos; e o morto tombou com a cabeça sobre a mesa, colando o rosto e as mãos de mármore sobre o seu ouro, como se o quisesse defender da cobiça dos outros jogadores sobreviventes, que já discutiam aos gritos a legitimidade daquela posse.

Com o NOVO Batom "LALAUQUE"...



...os seus lábios tornam-se invejáveis!

★ Seja exigente na escolha do seu baton...

O novo Baton "Lalauque" satisfaz plenamente as pessoas mais exigentes, porque — "há mais cáro, mas não há melhor"! —

Experimente hoje mesmo este delicioso baton e se convencerá desta verdade!



Nas cores:

- Natural
- Claro
- Médio
- Escuro
- Cyclamen

Baton Lalauque

A VENDA EM TODO O BRASIL

Juiz ou réu?

Continuação da pág. 19

— Ora! Você ainda vai dar atenção aos médicos? Eu me sinto bem. Não há prova mais convincente de que...

— Lucí, eu sei bem que você está dizendo isso porque é uma moça corajosa, mas...

— Bobagem, Rogério. Eu digo isso porque me sinto perfeitamente bem, disposta a suportar as ranzinças do patrão, por muito tempo, até que nós possamos realizar o nosso sonho...

Será preciso acabar de descrever essa cena de amor? Não. E será preciso dizer que, mais tarde, como era inevitável, deu-se o que já estávamos esperando? Lucí piorou e... Mas não antecipemos.

✱

Na manhã seguinte, Brandon mandou chamar Rogério.

— Rogério, mande fazer um cheque de duzentos dólares e depois me dê para assinar.

— Sim, senhor. Mais alguma coisa?

— Não. Somente isso.

— Está muito bem.

Rogério teve um pressentimento de que alguma coisa ia acontecer. Entretanto, sem suspeitar de nada, fez o cheque e foi levar ao patrão para que assinasse.

— Ah, muito bem. Agora, tome uma carta para a senhorita Lucí Brenton.

— Lucí Brenton?

— Sim. A propósito, nós temos o endereço dela aí, não é verdade?

— Temos, sim, senhor.

— Ótimo. Tome a carta.

Era extraordinário o fato de Brandon pedir a ele que escrevesse uma carta. Era a datilógrafa que cabia tomar o ditado e a datilógrafa era, justamente, Lucí. Que teria acontecido?

— Está pronto?

— Sim, senhor.

— Então, escreva.

Senhorita Brenton:

Esforcei-me por contentá-la, na medida das minhas possibilidades, sem prejudicar o meu negócio. A senhorita deve compreender, entretanto, que, da maneira que as coisas estão, e tendo a senhorita faltado à palavra empenhada, é-me impossível mantê-la no posto que ocupa nos meus escritórios. Não posso, por mais que a isso esteja inclinado, ter, entre os meus empregados, uma pessoa doente, porque, além das perturbações causadas por essa pessoa, em virtude de seu estado, prejudica o andamento dos negócios. E' com profundo pesar, portanto, que sou forçado a pedir que não volte ao escritório. Não posso, por outro lado, dar-lhe uma recomendação sem afirmar, nela, que o seu estado de saúde precário, assim como o não cumprimento de um compromisso assumido, foi a causa da sua demissão e que a a senhorita não saiu de sua livre e espontânea vontade, mas foi forçada, pelo contrário, a demitir-se por um pedido insistente da minha parte. Nessas condições, estarei disposto a fornecer um atestado no qual poderei afirmar que, durante o período que a senhorita me serviu, sem estar doente, foi uma empregada, sob todos os pontos de vista, eminentemente satisfatória.

Esperando sua decisão a esse respeito, envio-lhe esse cheque de duzentos dólares, equivalente aos dias que trabalhou antes de adoeecer e que ainda lhe devia e mais uma pequena taxa requerida pelo governo nos casos de demissão do empregado pelo patrão sem dar tempo a que ele procure outro emprego. Espero que se restabeleça brevemente e encontre outra posição sem dificuldades.

Sem mais, subscrevo-me, pesadamente, muito seu

C. D. Brandon.

Rogério não disse uma palavra. Temia dizer alguma inconveniência. Mas não se conteve, finalmente.

— Sr. Brandon, eu...

— Que há, Rogério?

— Por que despede Lucí?

— Sou forçado a isso. Não vê que ela não cumpriu a palavra dada ontem? Já hoje faltou novamente ao trabalho sem avisar. Francamente assim não posso continuar.

— Mas se ela ainda não veio foi por algum motivo.

— Exatamente. Mas não posso permitir que as coisas continuem assim.

— Mas...

— Francamente, Rogério. Eu conheço o seu interesse pela senhorita Lucí e

creio que será até melhor para o escritório que ela não esteja aqui. A sua presença distrai-o do trabalho. Creio que isso até aumentará a sua eficiência...

— Mas...

— Rogério eu estou ocupado. Já discutimos isso. Nada mais resta a dizer. Vá buscar, no arquivo, tudo o que houver sobre o Caso Robson e me traga aqui. Depois, mande pôr no correio a carta com o cheque...

— Eu acho que o senhor procedeu mal, Sr. Brandon. Afinal de contas...

— Procedi mal? E que tem você com o que eu faço no meu escritório? Se não está satisfeito, pode ir, também, consolar a datilógrafa...

— Sr. Brandon, eu acho que...

— Você aqui é um simples subordinado e não tem o direito de achar coisa alguma. O único direito que lhe assiste é de partir, se não estiver contente com a minha direção. Nada mais simples. Pode fazer para você também um cheque na mesma importância. E vá levar a carta pessoalmente. Não precisa voltar...

Só um meio minuto depois, Rogério compreendeu a gravidade do que acabara de ser dito. Estava despedido. Despedido porque... Mas não: o sindicato saberia defender os seus interesses... Sim. Iria ao sindicato naquela tarde mesma e faria com que eles intervissem. Já outros haviam conseguido voltar ao emprego ou, pelo menos, tinham obtido, uma indenização mais generosa...

✱

Há, nos Estados Unidos, muitos juizes mulheres, ou mulheres que são juizes. Cornelia T. Potter era uma dessas moças que fizeram carreira na magistratura. Casara. Tinha sua casa e filhos, porém nunca largava o trabalho. Já várias vezes prometera ao marido que no final do ano largaria. E em cada final de ano ela vinha muito embaraçada pedir a ele que esperasse mais um ano. Sam Potter, advogado, aceitava a situação, em primeiro lugar porque compreendia o amor à profissão que a esposa tinha e, em segundo lugar, porque, trabalhando ambos por assim dizer na mesma profissão, estava mais próximo da esposa do que estaria, caso ela, por exemplo, fosse doméstica. Porém esse entusiasmo pela profissão que ambos tinham não excluía certos dias de desânimo, dias

em que tinham ímpetos de largar tudo e ir plantar batatas em uma fazenda do interior. Era nessas horas que Cornelia sentava-se perto do marido e os dois lamentavam-se, queixavam-se das suas profissões deslumbrantes, exatamente como médicos, engenheiros, químicos, qualquer outro, em suma acharia a sua profissão, não só a mais importante, como a que mais trabalho dá e a que mais cansa e a que mais dificuldades apresenta no exercício. E' coisa natural.

A tarde em que os encontramos em um pequeno restaurante, perto do tribunal, era uma dessas.

Cornelia avançou, lentamente, entre as mesas dispostas irregularmente, até a mesa do canto onde o marido a esperava, paciente. Parando para cumprimentar o novo secretário do prefeito, que aparecia tão frequentemente nos diários da metrópole, iluminou-lhe o rosto de feições corretas um sorriso franco. Mas o advogado notou-lhe, também, os ombros caídos — sinal bem seu conhecido de grave preocupação...

Mandou vir um cocktail especial e puxou uma cadeira para perto da sua. Ela deixou-se cair, sentada e disse, em tom queixoso:

— Sam.

— Já sei, disse ele, ajudando-a a tirar o casaco. Foi um daqueles dias em que você se arrepende de ser juiz e pensa que seria melhor de ficar-se aos seus três filhos, e ao seu pobre marido abandonado...

Depois de vinte e cinco anos, ele já conseguia adivinhar o que ela ia dizer. E vice-versa, está claro, pois o juiz era muito perspicaz.

— Está aí o seu cocktail, meritíssima. Beba que lhe vai fazer bem. Está bem forte.

✱

O juiz suspirou e abriu uma enorme bolsa de couro de onde tirou um recorte de jornal.

— "Sam, leia isso".

O advogado leu. Não havia nada de extraordinário. O dono de uma firma comercial tinha sido assassinado. Um rapaz se apresentara à polícia. Fôra julgado e absolvido, apesar da confissão de que se achava escondido na casa da vítima à hora do crime.

O advogado colocou o recorte em cima da mesa, sabendo que ela ia contar tudo, que só o fim do mundo a impediria de fazê-lo.

— "Que é que você quer comer, juiz?"
— "Eu não lhe contei o que aconteceu, pouco antes de partirmos para Havana, em férias," começou o juiz. "Um dia, quando eu ia saindo do tribunal, um homem, que evidentemente estivera esperando, interpelou-me..."

✱

— Juiz!

— Quem é o senhor?

— Sou um pobre desgraçado.

— Não acha que a sua linguagem está um pouco melodramática?

— E' verdade. Mas, quando a gente sofre, não pensa na linguagem...

— Que lhe aconteceu? Perdeu o emprego?

— Não. Não. Eu, não. Um amigo meu...

O juiz já conhecia bem esse subterfúgio. Quando alguém ia procurá-la para pedir conselhos sobre qualquer caso mais vergonhoso, dizia que era para um amigo...

— Que ac n eceu com o seu amigo?

— Uma desgraça. Imagine a senhora que ele é noivo.

— Noivo? Não se trata de algum crime passionai, não é verdade? Por que eu confesso que não tenho a menor simpatia para com os criminosos passionais...

— Não, senhora, o caso da noiva...

— Não fique nervoso. Conte-me tudo, com calma. Olhe, vamos para o meu gabinete. Lá estaremos à vontade.

A aparência do rapaz era distinta e Cornelia interessou-se por ele. Aliás, era hábito seu conceder uma entrevista a quem quer que a solicitasse. Muitas vezes pudera evitar, assim, que certos casos fossem levados ao tribunal. Orgulhava-se, até, de ter, certa vez, dissuadido um assassino de cometer um crime...

— Imagine, juiz, que meu amigo trabalhava, com a noiva, para um homem perverso...

— Trabalhava como?

— Ele era secretário e ela datilógrafa.

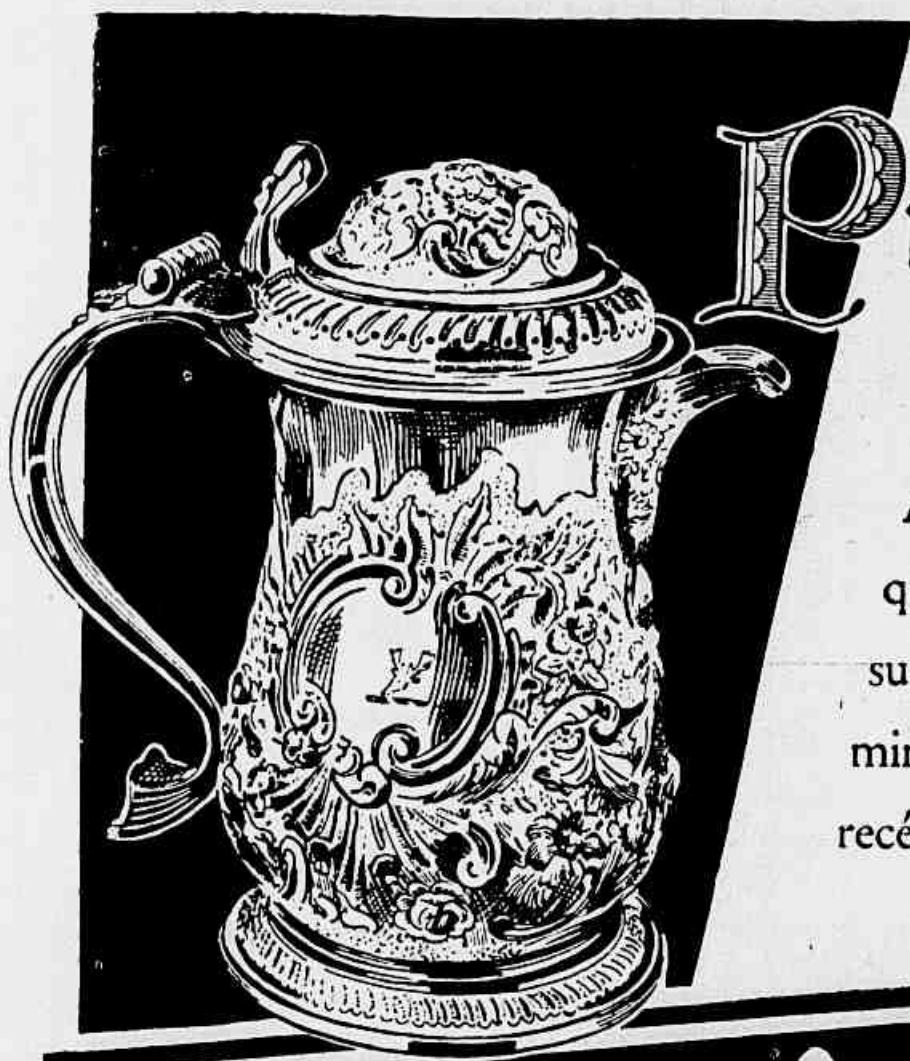
— Sim?

— Depois, ela ficou doente e o patrão resolveu que não poderia mais trabalhar. Ela faltava, às vezes.

— Sei...

— Bem; depois... Depois, o meu amigo foi protestar e o patrão despediu-o também...

(Continua na pág. 55)



Prata Antiga
INGLÊSA

Aos apreciadores destas relíquias de arte, Mappin & Webb sugerem uma visita para examinar as magníficas peças recém-importadas.

MAPPIN & WEBB

RUA DO OUVIDOR, 101 - RIO

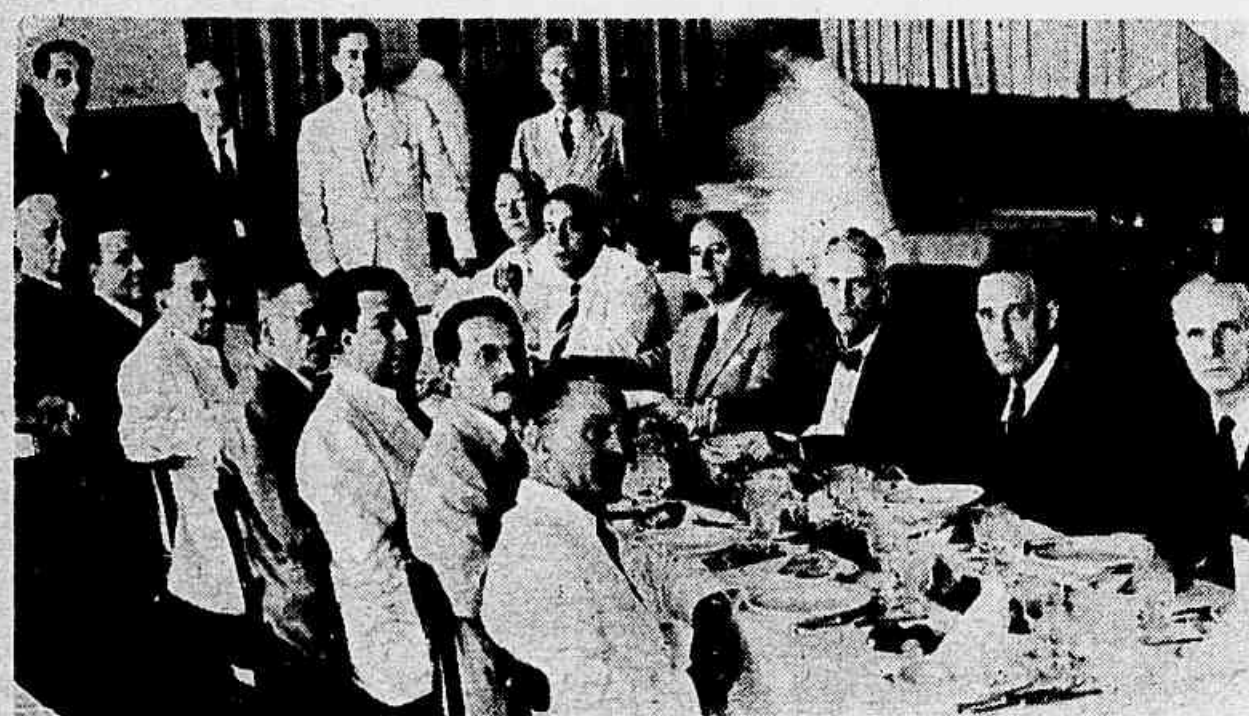


IA-MW-15

FIGURAS E FATOS



FIXAMOS AQUI DOIS ASPECTOS DA SESSÃO DE INSTALAÇÃO DO CONGRESSO NACIONAL DE DIRETORES DE ESTABELECIMENTOS DE ENSINO, RECENTEMENTE REALIZADA NESTA CAPITAL, NA SALA DE SESSÕES DO D. I. P., NO PALÁCIO TIRADENTES. EM CIMA, UM ASPECTO DA ASSISTÊNCIA AOS TRABALHOS INAUGURAIS DO CERTAME. EM BAIXO, INSTANTANEO TOMADO QUANDO USAVA DA PALAVRA O DR. LA-FAYETTE CÔRTEZ, DIRETOR DO INSTITUTO LA-FAYETTE.



OS AMIGOS E COLEGAS DO DR. JOÃO GARCIA OFERECERAM-LHE UM ALMOÇO, QUE SE REALIZOU NO DIA 15 DO CORRENTE, POR MOTIVO DA SUA APOSENTADORIA. COMPARECERAM AO ÁTO VÁRIOS ENGENHEIROS DA E. F. C. DO BRASIL, TENDO O DR. ROMERO ZANDER FEITO, EM DISCURSO, O ELOGIO DO HOMENAGEADO, SALIENTANDO O SEU PROCEDIMENTO HONESTO E LEAL DURANTE CERCA DE 50 ANOS EM QUE, COMO REPRESENTANTE DA FIRMA HIME & CIA. MANTEVE NEGÓCIOS COM A NOSSA PRINCIPAL VIA-FÉRREA.



REALIZOU-SE NO DIA 2 DO CORRENTE NA IGREJA DA GLORIA, NO LARGO DO MACHADO, O BATISMO DE JOSÉ, FILHO DO SNR. J. A. MOTA JUNIOR, ADVOGADO NESTA CAPITAL E SUA EXMA. ESPOSA SNRA. ISAR MOTA. FINDA A CERIMONIA, O SNR. JOSÉ ARAUJO MOTA, AVÔ DO PEQUENO, OFERECEU UMA RECEPÇÃO ÍNTIMA EM SUA RESIDÊNCIA NA RUA PAISSANDÚ. A GRAVURA É UM FLAGRANTE TOMADO DURANTE O ÁTO, QUANDO JOSÉ — QUE NÃO CHOROU — ERA CONDUZIDO POR SUA MADRINHA SNRA. VERA N. ANDRADE.

O PRESIDENTE GETULIO VARGAS EXAMINANDO VELHOS DOCUMENTOS NO MUSEU ARTISTICO DA GLORIA DO OUTEIRO, EM COMPANHIA DOS DESEMBARGADORES EDGARD COSTA E LAFAYETTE DE ANDRADA, POR OCASIÃO DE SUA ÚLTIMA VISITA ÀQUELA RELÍQUIA DA CIDADE.

49



Toilettes da Primavera



1 — VESTIDO COM A BLUSA EM ESTILO "CHEMISIER", BOLSOS E PUNHOS ENFEITADOS DE TACHINHAS A SAIA EM ESTILO AVENTAL PREGUEADO.

2 — DE LINHAS ESBELTAS, ESTE VESTIDO TEM COMO REALCE UNS RECORTES DA MESMA FAZENDA OU "PINES" EM FORMA DE FLEXAS COM AS PONTAS EM SEDA (BORDADO). CINTO UM POUCO LARGO.

3 — ESTILO CHEMISIER, A ORIGINALIDADE CONSISTE NOS DOIS GRACIOSOS LAÇOS QUE SE UNEM EM PONTA NA FRENTE DA CINTURA.

4 — ESTILIZADO CAMPONIO, COM O CORPETE AJUSTADO, E NA SAIA GRUPOS DE PREGAS DOS LADOS, TODO ABOTOADO ATÉ O MEIO DA SÁIA, DECOTE ARREDONDANDO EM V COM UM BORDADO INGLÊS AO REDOR E NOS PUNHOS, PODE SER FEITO EM FLANELA.

5 — VESTIDO EM LÃ FINA, O CORTE DA BLUSA FORMA ABAS SOBRE A MANGA 3/4, DECOTE QUADRADO, A SAIA TEM UMA PREGA ATÉ O MEIO E RECORTES DOS LADOS ABOTOADOS, BOTÕES GRANDES E VISTOSOS NA BLUSA E DOS LADOS DA SAIA (MENORES).



OLAVO DE BARROS

Anselmo Domingos



O S C A R I T O

RESPOSTA:

Lembro-me de uma reportagem que fiz há muito tempo. O título era assim: "Vale a pena ser palhaço"? Ninguém respondeu nada. E agora vejo nos jornais que o Benjamim de Oliveira, o famoso preto do alvaíade, recorreu ao sr. Presidente da República pedindo uma ajuda para confortar um pouco a velhice. Tardou, mas veio, a resposta à minha pergunta.

FRANQUEZA:

Desculpem-me a sem-cerimonia, mas o genero de atriz que há mais no nosso teatro é o de ingenua. E tenho dito.

DESCOMPOSTURA:

Os críticos de teatro, sem nenhuma honrosa exceção, acabam de levar uma tunda em regra, passada pelo Sr. Santa Rosa. Entre outras coisas, deu a entender que tudo que o Mário Nunes escreve, o Mário Nunes e o Bandeira Duarte, e o Mário Hora, e o José Lyra e o Serra Pinto, não passa de reflexos de conversa de botequim. Quem diria heim, dr. Mário? Depois de tanto tempo!

FAMILIAR:

Eu vi logo que o título da peça do Mateus da Fontoura tinha que ter uma razão. Não é por qualquer dá cá aquela palha que a gente batiza uma coisa com o nome de "segredo de família". Hoje todo o meio teatral já sabe, e agora o público vai ficar sabendo que Nelma Costa, Cora Costa e Alvaro Costa não fazem mais parte do elenco de Jaime Costa. É a nova peça do Gloria tem um título bonito: "Segredo de Família". Salve o Mateus da Fontoura! Metendo-se na vida dos outros, heim?

JORNAL:

Sem intuito de propaganda, a Rádio Tamoio está apresentando em nova fase

o famoso "Jornal dos Teatros" que Olavo de Barros fundou. Às 1 1/4 horas das 5.ªs feiras o Olavo fala. À mesma hora das 2.ªs feiras, é o dégas.

GOSTO:

Os dois melhores títulos de peças do teatro brasileiro, na minha opinião, sempre foram: "A Vida Brigou Comigo", do meu amigo José Vanderley, e "O Burro" do também meu amigo Joracy Camargo. Agora, porém, entra outra para o rol: "Cidadão Zero" dos meus amigos Gastão Pereira da Silva e Delorges. E' isso mesmo. Quando eu quizer batizar uma peça, vou dar também para ir ver as caras do "Tangará", aquele pomposo bar que interrompe o trânsito do beco que liga o Rival à Cinelandia.

SENSACIONAL:

Num segundo eu pensei que o Olavo de Barros estivesse doido! Ele entrou pela estação a dentro, braços alevantados, cabelos em pé, rosto vermelho, peito estufado, voz de tragédia, e agarrando-me como se agarra um frango ele explodiu: — Sensacional, seu Anselmo, sensacional! Imagine que acaba de se saber agora o seguinte: a próxima revista da Cia. Beatriz Costa, no João Caetano, não é de autoria do Freire Junior!!!

RENOVAÇÃO:

Foi visto na porta de um teatro conhecido "renovador" com dois volumes em baixo do braço. Um era o "José do Teilhado" e o outro a "Virgem Morta". Esse negocio de "adaptação" e "modernização" é um troço muito sério, não brinquem, não!

PESAMES:

Por quem os sinos dobram? Ora essa, pela "Comédia Brasileira".

Copa e Cosinha



Mme. RISOLETA

M E N U

ENROLADO DE FIAMBRE — SOUFFLÉ DE FRANGO — BOLOS DE ARROZ

ENROLADO DE FIAMBRE

Bater bem 6 ovos com um pouco de sal fino; pôr em banho-maria até ficar bem espumoso e espesso, juntar-lhe 100 grs. de farinha e misturar, então, mexendo suavemente. Forrar uma assadeira pequena com papel impermeável amanteigado e despejar a massa espalhando-a; pôr a assar em forno quente por uns 10 minutos. Tira-la e pô-la sobre uma pedra humida e deixa-la esfriar.

Preparar uma maionese com 4 gemas e que fique bem espessa, temperar com sal, pimenta, mostarda e limão.

Passar na maquina umas 200 grs. de presunto e tempera-lo com salsa picada fininha e um pouco da maionese.

Untar a massa com a maionese, pôr em cima o presunto e enrola-la com cuidado. Enfeitar por cima com o resto da maionese, azeitonas, rodela de tomate, rodela de ovo e aliace.

SOUFFLÉ DE FRANGO

Cozinhar em agua e sal meio frango, separar a carne dos ossos e passa-la na maquina. Pôr em panela enlouçada uma colher cheia de manteiga, derrete-la, juntar-lhe duas colheradas de farinha, deixar cozinhar um pouco e juntar meio litro de leite, seguir cozinhando a fogo lento e mexendo sempre até ficar bem espessa. Retirar do fogo e juntar-lhe o frango, 4 gemas, sal, pimenta, noz moscada ralada e por último 4 claras batidas em neve. Pôr em fôrma amanteigada e levar ao forno, temperatura regular, por uns 40 minutos.

BOLOS DE ARROZ

Ponha em uma caçarola uma colher de banha, alho, cebolinha, salsa e tomate, tudo picado fino; depois de refogado o tempero ponha o arroz bem lavado e escorrido, deixe dourar um pouco, ponha agua morna; quando a agua estiver mais ou menos seca, retire o arroz, misture-o com 2 ovos batidos e ponha-o em forminhas regulares untadas com manteiga; leve ao forno e enfeite cada um com uma azeitona.

Estes bolinhos de arroz são apropriados para guisados, soufflés, etc.



de Radio

DOIS TOPICOS

DJALMA MACIEL

MOVIMENTANDO-SE em um meio onde o culto das boas maneiras e dos grandes gestos de fidalguia é assunto de muito pouca importancia, e a presunção faz parte da educação profissional, Celso Guimarães, locutor da PRE-8 destaca-se por uma atitude permanente de gentileza, de compreensão social, que mais valorisa sua admirável atuação, tornando-o elemento dos mais simpáticos não só de sua classe como também de toda a radiofonia carioca.

Sóbrio e corretíssimo no exercício da profissão, mantendo elevado cartaz artístico como interprete de radio-teatro, jamais alguém o pegou num desses flagrantes de narcisismo imbecil tão ao gosto da fauna microfonica. Certo, ninguém presume que Celso Guimarães, homem do seu tempo, leve a modestia ao ponto de se apagar, de maneira voluntaria, quando tudo lhe indica que seria até perigoso fazê-lo no ambiente radiofonico, paraíso de mediocres lançados á conquista da fama e da fortuna por todas as maneiras, principalmente pela intriga e pela sugestão de falsos valores. Porém, entre o cabotinismo e a deficiência pessoal existe a discreção, da qual o locutor da Praça Mauá se serve com absoluta naturalidade. E' nessa condição de trabalhador util, de cidadão digno, de camarada de trato educadíssimo, que hoje vem a propósito a inclusão do seu nome nesta pagina, como expressão de uma classe que, se possui em seu seio um punhado de analfabetos, de processados por sedução de donzelas, de negociatas de aguas-turvas, também conta com a presença de sapazes do tope moral e intelectual de Celso Guimarães, Saint-Clair Lopes, Rubens Amaral, Homero Bruce, Urbano Lóis, Eduardo Brown e outros.

Renovação de valores! Renovação de valores! — é o grito que já ha tres ou quatro anos se escuta em todos

BIO-HEPAX
PACIFICADOR DO FIGADO
PRODUTO DO LABORATÓRIO DA QUARAMIDINA



Em São Paulo...
e sempre agradável uma visita
aos Maiores Estabelecimentos
de Modas do Brasil

Casa Anglo-Brasileira
Sucessora de Mappin Stores
Pr Ramos de Azevedo, 131



Marília Baptista.

os cantos e bibocas da radiofonia nacional, reclamando o aparecimento de gente nova. E não surge ninguém com os meritos suficientes para fazer a substituição de meia dúzia de medalhões cheios de mofa, que se agarraram como carrapatos aos microfones da cidade. Cantores de fancia passam pelos studios como as rosas malherbianas: — cheirosas, mas transitorias; e alguns por ai ficam arrastando perpetuo e incuravel ridiculo. Estas considerações me vêm á memoria lendo uma biografia relampago de Francisco Alves, na *Folha Carioca*. O homem nasceu em 1894 e estreou como artista em 1917: — 50 invernos de idade; 27 de cantoria, portanto! E, segundo dizem os nossos confrades, continua a ser o "Rei da Voz"... Mas será mesmo? E' o caso de se formular outro apelo á juventude amiga da musica e do canto: — Apresente-se, faça força para vencer no radio. Quando não por interesse pessoal, ao menos por caridade para com o pobre velhote soberano...



Elvira Pagã.

alô... alô...

Pautando-os pelo melhor criterio instrutivo, a Radio Mauá vem apresentando regularmente seus programas de estudio, nos quais ha materia abundante de interesse proletario. E não há anuncios, o que também é muito agradável!

Em comemoração ao "Dia do Radio", a Difusora da Prefeitura transmitiu um programa especial, no qual a palavra oficial foi proferida pelo professor Roquete Pinto, que fez uma palestra tendo como tema: "A PRD-5 e o Radio Brasileiro". Foram também convidados para fazer um retrospecto sobre o desenvolvimento radiofônico brasileiro os criticos de radio desta capital Agnaldo Amado, Anselmo Domingues, Magdala da Gama Oliveira, Braga Filho, Silvio Moreaux, João de Melo, Martins Castelo, Fernando Lobo, Roberto Ruiz, Lopes Gonçalves, Djalma Maciel, Sergio Peixoto, Armando Miguez e Juraci Araujo. Os depoimentos dos criticos serão gravados e integrados á secção documentaria da Discoteca Pública do Distrito Federal.

No SOL
ou FRIO

No AR
ou MAR

NÃO são poucas as ocasiões em que a ação do vento ou da temperatura pôde afetar os lábios fazendo-os ressecar e até rachar.

Lábios gretados e dolorosos são incômodos e desagradáveis, tanto para o belo sexo como para os homens que trabalham expostos às intempéries.

LIP-POMADE é uma criação especial para evitar esse desagradável acidente. Homens e mulheres têm, nesse moderno defensor, a solução desejada graças à qual podem arrastar os ventos, as alturas, as praias, sem qualquer contratempo.

LIP-POMADE
Para os seus lábios

É UM PRODUTO
ROGER & GALLET
PARIS — NOVA YORK — RIO



Deixa aí Menino!

... Aplique-lhe Mentholatum abundantemente, e as suas propriedades analgésicas e refrescantes aliviarão a dor. Ajuda a cicatrizar e a sarar as queimaduras e evita a formação de empoas. O remédio de confiança mundial. Exija o legítimo

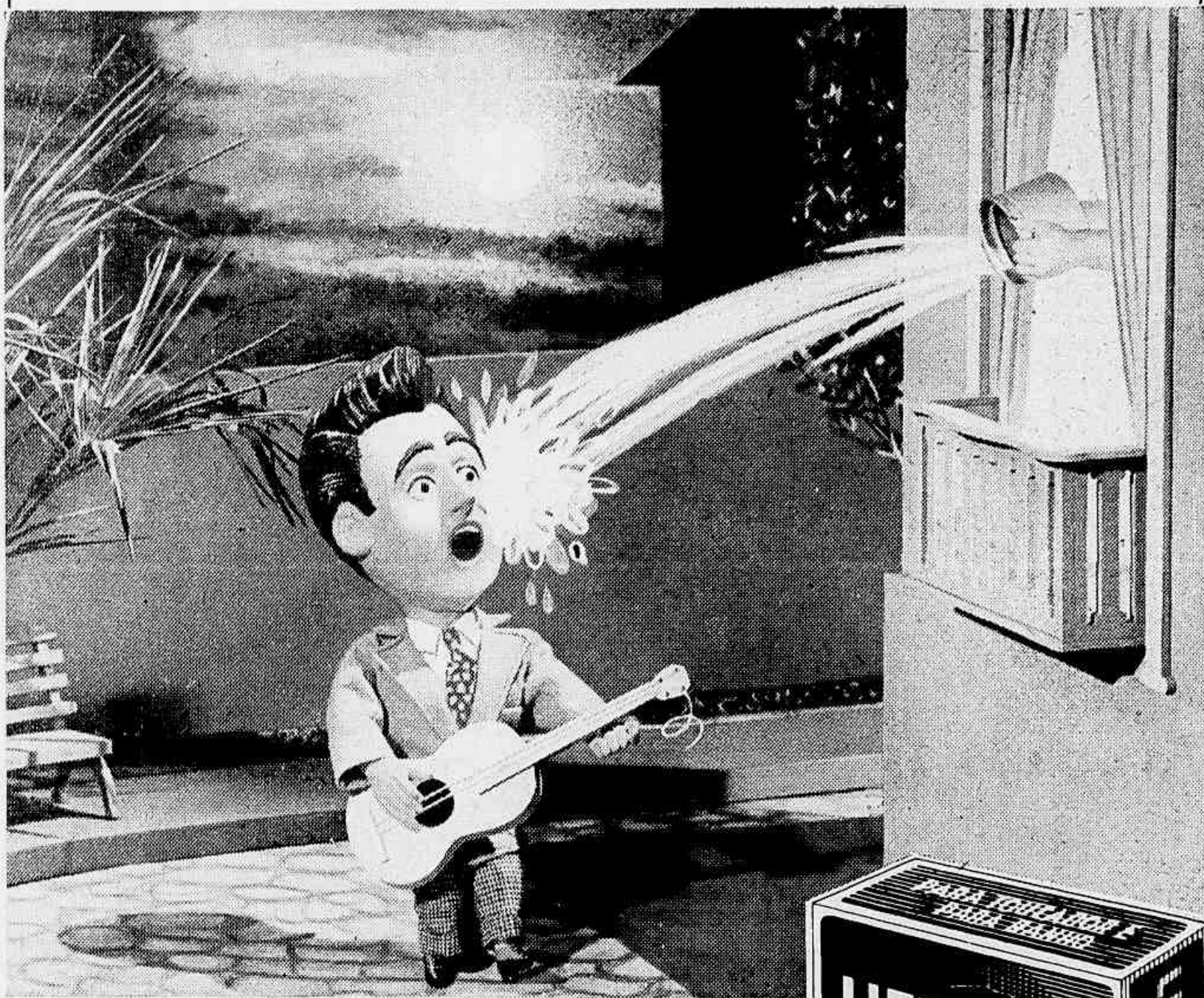
MENTHOLATUM

Numeros atrasados desta Revista no Acre

PEDIR A

Diogenes Oliveira
RIO BRANCO

O "tal" que não usa **LIFEBUOY**



Cuidado! Se as cousas não lhe correm bem, tudo pode ser devido a odores desagradáveis, que Você não sente, mas os outros sim! Comece a usar Lifebuoy, cujo elemento purificador especial...

ASSEGURA SEU "ASSEIO CORPORAL!"



LINTAS Lins 80-0220 A

OUTROS MODELOS

BLONBINE
FAZ OS MAIS LINDOS CABELLOS LOIROS

UM LINDO NOPELO PARA RECEPÇÃO, CASAMENTO OU JANTAR. É DE RAYON CÔR DE FUSCHIA, A BLUSA EM FEITIO DE CASACO É CRUPEADA NA FRENTE APLANADA POR UM BROCHE DE TERN/LIN/S E PEROL/S. A TOQUE É FORMADO POR DUAS ROSAS EM SEDA E VELUDO CÔR DE FUSCHIA-AZULADO, FOLHAS EM VERDE-NEGRO.

VESTIDO DE FOLEFO EM SHANTUNG PRETO E VERDE JADE, A BLUSA EM CREPE DA CHINA COM "POIS" VERDES EM GOLA JABOT. TOQUE-TURBANTE COM "MIMOSAS".



incarelli

ALMIRANTE BARROSO, 5 ★ UM NOME QUE FAZ O RENOME DE UM CALÇADO DE LUXO ★ RIO

Juiz ou réu?

(Continuação da pág. 48)

— Há quanto tempo trabalhava para o patrão?

— Há mais de dez anos...

— Mas, por que não foi ao sindicato?

— Ah, o sindicato! De que serve?

Está sempre dando a razão aos patrões...

— Nesse caso foi inútil toda...

— Mas houve pior. Imagine a se-

nhora que meu amigo ficou tão pertur-

bado com o que acontecera que foi mais

uma vez pedir ao patrão que o readmi-

tisse. Porém de nada adiantou... Tal

foi a sua insistência que o patrão,

afinal, mandou-o botar na rua.

— E depois?

— Depois, depois, veio pior...

— Sim?

— Imagine a senhora que meu amigo

resolveu matar o patrão. Comprou

um revólver de segunda mão numa loja

e foi à casa do patrão. Porém essa estava

bem guardada e não havia meio de

entrar. Era um palacete nas redondezas

da cidade. Finalmente veio um carro

da lavanderia e parou ao portão. Meu

amigo aproveitou a oportunidade. En-

trou no carro e, quando estava dentro

da propriedade, saiu, e se foi esconder

dentro da casa do patrão... O patrão

chegou... Meu amigo tomou a arma e...

E houve uma detonação...

— Sim?

— O patrão caiu morto. Meu amigo

fugiu pela janela, que estava aberta.

Justamente a janela por onde o crimi-

noso atirara.

— Por onde, quem atirara?

— Sim. Alguém matou o patrão.

Mas não foi meu amigo. Foi alguém

que chegou à janela e... e atirou.

Mas meu amigo vai se ver em apuros.

Vão procurá-lo. Vão dizer que foi ele

quem matou, que...

— Não creio que haja perigo sério...

— Realmente?

— Claro. Seu amigo poderá provar

que não foi ele quem matou...

— Mas como?

— Ora! É simples...

— Diga, diga e eu transmitirei a ele...

— Pois bem...

— Um momento. Quero tomar nota

para dizer a ele.

O juiz não conteve um sorriso diante

de ingenuidade do rapaz. Porém ficou

muito sério.

— É simples, disse, por fim. Deve

haver, perto da janela duas séries de

pégadas. Uma delas do amigo que

partira da janela para a rua. É só.

Mas a outra série deve ser de ida e

volta. Seu amigo estava dentro de

casa, porém o criminoso veio até à ja-

nela e saiu. E há outros meios. A arma

de seu amigo terá vestígios, sempre os

há, de que não foi descarregada. E as

balas, podem muito bem ser de calibre

diferente...

— A senhora acha que ele consegue

livrar-se se provar tudo isso?

— Claro. É mais do que suficiente.

— Muito obrigado, juiz, muito obri-

gado. Não sei como agradecer.

— Ora isso não é nada. Dê bons con-

selhos ao seu amigo...

E ele saiu, correndo quasi...

*

— ...e eu ainda fiquei sorrindo. Sam,

pensando que tinha contribuído para

soltar um inocente...

— Mas por que está tão triste? Ele

não foi, de fato, solto? Você deu ótimos

conselhos.

O juiz levantou os olhos arregalados.

— Sam, você reparou na data do

crime? Brandon foi assassinado no

dia em que nós chegamos em Havana...

O advogado deu um pulo na cadeira.

— "Meu Deus! Você deu aqueles

conselhos antes..."

— "Antes de partirmos para Havana,

em férias — antes do crime", confirmou

perturbadíssima.

— "Mas então...?"

— "Você não compreendeu? Eu mos-

trei a ele a maneira pela qual seria pos-

sível lançar a culpa sobre um desco-

nhecido qualquer e provar concluden-

temente a sua inocência. Ele deve

ter feito duas séries de pegadas, de ida

e volta, como se duas pessoas tivessem

ido até à janela. Deve ter arranjado

outra arma, diferente da que ostensiva-

mente adquirira na loja de segunda

mão. E eu, eu, fui quem lhe ensinou a

fazer tudo isso!"

A nossa Capa



INGRID BERGMAN, a estrela do dia, depois de seu esplendido trabalho no filme *Por quem os sinos dobram*, ocupa o lugar de honra deste número. Podem surgir desavenças, e realmente apareceram, quanto ao mérito maior ou menor daquela realização cinematográfica, mas as opiniões acordaram em relação ao desempenho que a criadora de *Intermezzo* deu à parte de Maria, na adaptação da novela de Hemingway. E de tal modo a composição do tipo se apurou que a sua admirável "cabeça", de cabelos tosados, passou a ser um motivo de forte atração feminina. Nesta mesma edição, os leitores encontram ampla reportagem sobre a questão literária do momento, ligada ao nome de Monteiro Lobato e ao convite que a Academia Brasileira de Letras teria endereçado, ou viria a ser feito ainda, para ocupar, no cenáculo dos "imortais", a cadeira de Alcides Maya. Além desses, outros assuntos em ordem do dia, nacionais e internacionais, estão sendo fartamente comentados e ilustrados na edição da REVISTA DA SEMANA que o leitor tem em mãos.

NO PROXIMO NUMERO: — Novos e importantes mapas da guerra, focalizando os setores onde a luta se desenvolve agora mais forte, inclusive o mapa da Alemanha já invadida.

HA 50 ANOS



A COLOMBO foi inaugurada em 1894, quando o Rio de Janeiro era uma pequena cidade de hábitos provincianos...

A cidade fez vertiginosos progressos, transformando-se na grande metrópole que é hoje.

A COLOMBO acompanhou pari-passu esse progresso. E, tradicional pela linha impecável da sua atuação comercial, é contemporânea pela sua perfeita adaptação ao ambiente da atualidade.



A COLOMBO acompanha, na primeira linha, o Progresso que marcha.

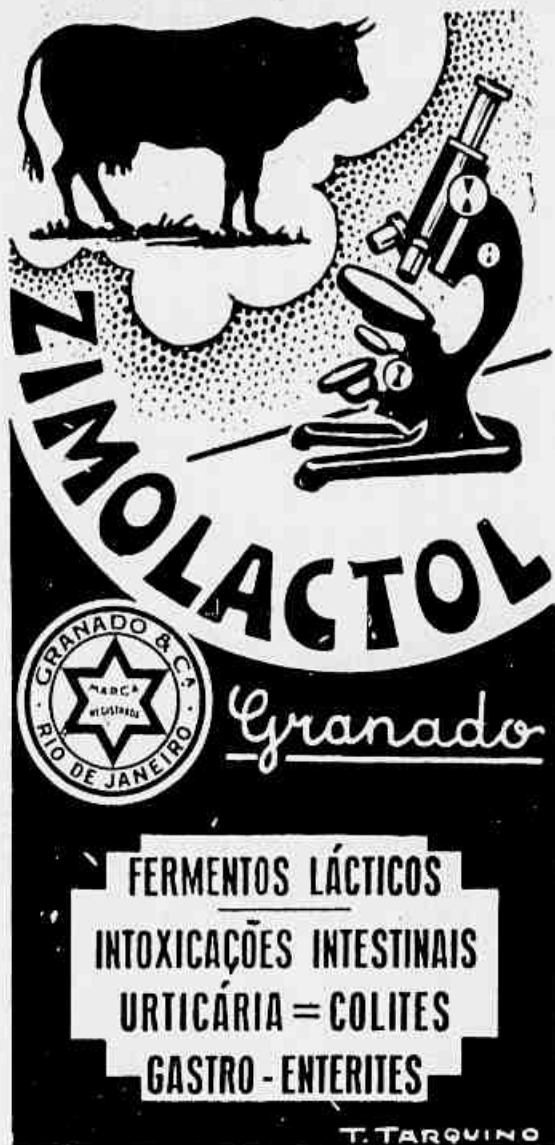
Colombo

Não! VOCÊ NÃO É UM FRACASSADO de há muito você procura...

...descobrir um remédio para esse mal que o deprime moral e fisicamente perante a sociedade. CATUASE COMPOSTA é o remédio, preparado com um grande vegetal de nossa flora cujas propriedades estimulantes e vitalizadoras em combinação com o alcalóide da "foimbehoa" e hormônios cerebral e testicular, agem rapidamente no combate à debilidade neuro-muscular e viril, astenia (fraqueza nervosa), desânimo. Não encontrando na sua farmácia, peça ao depositário. Caixa Postal, 1874 — São Paulo.



CATUASE COMPOSTA



ZIMOLACTOL

GRANADO & CIA.
RIO DE JANEIRO

FERMENTOS LÁCTICOS
INTOXICAÇÕES INTESTINAIS
URTICÁRIA = COLITES
GASTRO-ENTERITES

T. TARQUINO

Desprende, joga
ou cai a sua
DENTADURA POSTIÇA?

FIXODENT, um pó aperfeiçoado para polvilhar as dentaduras postizas, conserva-as com maior firmeza na boca. Assim elas não desarticulam, não jogam e não caem. FIXODENT não deixa nenhuma sensação pegajosa. É alcalino (não ácido). Não amarga a boca. Combate o "cheiro de dentadura postiza". Perfuma o hálito. Compre FIXODENT hoje mesmo, em qualquer farmácia ou depósito dentário.

Distribuidora para todo o Brasil:
ODONTOLOGIA AMERICANA
Av. Rio Branco, 114, 1.º - Rio

DOR de ESTOMAGO?
AZIA - MÁ DIGESTÃO
DISPEPSIA - ULCERAS

Papéis
BANKETS



PRISÃO de VENTRE?
Pilulas
ALOICAS



REGULARIZAM OS INTESTINOS SEM TORTURA-LOS

Senhoras!
Se a
Natureza Falha

MENAGOL
REGULA

Numeros atrasados desta
Revista em Sergipe

PROCURAR A
LIVRARIA REGINA

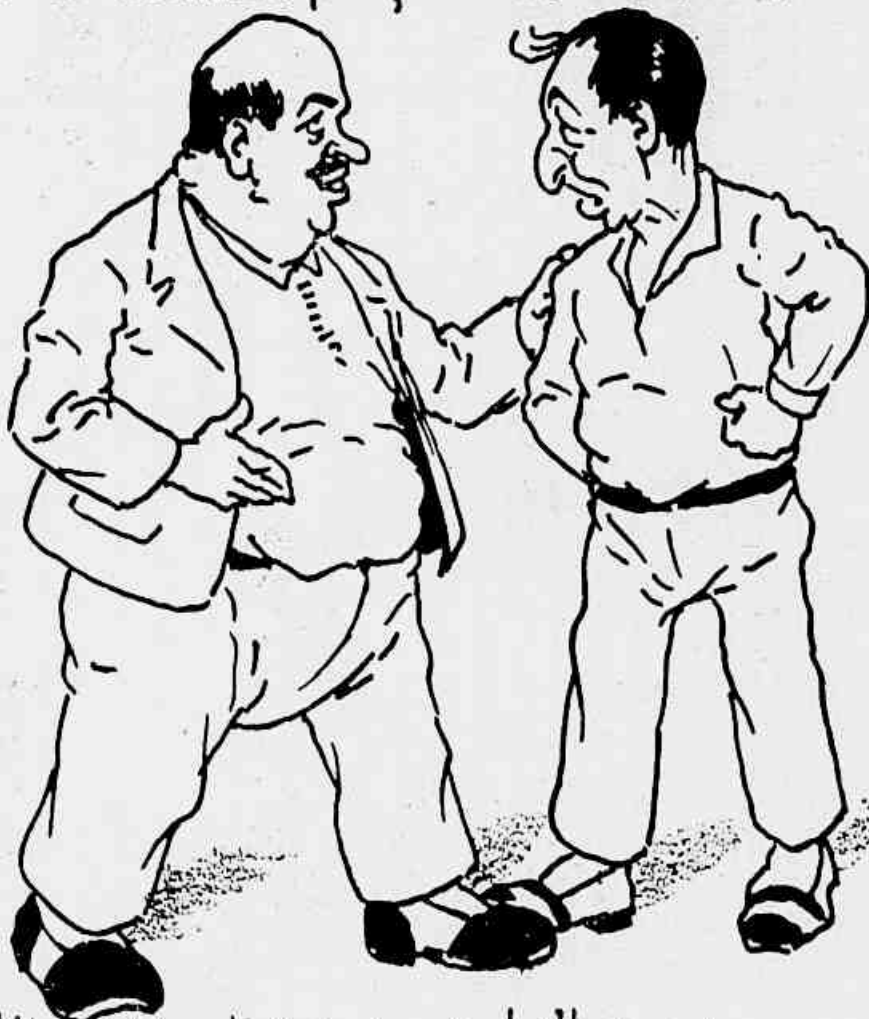
Vida moderna



- O peixe é bom contra pequenas sardas.
- Está louca?... E o preço das sardinhas?



- Por favor! Ao menos uma caixa de fósforos...



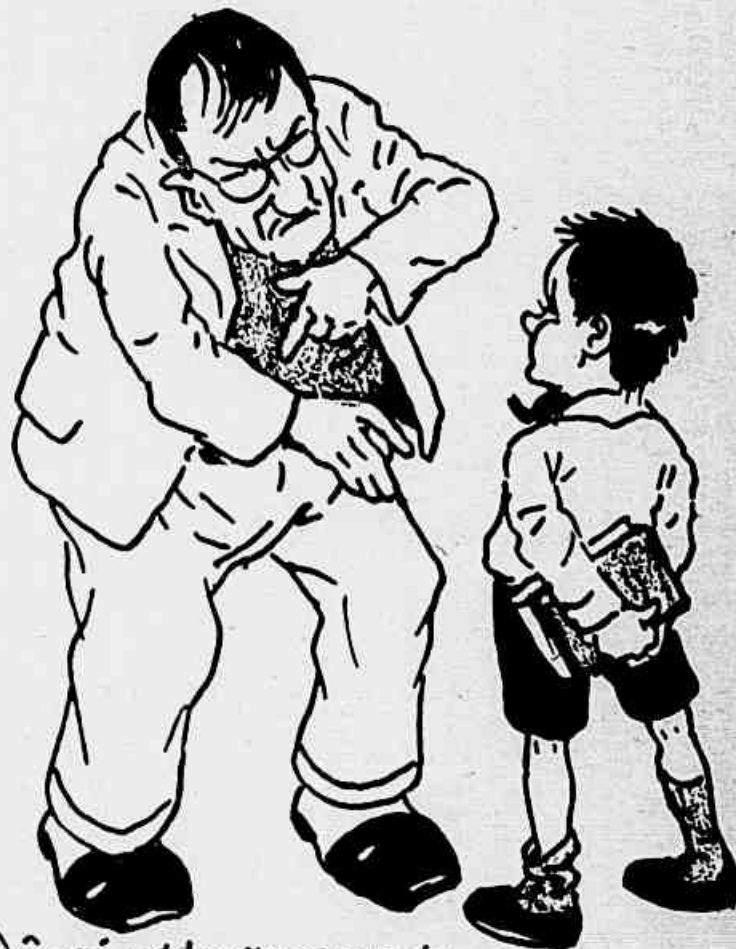
- Sabe? Montei casa de bilhares.
- Então vae ganhar por tabela.



- O! as crianças de hoje não mais
respeitam nossas cãs já grisalhas.



- Tem uma horta da Vitória?
Faz muito bem. A horta! A liça!...



- Dê cá esse romance.
- Não posso. É leitura para homens.

WEHRINGER — Rogo-lhe que se sente, madame...

DENISE — Obrigada...

WEHRINGER — Sra.. Westbury, eu não quiz importuná-la no seu pezar, mas não preciso repetir que tem em mim, não ousa empregar a palavra amigo, mas um homem que lhe é inteiramente dedicado.

DENISE — Capitão, sou-lhe muito grata pela sua delicadeza...

WEHRINGER — Oh, madame... por quem é... A quem devo a honra de tão encantadora visita? Que deseja hoje?

DENISE — A notícia, capitão, que me deu ontem, foi confirmada pela Cruz Vermelha.

WEHRINGER — Bem vê, madame Westbury, que o serviço informativo alemão é de uma exatidão a toda prova...

DENISE — Tive essa oportunidade, senhor... acredito... Eu, capitão, recebi alguns objetos que pertenceram ao meu pobre marido. Então, diante dessa confirmação, eu queria cumprir o último desejo de Leslie.

WEHRINGER — Qual?

DENISE — Antes de partir para a frente, meu marido me havia pedido que, se lhe acontecesse algum mal, eu colocasse o seu retrato no salão do castelo, ao lado do de meu pai.

WEHRINGER — E o que deseja pedir-me é isso, madame Westbury?

DENISE — Eu lhe ficaria muito grata se me autorizasse a fazê-lo. Aqui está a fotografia do meu falecido espôso, capitão...

WEHRINGER — Mas, senhora Westbury, não precisa de minha licença para honrar a memória de um adversário morto no campo de honra. Tem a liberdade de entrar no salão, aliás onde não está ninguém a uma hora dessas...

DENISE — Fico-lhe imensamente grata, capitão...

WEHRINGER — Trouxe flôres... espere... vou buscar um vaso... na saleta ao lado. Lembro-me ter visto um pequeno vaso de cristal... vou apanhá-lo...

Contra-regra: passos que se afastam.

DENISE (baixinho) — Sim... não estás morto, querido... sinto que em tudo isso há alguma coisa que não posso saber por enquanto... Oh!...

Contra-regra: passos que se aproximam lentamente.

ZIMMERMAN — Perdão, madame Westbury... será que lhe causo tanto pavor... assustou-se tanto assim com a minha presença?

DENISE — Perdão, doutor... foi por causa do espelho... Sou um pouco assustada, mas...

ZIMMERMAN (rindo) — Um pouco... Perdão, madame... mas sou obrigado... E' o imperativo das funções que exerço... Quem a autorizou a entrar no salão?

DENISE — Capitão Kurt Wehringer...

ZIMMERMAN — Ah!... Capitão Wehringer.

Contra-regra: passos que se aproximam.

DENISE — Aí vem o capitão... Ele... êle foi apanhar um vaso de flôres...

Contra-regra: passos que se aproximam.

ZIMMERMAN — Heil, Hitler!...

WEHRINGER — Heil, Hitler!...

ZIMMERMAN — Este retrato, madame Westbury?

DENISE — Meu marido, senhor...

ZIMMERMAN — Ah... sim...

DENISE — Obrigada pela gentileza, capitão... Aliás teve uma esplêndida lembrança, pois este vaso foi presente de Leslie...

ZIMMERMAN — Permita-me, madame, que veja mais de perto o retrato de seu marido, o capitão Leslie Westbury, do Regimento Could Estreams Arms...

DENISE — Pois não... (hesitante) Aqui... aqui... aqui está, doutor...

ZIMMERMAN — Obrigado...

DENISE — Eu queria honrar a sua memória ponde estas flôres no seu retrato

ZIMMERMAN — E' o seu marido, madame Westbury?

DENISE — Sim...

ZIMMERMAN — Com licença... (pausa).

DENISE — Que foi, doutor?

ZIMMERMAN — Ele escreveu isto recentemente?

DENISE — Isto... isto...

ZIMMERMAN — Sim, madame... pergunto-lhe se êle escreveu esta dedicatória neste canto da fotografia recentemente?

DENISE — Sim... no dia do nosso noivado.

ZIMMERMAN — Hum... (pausa) Hum...

DENISE — Por que, senhor?

ZIMMERMAN — Por que? Como? O que é afinal estranho, madame Westbury?

DENISE — Não estou estranhando nada... acho apenas que o doutor tem algo a me perguntar... não é assim?

ZIMMERMAN — Sobre esta fotografia, madame?

DENISE — Sim...

ZIMMERMAN — Não... absolutamente nada... acho que seu marido, madame, era um belo oficial...

DENISE (aliviada) — Ah!... Sim... obrigada... obrigada...

ZIMMERMAN — Madame, que condecoração é esta?

DENISE — A Military Cross, êle a conquistara nas Índias.

ZIMMERMAN — Onde foi tirada esta fotografia?

DENISE — Como?

ZIMMERMAN — Onde foi tirada esta fotografia, madame... Meu francês não é tão confuso... onde foi tirada esta fotografia?

DENISE (hesitante) — Em Londres...

ZIMMERMAN (forte) — Onde?

DENISE — Em Londres, senhor...

ZIMMERMAN — Quando?

DENISE — Poucos dias antes de nosso noivado, senhor.

ZIMMERMAN — Está pálida, madame... Estou quase acreditando que lhe causo um pavor extraordinário...

DENISE — Não, senhor... Sinto-me imensamente nervosa, creia...

ZIMMERMAN — Examinando detalhadamente a fotografia de seu espôso cheguei a uma conclusão, madame Westbury...

DENISE — A uma conclusão? O doutor disse...

ZIMMERMAN — Sim, madame... O seu marido não era nada generoso...

DENISE — Oh... não compreendo, dr. Zimmerman. não compreendo...

ZIMMERMAN — Seu marido era um pouco escocês por parte da avó, aposto...

DENISE — Por que diz isso, dr. Zimmerman?

ZIMMERMAN — Porque lhe ofereceu uma fotografia numa ordinárrissima moldura, madame... Esta moldura custou dois shillings e seis pence... Veja... Neste canto apagado está o número dois, depois uma barra e um seis.

DENISE — E' verdade... não reparei isso... Tem razão, dr. Zimmerman... tem razão...

ZIMMERMAN (rindo) — Bem vê, minha senhora... nada nos escapa... Nem mesmo os menores detalhes... E ainda há quem zombe da Gestapo... Bem... Meus cumprimentos, madame... Perdão, capitão Wehringer... sinto muito ter tomado o seu tempo, creio que foi bem precioso o tempo perdido... (rindo) Mas a obrigação... Heil, Hitler!...

WEHRINGER — Heil, Hitler!...

Contra-regra: passos que se afastam.

WEHRINGER — Sinto muito, madame... Sei que passou alguns minutos desagradáveis...

DENISE — Confesso, capitão... confesso...

WEHRINGER — Sente-se... está tão pálida... nervosa... sente-se, suplico-lhe...

DENISE — Obrigada, capitão... mas prefiro voltar para o pavilhão... Queria pedir-lhe um favor, capitão Wehringer...

WEHRINGER (carinhoso) — Madame... um pedido seu é uma ordem, bem sabe disso...

DENISE — Com a sua licença, capitão, eu virei de vez em quando mudar as flôres. Não me recusará essa piedosa oferenda à memória do meu caro desaparecido, não é verdade?

WEHRINGER — Perdão, encantadora senhora... Somos conquistadores, não somos brutos. E para mim será uma grande felicidade, asseguro-lhe... Isso me dará oportunidade de a ver mais a miude... Amava-o muito, senhora?

DENISE — Sim, capitão... Por que fez essa pergunta?

WEHRINGER — Estranho...

DENISE — Estranha?

WEHRINGER — Sim, madame... Sabe que estou alojado no seu quarto, madame...

DENISE — Ainda não alcancei o sentido de suas palavras, capitão?

WEHRINGER — Amava-o tanto... e então, como pode acontecer que eu não tivesse encontrado o retrato dêle no seu quarto? Eu estou morando lá, madame.

DENISE — Ah... eu... é fácil explicar, capitão... Eu possuía apenas êste retrato. Levei-o comigo para o pavilhão...

WEHRINGER — Ah!... Bem vê que a minha estranheza tinha fundamento... Linda joia essa que tem prêsa por um cordão... Um medalhão? Com licença... maravilhoso trabalho de ourivesaria... Lembrança de família, madame Westbury?

DENISE — Sim... foi... foi um presente de minha mãe...

WEHRINGER — Aposto que contém um retrato...

DENISE — Um retrato... sim, capitão... realmente... O retrato de meu pai...

WEHRINGER — Deixe-me ver, madame...

DENISE — Oh!... Capitão...

WEHRINGER — Por que perturbou-se assim... porque pedi para ver o retrato que está encerrado nesse medalhão?

DENISE — Não, capitão... Eu... eu estou perturbada...

WEHRINGER — Perturbada?

DENISE — Sim... o seu olhar... Há uma força estranha no seu olhar... uma força perturbadora...

WEHRINGER — Oh!... Madame Westbury... perdão... madame, não, Denise...

DENISE — Pelo amor de Deus, capitão Wehringer... Não aperte assim a minha mão...

WEHRINGER — Descobriu então no meu olhar a atração que exerce sobre mim, encantadora menina?

DENISE — Por favor, capitão... Eu nem sei o que disse...

WEHRINGER — Disse o que o seu coração está sentindo por mim, Denise... Eu fui um tanto grosseiro... não tive tato... Procedi abruptamente... Logo nos primeiros tempos que a vi... mas bem sabe que estou completamente dominado pelos seus encantos...

DENISE — Pelo amor de Deus... bem sabe... não pode fazer isso, capitão...

WEHRINGER — Não acredito, minha formosa francezinha, que a tenho estreitada nos meus braços!...

DENISE — Não!... Não me beije... não me beije...

WEHRINGER — Amo-a!... Amo-a loucamente, Denise... sabe como estou escravizado por você...

DENISE — Não...

DENISE — Deixe-me!... Nem sei mais o que faço!...

WEHRINGER — Denise... Faz o homem mais venturoso dêste mundo... Este beijo foi a maior glória que consegui!... Onde vai?...

DENISE — Adeus! Oh!... Nem sei o que fiz!...

Contra-regra: passos que se afastam precipitadamente.

INTERLÚDIO

Contra-regra: bater discreto na porta.

ALAIN — Entre!...

IVES (abrindo a porta) — Bom dia, sr. Alain...

ALAIN — Bom dia, Ives...

IVES (ruído de louças) — Seu café, sr. Alain...

ALAIN — Obrigado, Ives...

IVES — O senhor devia tentar sair um pouco, mesmo de muletas, pelas aléias do parque. O velho Charles ainda tem um bom cavalo e um carro.

ALAIN — Fazer o que, meu velho?

IVES — O senhor tem necessidade de se distrair, de tomar ar... Não é bom ficar assim socado dentro dêste quarto. E depois o velho Charles lhe daria as notícias da ocupação... nem sempre muito ruins...

ALAIN — Que há de novo? Com êsses jornais amodagados pela censura não se sabe de nada.

IVES — Mas circulam outros jornais, senhor...

ALAIN — Outros?

IVES — Os clandestinos.

ALAIN — Baixinho, Ives... O nariz dêsse Zimmerman anda por toda parte.

IVES — Tivemos ontem uma execução na Place de La Mairie...

ALAIN — Ontem?

IVES — Sim... na madrugada de ontem... Fuzilaram um desertor.

ALAIN (aterrado) — Não!

IVES — Sim, sr. Alain... fuzilaram um desertor.

ALAIN — Um francês?

IVES — Um antigo artilheiro. Um rapaz do norte, que desertou depois da batalha de Abeville. Parece que auxiliava os agentes ingleses. Total: doze balas no peito.

ALAIN — Foi julgado em Conselho de Guerra?

IVES — Sim... reuniram-se na escola dos rapazes. Não durou muito tempo... Condenado na terça-feira, às seis da tarde. No dia seguinte, de madrugada, estava tudo acabado. Aliás pregaram um cartaz pela região... O senhor quer vê-lo?

ALAIN — Querc...

Contra-regra: ruído de uma folha de jornal.

IVES — Aqui está o jornal...

ALAIN (lendo lentamente e nervoso) — Bekanntmachung... Decisão da Côte Marcial... O soldado desertor do 41.º Regimento de Artilharia de Campanha... Barranger Ernest Dominique foi condenado por espionagem à pena de morte e fuzilado no dia 16 de Setembro de 1940. O lavrador Poarec Jules, domiciliado na fazenda do Petit Mesnil... (Alain nervoso) Basta! Leve êste jornal daqui, Ives!...

IVES — Por favor, meu bom senhor... não se revolte... mas temos outra coisa...

ALAIN — Que é isto?

IVES — Um jornal dos milhares que estão espalhados em toda a França...

ALAIN — Clandestino?

IVES — Sim...

ALAIN — Você se expõe à pena de morte, Ives...

IVES — Eu!... Pouco me importa isso... Aqui estão as declarações... e gritos de reação dos franceses livres espalhados por toda parte do mundo.

ALAIN — Esconda êsse jornal, Ives!...

Contra-regra: abrir violento de porta.

ALAIN — Oh!...

IVES — Esse canalha!...

PICOT — Oh!... (risada) Então... Estão palestrando? Hum... O velho não vem só trazer café... Oh!... (passos cambaleantes) — Esse jornal... Hii... que título! "A França Reage!"...

IVES — Saia daqui, antes que o mate a ponta-pés, canalha!...

PICOT — Quero ver êsse jornal... (risada).

Contra-regra: passos cambaleantes.

PICOT — Quero ver esse jornal, velho... (risada) Custou mas peguei!... (riso). Não adianta esconder... eu já vi... Hum... então o velho não vem apenas para trazer café para o seu amo... Hein? Esse jornal!...

IVES — Sai da minha frente, mostrengo!

PICOT — Hi... hi, que título! "A França Reage!"...

IVES — Sai daqui antes que mate a ponta-pés!...

ALAIN — Entrega o jornal a esse homem, Ives!

IVES — Isto!... Isto aqui, um homem?

PICOT — O jornal!... Eu jurei que ia te mandar para o pelotão de fuzilamento!... (ri) Eu quando juro, velho... eu faço!...

IVES — Mas antes de me fuzilarem vou te dar o que mereces!

... Contra-regra: passos que se afastam.

ALAIN (ordenando energicamente) — Ives!... Não, Ives!...

IVES — O senhor!...

ALAIN — E' uma covardia... seria um gesto imperdoável... Não se pode bater num infeliz desses!...

PICOT — Infeliz!... Sim... infeliz... mas que faz muita gente infeliz também...

ALAIN — Senta-te aí, Ives... Eu vou conversar com Picot!... Deixa-me fechar a porta!...

PICOT — Não mexa na chave... Não feche a porta com a chave!...

Contra-regro: bater de porta. Passos que se aproximam.

ALAIN — Vamos conversar, direitinho, Picot... Que pretendes fazer conosco?

PICOT — Vocês dois bem sabem... não?

ALAIN — Denunciar-nos ao doutor Zimmerman?

PICOT — Eu... Eu... (risada) Bonita... deixe-me ver, sim... Bonita...

ALAIN — A medalha do meu relógio?

PICOT — Hum... hum...

ALAIN — Picot!... Já sei onde queres chegar... a medalha é de ouro... cravejada de diamantes... Vale dois mil e oitocentos francos...

PICOT — Oh!... Oh!... Bonita...

ALAIN — Tu és um homem que se vende àquêle que der mais, não é verdade, corcunda?

PICOT — Não é bem isso... Mas o senhor vai dar a medalha para mim?

ALAIN — Contra o teu silêncio!

PICOT — Eu... não dizer nada ao doutor Zimmerman?

ALAIN — Sim!

PICOT — Me dá a medalha...

IVES — Miserável!... Tipo nojento!...

PICOT — Não quero mais a medalha!... Não quero mais a medalha!...

Contra-regra: passos cambaleantes.

ALAIN — Picot!... Ouve... ouve... O que tens a ver com esse velho? O negócio é comigo!... Cala a boca, Ives... deixa-me tratar com Picot!... Aqui está a medalha... Vou arrancá-la da corrente...

PICOT — Não... não... não... não arranca... vai estragar a medalha... Dá com a corrente e tudo... (rindo) Não estrague a medalha...

ALAIN — A corrente vale o dôbro, Picot!...

PICOT — Não faz mal... eu não fico zangado... aceito a corrente também para não estragar a medalha!...

IVES — Como é sórdido, manhoso e miserável esse corcunda!...

ALAIN — Por favor, Ives!... Nem uma palavra!... Está bem... dar-te-ei a medalha com a corrente do meu relógio... contra o teu silêncio, Picot!...

PICOT — Eu gosto do senhor porque é um homem

inteligente... Sabe o valor da vida... Quem morre, morre... e um relógio... com dinheiro sempre se encontra...

ALAIN — Toma a corrente e a medalha, Picot! (pausa) Toma! Não queres aceitar?

PICOT — E o relógio?

ALAIN — O relógio?

PICOT — Sim... o relógio... (ri).

ALAIN — Não foi a corrente e a medalha que pediste em troca do teu silêncio?

PICOT — Mas como vou usar a corrente e a medalha sem o relógio?...

IVES — Canalha!... Pelo amor de Deus, sr. Alain!... Deixe-me fazer voar esse corcunda canalha pela janela... Deixe-me esborrachar esse verme lá embaixo no pátio!...

PICOT — Quero o relógio... corrente... medalha... senão... (ri) Senão...

ALAIN — Toma!... Corrente, relógio e medalha!... Está bem?

IVES — O senhor tem razão... Ele faz tudo pelo dinheiro!

PICOT — Eu nasci assim com esse gênio... A culpa não é minha... é minha natureza...

ALAIN — Pronto!... Não se discute mais o assunto!

PICOT — O relógio está bom? Trabalha bem?

ALAIN — Maravilhosamente bem... E' um "Patek Philips"...

PICOT — Mas se êle se desarranjar... Precisa conserto... não é?

ALAIN — Que queres dizer com isso!... Dize logo duma vez!

PICOT — Quero mil francos... Pode o relógio se desarranjar e eu já tenho dinheiro para consertar...

IVES — Basta!... Já é de mais!... Vou estrangular esse cão!...

ALAIN — Ives!... Fica onde estás! Mil francos!... Tens alguma coisa mais a pedir?

PICOT — Não!...

ALAIN — Espera... vou apanhar o dinheiro... (passos).

Contra-regra: abrir distante duma gaveta. Passos que se aproximam.

ALAIN — Pronto!... Mil francos!... Toma!...

PICOT — Ah!... Viu!... Com boa vontade tudo se resolve! Queima o jornal!... Eu sou tudo isso que pensam de mim, mas tenho palavra!... Queimem o jornal!... Está aí êle!... Agora, cuidado... não faço mais negócios... até à vista!... (passos cambaleantes).

IVES — Miserável!...

ALAIN — Psiu, Ives... nem uma palavra, meu velho!...

PICOT — Pode xingar à vontade... Tanto faz eu sair como eu ficar... sei que vou ser xingado... (ri).

Contra-regra: passos cambaleantes.**INTERLÚDIO****Técnica: gorgoejo de pássaros bem suaves.**

IVES — Minha senhora...

DENISE — Que queres, meu bom Ives? Papai mandou chamar-me?

IVES — Não, minha senhora... Estive lá no pavilhão à sua procura, mas o meu general me disse que a senhora estava passeando no parque...

DENISE — Disseste que me vens procurar? O que acontece, Ives?

IVES — Não é nada grave, minha senhora... Tranquillize-se. Trago um recado.

DENISE — Da parte de quem?

IVES — Do sr. Alain...

DENISE — Que quer de mim o meu irmão?

IVES — Quer vê-la, madame Westbury.

DENISE — Quando?

IVES — Agora, madame.

DENISE — Está no seu quarto no castelo?

IVES — Não, madame... Está perto da sebe de Olmos, no banco junto ao viveiro de pássaros...

DENISE — Podes ir, Ives... irei meu irmão...

INTERLÚDIO

Técnica: gorgoeio de pássaros levemente.

Contra-regra: passos que se aproximam. Passos na areia.

DENISE — Alain!...

ALAIN — Obrigado, minha irmã... Sei que é um sacrifício vir falar comigo... Sei que meu pai não quer que você advogue a minha causa e proibiu-a mesmo de dirigir-me a palavra... Sei disso tudo, Denise.

DENISE (secamente) — Que queres de mim, Alain?

ALAIN — Por favor, Denise, não me fale assim tão severamente, minha irmã.

DENISE — Por que me mandaste chamar por Ives?

ALAIN — Irene!

DENISE — Irene? Tua espôsa?

ALAIN — Sim... só pode ser ela, Denise... Minha mulher... bem sabe que só penso nessa criatura... Não tem notícia nenhuma de minha espôsa, minha irmã?

DENISE — Não!

ALAIN — Ela não escreve a você nem a papai?

DENISE — Jamais.

ALAIN (maguado) — Oh!... Isso é incrível!... (pausa).

DENISE — Era só isso que desejavas de mim, Alain?

ALAIN — Eu a desagrado, hein? (pausa) Vamos, Denise, dize-mo francamente. Eu a envergonho.

DENISE — Alain, sabes tu no que penso neste momento?

ALAIN — Digal...

DENISE — Penso em nosso pobre irmão Henry, na sua magnífica citação em ordem do dia, na sua bravura sem par e no seu patriotismo sem limites... Penso em nosso irmão, que entregou o seu sangue e a sua vida nos campos de batalha na defesa da pátria!

ALAIN — Bastal! Já sei... ainda não se cansaram de me humilhar... Você me renega como papai... Está bem... Compreendí... Henry está morto... Seu marido está morto... Todos!... Todos, menos eu!... Sou o monstro da família!...

DENISE — Não quero dizer isso, Alain...

ALAIN — Não se desculpe, minha irmã... Pensa como meu pai!... Sou o monstro porque estou vivo... Se tivesse morrido seria um herói! E' preciso, em nossa família, estar morto para ser considerado!... Eis a divisa dos Kerguevens! Ouviu, Denise!... Mas não era a mim que deviam dizer isso!... Deviam ter dito ao milhão e meio de camaradas que se deixaram fazer prisioneiros... Eles também são covardes, ein?

DENISE — Ouve, Alain!...

ALAIN — Não!... Quero que me ouça até o fim... Eles se recusaram a lutar quatro semanas mais tarde do que eu e, ainda por cima, com seus oficiais...

DENISE — Bastal... Alain!... Não insultes êsses infelizes que...

ALAIN — Um momento, minha irmã... Não lhe pedi que viesse falar comigo para discutir estas coisas... Eu errei!... Agora é tarde!... Errei... Sou um criminoso!... Sei disso!... Os outros todos são heróis e eu sou um miserável!... Não falemos mais!... Quer fazer-me um favor, Denise?

DENISE — Qual?

ALAIN — Com as suas relações com as senhoras da Cruz Vermelha de Brest deve poder arranjar um truque para fazer passar a correspondência para a zona não ocupada.

DENISE — E' muito arriscado, Alain.

ALAIN — Eu sei disso.

DENISE — E muito difícil também, meu irmão.

ALAIN — Poderia ao menos tentar. Escute, Denise... Irene está na Riviera, em qualquer parte entre Nice e

Sainte Maxime, certamente. Escreva a várias de suas amigas, perguntando-lhes se encontraram a sua cunhada. Ao menos tente descobrir o seu endereço, isso seria o principal.

DENISE — Por que?

ALAIN — Porque eu lhe escreverei, e você conseguirá que a carta lhe seja entregue.

DENISE — Tu a amas, Alain?

ALAIN — Eu queria revê-la... Quero que ela volte para aqui, Denise...

DENISE — Amas essa mulher, meu irmão... (pausa) quando suspeitas de que tenha partido em Junho, com outro homem?

ALAIN — Oh!... Denise!... Não me torture, minha irmã... Quero pensar em tudo, menos nisso!...

DENISE — Quando suspeitas do que ela faz neste momento? Alguns amigos falaram da conduta de tua mulher em Paris, Alain... E tu também já sabes disso... Enquanto estavas nas linhas de batalha... ela se divertia pelas boites de Montmartre!... Depois de ser humilhado dessa maneira, queres ainda lhe pedir que volte?

ALAIN — Denise!... Suplico-lhe, minha irmã!

DENISE — Onde está a tua dignidade de homem e marido, meu irmão?

ALAIN — Basta!... Isto vale por uma chicotada no rosto, ouviu, Denise!... A minha dignidade de homem!... A sua ironia é feroz, minha irmã!... A minha dignidade desde que fugi da Linha Maginot que valor tem? Não!... Não é assim que deve falar a minha irmã Denise... Antes eu sei... amava-me muito, não é verdade, Denise?... Você tinha idolatria por seu irmão Alain. Tudo se modificou agora... eu sei... Mas ouça-me fora de todos os preconceitos, Denise... ouça-me com o coração cheio de bondade... Já ouviu falar nos morfínômanos, que precisam da morfina para viver falsamente... embora saibam que estão sendo arrastados para a mais angustiantes das mortes? Já viu êsses intoxicados que estendem a mão para seu veneno mortal? Pois bem, Irene, é a minha droga... Essa mulher é o meu veneno... Há meses que tento curar-me... raciocino, Denise... Não posso!... Ela está em mim... Está agarrada à minha pele! Dentro do meu sangue... presa como a pior das obsessões ao meu pensamento!... Não sei viver sem essa mulher... Não sei pensar, respirar, viver enfim sem Irene... Despreze-me, Denise, mas tenha piedade do meu desejo!... Tenho necessidade da presença dessa criatura!... Sei que ela é um demônio encarnado em mulher!... Mas quero-lhe mais do que nunca... Preciso encontrá-la!... Ajude-me!...

DENISE — Não mudas de idéia, Alain? Tens certeza?

ALAIN — Tão certo como me reconheço o homem mais infeliz na terra!

DENISE — Que queres, repete?

ALAIN — Que me ajude a encontrar essa mulher infernal que é a minha espôsa!

DENISE — Não queres mais algum tempo para pensar sobre o que acabas de me pedir, Alain?

ALAIN — Não!... Não me tome por um imbecil, Denise... Sei a dimensão do meu erro e como é profunda a minha indignidade! Eu sou um homem, já posso dizer sem receio de presunção... conheço-me a mim mesmo, e por isso posso conhecer melhor ainda minha mulher... Um vale o outro... dois indignos que se juntaram... dois péssimos caracteres postos um ao lado do outro... Mas quero minha mulher aqui... é tudo! Mais uma vez: posso contar com você, Denise?

DENISE — Está bem... vou tentar com as minhas relações descobrir o endereço de tua espôsa, Alain... Adeus!...

ALAIN — Denise... peço-lhe uma coisa... Quero beijar-lhe a fronte...

DENISE — Não!... Até à vista, Alain de Kergueven...

INTERLÚDIO

Técnica: murmúrios. passos que se aproximam.

OFICIAL — Sentem-se, meus amigos!



UMA MODERNA SALA DE JANTAR

Enquadrada na moldura do artístico e largo portal, aqui está uma bela sala de jantar, mobilada em estilo ultra-moderno, com cadeiras baixas e de estofado de veludo de cores vivas. A mesa é sustentada por dois pés em garras e sobre ela se assentam castiçais de prata e cristal.

O grupo central dos móveis está colocado sobre o tapete oval, ornamentado com arabescos em alto relevo.

Este é mais um modelo da moderna arte decorativa americana, que apresentamos aos nossos leitores.

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES

OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

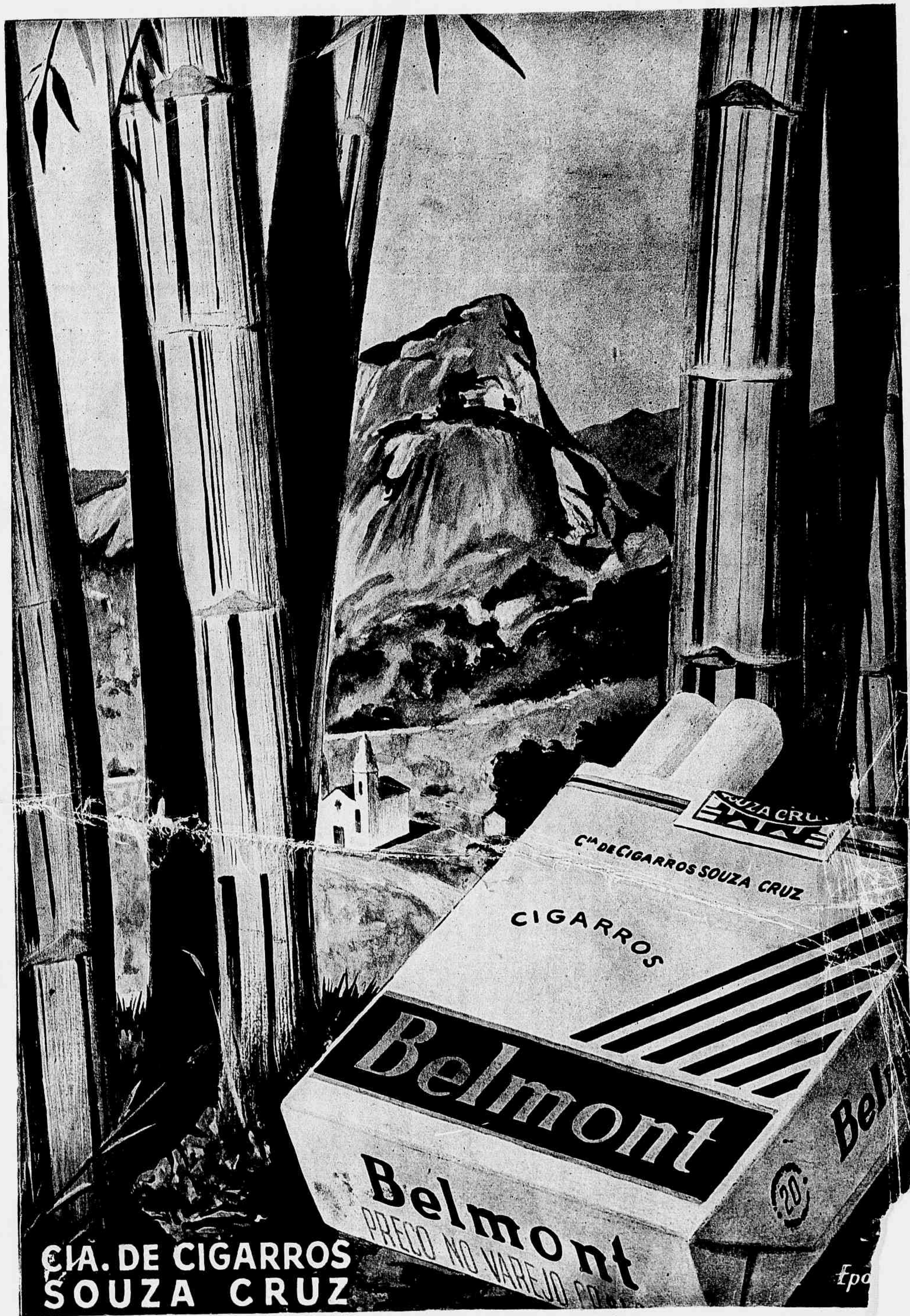
ASA
MARCA

UNES
REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGORA SOMENTE

65 RUA DA CARIOCA-67 RIO

NÃO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS



**CIA. DE CIGARROS
SOUZA CRUZ**

Epo